

MORGANA ROSSETTI

METÁFORAS E METONÍMIAS DE FELICIDADE:
um estudo de língua e cultura

Orientadora: Profa. Dra. Elisa Battisti

Caxias do Sul – RS

2006

MORGANA ROSSETTI

METÁFORAS E METONÍMIAS DE FELICIDADE:

um estudo de língua e cultura

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras e Cultura Regional, com concentração na área de Lingüística e Cultura Regional, pela Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Elisa Battisti

Caxias do Sul – RS

2006

À memória de minha mãe, quem me ensinou a
segurar o pincel e a arriscar os primeiros traços
e as primeiras combinações de cores.
Saudades dessa felicidade fugaz.

AGRADECIMENTOS

Com estas pessoas, compartilho a felicidade de concluir mais uma etapa de minha vida: meus sinceros agradecimentos.

A Deus, pela fortaleza.

Ao Nei, por muito, especialmente pelo amor e incentivo.

À minha família, pela “cobertura”.

À professora Elisa Battisti, pela coragem em encarar o desafio comigo.

Aos professores do Mestrado, pela aprendizagem e pela colaboração na realização deste estudo: Cleodes Maria Piazza Julio Ribeiro, Elisa Battisti, Flávio Loureiro Chaves, Heloísa Pedroso de Moraes Feltes, Jayme Paviani, Loraine Slomp Giron, Marília Conforto, Neires Maria Soldatelli Paviani e Vânia Beatriz Merlotti Herédia.

Aos colegas do Mestrado (Bianca de Vit Begrow, Douglas Ceccagno, Greice Tomasi, Janete Fassini Alves, Márcia Hillebrand, Maria Cristina Zandomenighi Bergamaschi, Marisa Braulio, Marli Cristina Tasca, Nivaldo Pereira da Silva, Patrícia Bastian Alberti, Sinara Maria Boone e Tenisa Zanoto Boeira), pelo companheirismo na caminhada.

Aos informantes, pela gentileza em colaborarem com a pesquisa.

À CAPES, pela oportunidade de realizar meus estudos com dedicação exclusiva.

À pesquisa TEAR, especialmente às professoras Adriane Teresinha Sartori, Isabel Maria Paese Pressanto, Neires Maria Soldatelli Paviani e Niura Maria Fontana, pelo “colo” e pela iniciação à ciência.

À Samira Dall Agnol, pela amizade e por todo o resto decorrente dela, especialmente pela leitura cuidadosa da versão final deste trabalho.

À turma da disciplina *Introdução aos Estudos Lingüísticos* e mais uma vez à professora Elisa Battisti, pela acolhida no estágio docência.

À Ariela, pela disponibilidade em ajudar sempre e pelos muitos papos.

“Quando sente felicidade, a pessoa sorri com os olhos.”

(Sujeito da pesquisa)

“[...] porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho
para alcançar a saúde do espírito.”

(EPICURO, *Carta sobre a felicidade*)

RESUMO

Com o intuito de explicitar a relação entre metáfora e cultura, esta investigação aborda universalidade e variação na conceitualização metafórica e metonímica de felicidade. A análise é realizada a partir de dados coletados em entrevistas realizadas em Antônio Prado (RS) com 20 sujeitos ítalo-brasileiros e luso-brasileiros. Os resultados apontam tanto a universalidade quanto a variabilidade de conceitos metafóricos e metonímicos, revelando a forte ligação entre felicidade e aspectos culturais como família, trabalho e religião. A dimensão étnica não se mostrou significativa na variação, ficando encoberta pela dimensão social.

Palavra-chave: metáfora, metonímia, universalidade, variação, cultura

ABSTRACT

Aiming at specifying the relation between metaphor and culture, this investigation approaches universality and variation in the metaphorical and metonymical conceptualization of happiness. The analysis is made from data collected in interviews hold in Antônio Prado (RS), with 20 italian-brazilian and portuguese-brazilian people. The results point to both universality and variability of metaphorical and metonymical concepts, revealing a strong connection between happiness and cultural aspects like family, work, and religion. The study shows that the ethnical dimension is not outstanding in variation, and is covered up by social dimension.

Key-words: metaphor, metonymy, universality, variability, culture

SUMÁRIO

1INTRODUÇÃO.....	11
2QUADRO TEÓRICO.....	17
2.1 Metáfora no pensamento e na linguagem.....	17
2.1.1 A metáfora e seus domínios.....	19
2.1.2 Categorias de processos mentais.....	21
2.1.3 Metáfora x metonímia.....	22
2.1.4 Corporificação e contexto sócio-cultural.....	24
2.2 Universalidade e variabilidade da metáfora.....	25
2.2.1 Universalidade metafórica.....	26
2.2.2 Variabilidade metafórica.....	27
2.2.2.1 Dimensões da variação metafórica.....	27
2.2.2.2 Variação nos constituintes da metáfora.....	30
2.2.2.3 Causas da variação metafórica.....	33
2.2.3 Metáfora na realidade físico-social.....	39
2.2.4 O caso das emoções.....	40
2.2.4.1 A felicidade em outros estudos.....	41
2.3 Língua: sistema cognitivo e prática social.....	43
2.4 Metáfora e cultura.....	44
2.4.1 Referencial de cultura para a pesquisa com metáfora.....	46
2.4.1.1 Cultura – entendimentos compartilhados.....	47
2.4.1.2 Cultura – sistema de práticas.....	48
2.4.1.3 Cultura – conjunto de signos.....	51
2.5 Imigração, identidade e processos culturais: traçado histórico.....	53
2.5.1 Identidade.....	53
2.5.2 Traçado histórico.....	54
2.5.3 Imigração açoriana, italiana e processos culturais.....	57
2.5.4 Antônio Prado.....	61
3METODOLOGIA.....	64
4APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	68
4.1 Categorização dos dados.....	68
4.2 Perfil dos sujeitos.....	69
4.3 Metáforas.....	75
4.3.1 Metáforas universais.....	75
4.3.2 Metáforas específicas.....	80
4.3.2.1 Personificação.....	85
4.4 Metonímias.....	86
4.4.1 Metonímias universais.....	87
4.4.2 Metonímias específicas.....	92
4.5 Análise das práticas.....	104
4.6 Análise dos signos.....	107
5CONCLUSÃO.....	114
REFERÊNCIAS.....	117
APÊNDICE 1 – FICHA SOCIAL.....	122
APÊNDICE 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	123
ANEXO 1 – PARTE DE FÔLDER DE DIVULGAÇÃO DO MUNICÍPIO – MICRORREGIÃO DA UVA E DO VINHO.....	124
ANEXO 3 – FÔLDER COMPLETO DE DIVULGAÇÃO DO MUNICÍPIO.....	126
ANEXO 4 – MAPA DA LOCALIZAÇÃO DE ANTÔNIO PRADO NO RIO GRANDE DO	

SUL..... 128

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Mapeamento da metáfora conceitual VIDA É UMA VIAGEM.....	19
Quadro 2: Comparação de metáforas para VIDA entre inglês americano e húngaro.....	32
Quadro 3: Mapeamento da metáfora conceitual VIDA É UMA VIAGEM no Velho Testamento.....	33
Quadro 4: Distribuição do número de sujeitos pelas variáveis gênero e descendência.....	69
Quadro 5: Distribuição do número de sujeitos por faixa etária.....	70
Quadro 6: Distribuição do número de sujeitos por estado civil.....	70
Quadro 7: Distribuição do número de sujeitos por paternidade/maternidade.....	71
Quadro 8: Distribuição do número de sujeitos por escolaridade.....	71
Quadro 9: Distribuição do número de sujeitos por profissão.....	72
Quadro 10: Distribuição do número de sujeitos por faixa de renda.....	72
Quadro 11: Distribuição do número de sujeitos por religião.....	73
Quadro 12: Categorias e ocorrências reveladoras de práticas.....	106

1 INTRODUÇÃO

Sobre a confecção de telas

Pintar a tela que se propôs desde o início do curso de Mestrado em Letras e Cultura Regional tornou-se um grande desafio. Principalmente porque a técnica de abordagem que se decidiu seguir ainda não foi suficientemente testada, o que indica os riscos que se corre nas combinações de cores e nos modos de lançar os pincéis à tela. Assim, neste trabalho fica-se desde o princípio consciente das incursões pouco comuns que foram feitas e de suas conseqüências.

A decisão por falar sobre metáfora e cultura, com foco na colonização italiana no Rio Grande do Sul (mais especificamente em Antônio Prado), partiu do fato de que esse fenômeno – ocupação do território por imigrantes italianos – é forte na região e gera o que Manfrói (1999, p. 45) denomina “explosão festiva da italianidade”, que reproduz a vida italiana no Brasil – especialmente a partir da comemoração do centenário da imigração. Embora abordar essa questão seja recorrente inclusive na academia, ficam por conta do objeto de estudo deste trabalho, metáforas de felicidade e suas relações com uma cultura local, os ares de novidade. O pressuposto mais geral desta investigação é a crença numa mente ítalo-brasileira, que se procura estudar de um modo científico e que é revelada pela metáfora como expressão da história social e cultural de um grupo.

Como já bem assinalado na literatura sobre a metáfora, o primeiro a refletir sobre esse fenômeno sob o enfoque teórico foi Aristóteles, nas obras *Arte retórica* e *Arte poética*. Para o filósofo, que analisou a função, a construção e o valor da metáfora, esse tropo¹ é um recurso lingüístico próprio da poética e da persuasão. Isso é o que explica Filipak (1983): Aristóteles define a metáfora relacionando-a aos constituintes (nome, palavra, adjetivo, verbo), e não ao discurso, ao enunciado ou à elocução.

¹ Supra-categoria que envolve a metáfora, a metonímia e a hipérbole, entre outras (CAMARA JR., 1984). Sabe-se que não há consenso em Semântica quanto à consideração da metáfora ou como uso literal ou como uso figurativo. Embora não se discuta essa questão aqui, evita-se o uso do termo 'figura', substituindo-o por 'tropo'.

Depois de Aristóteles, muitos foram os que realizaram estudos sobre a metáfora, principalmente sob uma perspectiva estruturalista, e muitas foram as maneiras de defini-la, de acordo com a área de interesse: por exemplo, na Filosofia, Cícero; na Psicologia, Jacques Lacan; na Semiótica, Charles Sanders Peirce; na Lingüística, George Lakoff; na Antropologia, James Fernandez; etc.

Rompendo com a concepção retórica clássica, qual seja, a de que a metáfora é um adorno da linguagem utilizado com o objetivo de obter um efeito estilístico, e inaugurando um marco nos estudos sobre a metáfora, Lakoff e Johnson (1980) defendem uma abordagem que considera a metáfora uma operação cognitiva fundamental e, conseqüentemente, uma forma de expressão lingüística que permeia a fala cotidiana. Em outras palavras, os autores entendem que a metáfora é uma organização mental que se reflete em ocorrências lingüísticas. Outra idéia central no pensamento de Lakoff e Johnson (1980) é que a base corpórea e experiencial é uma rica fonte para a razão. Ou seja, as experiências que o homem tem com o corpo e o mundo físico são decisivas no modo como ele organiza-se cognitivamente.

Nas últimas décadas, as discussões acerca do fenômeno da metáfora têm se voltado para uma reflexão concernente à variabilidade metafórica enquanto produção marcada ideológica, histórica e culturalmente, recuperando o sujeito nas análises (Charteris-Black, 2003; Deignan, 2003; Kövecses, 2000; 2003a; 2005; Özcaliskan, 2003; Talebinejad; Dastjerdi, 2005; Yu, 2003, para citar apenas alguns exemplos).

Assim, da gama dos estudos contemporâneos que têm por objeto o fenômeno da metáfora, podem-se observar duas grandes perspectivas: na primeira, como é o caso de Lakoff e Johnson (1980) e Gibbs (2003), dentre outros, a preocupação maior dos pesquisadores volta-se ao que se encontra de recorrente no uso de metáforas, isto é, o objetivo principal é buscar o que no uso ordinário da metáfora é universal ou candidato à universalidade. Na segunda perspectiva, da qual são exemplos de estudos os desenvolvidos por Lakoff e Kövecses (1987) e Yu (2003), o foco são as peculiaridades nos usos ordinários da metáfora, o

que os diferencia, ou, em outras palavras, a variabilidade metafórica. Ao agregar esses dois tipos de enfoque, Kövecses (2005) parece apresentar a sistematização teórica mais completa e organizada sobre o assunto, incluindo diferentes aspectos envolvidos nos fenômenos da universalidade e da variabilidade metafórica.

Há ainda alguma discussão quanto ao lugar ocupado nesse tipo de abordagem pelas outras figuras de linguagem e pensamento (para usar a nomenclatura da gramática tradicional), especialmente a metonímia. Como este trabalho não se restringe a uma análise estruturalista desses tropos, mas busca a relação deles com cultura, o referencial teórico que se apresenta é basicamente voltado à metáfora, pois é o mais recorrente nos trabalhos em Linguística Cognitiva. Outros tropos, como a metonímia e a personificação, viabilizam a sistematização mais minuciosa e a análise dos dados.

Nesse contexto e partindo dos pressupostos de que a língua é um sistema cognitivo associado a práticas culturais² e, mais especificamente, de que o estudo de metáforas lingüísticas colabora para o entendimento de culturas e sociedades, o objetivo principal deste trabalho é fortalecer o estudo entre metáfora e cultura, analisando o uso metafórico relativo à felicidade no que concerne à sua universalidade e à sua variabilidade, numa relação mútua. A fundamentação teórica da metáfora vincula-se à proposta inaugurada por Lakoff e Johnson (1980), mas se detém mais especificamente no que propõe Kövecses (2005) quanto ao estudo da universalidade e variabilidade metafórica, sendo complementada pela concepção de cultura como um sistema de conhecimentos, de práticas e de signos, principalmente nas visões de Strauss e Quinn (1997), Bourdieu (2000), Foley (1997) e Geertz (1989).

Com a investigação, pretende-se fazer valer o que defende Kövecses (2005): complementar a visão da Linguística Cognitiva com uma teoria da variação, sem deixar de explicar o que é universal, ou, no mínimo, candidato à universalidade. Esse objetivo,

² A noção de práticas culturais neste trabalho está fundamentada em Bourdieu (2000) e remete, simplificada, a maneiras de fazer e agir esperadas em determinadas situações e organizações, ou ainda, às atividades habituais pressupostas e reproduzidas pelas ações individuais e coletivas, fundamentadas no passado e no presente. Isso está aprofundado na seção 2.4.1.2.

perseguido em um Mestrado em Letras e Cultura Regional, encontra alento nas palavras de Paviani (2004, p. 82):

Os dados, as informações que constituem o *corpus* de pesquisa de diversos problemas só podem ser descritos e/ou explicados ou, ainda, interpretados quando as teorias disponíveis assumirem, em seus fundamentos, a dialética do universal e do regional. Só assim será possível compreender o que somos dentro dos horizontes largos de nosso tempo. Assim, a categoria “cultura regional” é muito mais que um recurso metodológico. É, de fato, o núcleo sobre o qual a investigação interdisciplinar poderá dar visibilidade ao agir e ao fazer humanos, num retrato de corpo inteiro, porém enquadrado no seu verdadeiro cenário.

Além disso, considerando-se a cultura e o exercício da linguagem como práticas, acredita-se que o estudo de metáforas e cultura seja enriquecido com a análise das práticas do grupo, buscando nelas possíveis motivações e sustentações das metáforas. A identificação de práticas e construções culturais coletivas às quais as metáforas estão ligadas, objetivo último desta pesquisa, partirá da análise das metáforas lingüísticas em suas metáforas conceituais³.

Frente a esses pressupostos, as questões que se colocam para esta investigação são as seguintes:

1. Que metáforas lingüísticas são usadas por pradenses quando eles referem-se à felicidade?
2. Quais são as metáforas conceituais ligadas a essas metáforas lingüísticas?
3. Quais dessas metáforas conceituais já foram elencadas em outros estudos sobre felicidade?
4. Quais dessas metáforas conceituais são locais e que construções culturais estão relacionadas a elas?
5. Que práticas sociais motivam e sustentam determinados usos metafóricos?
6. Quais são os signos mencionados nos usos metafóricos?

Tendo-se isso em mente, são hipóteses desta investigação: (a) algumas metáforas de

³ As definições de metáfora lingüística e metáfora conceitual estão detalhadas na seção 2.1.1. Por ora, destaca-se que a primeira é a concretização pela língua, enquanto que a segunda remete ao nível de abstração, de conceitualização.

felicidade, por terem base em experiências corporais primárias, são candidatas à universalidade (KÖVECSES, 2005), enquanto outras podem ser motivadas e sustentadas por práticas sociais e culturais específicas; (b) Antônio Prado, município escolhido para a obtenção dos dados, por ser da antiga Região de Colonização Italiana do Rio Grande do Sul e possuir uma história voltada à preservação da cultura da imigração, possui práticas sociais e culturais e signos peculiares candidatos a refletirem-se no uso da linguagem e, portanto, nas metáforas.

Nesse sentido, o presente trabalho assume relevância em pelo menos três esferas: científica, por colaborar para a formação de um *corpus* de metáforas em língua portuguesa, além de contribuir para os estudos que relacionam metáfora e cultura; social, por prever a descrição de práticas culturais e signos do município de Antônio Prado; e pedagógica, por poder ser útil ao ensino-aprendizagem de português, tanto como língua materna quanto como língua estrangeira, uma vez que o desenvolvimento da habilidade comunicativa de linguagem envolve a competência para interpretar referências culturais e figuras de linguagem (BACHMAN, 1990).

A dissertação está dividida em outros 4 capítulos, além desta introdução: quadro teórico; metodologia; apresentação, análise e discussão dos dados; e conclusão. O capítulo 2 procura dar conta da delimitação do estudo da metáfora conforme Lakoff e Johnson (1980) e da dialética da universalidade e variabilidade metafórica como quer Kövecses (2005), além da relação entre metáfora e cultura, apresentando três referenciais para o estudo de cultura: como entendimentos compartilhados (STRAUSS; QUINN, 1997), como sistema de práticas (BOURDIEU, 2000; FOLEY, 1997) e como conjunto de signos (GEERTZ, 1989). O quadro teórico completa-se com uma reflexão sobre identidade e processos culturais, seção que dá conta de um traçado histórico da Região de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, especialmente de Antônio Prado. No capítulo 3 são apresentadas as bases metodológicas desta investigação, incluindo os instrumentos elaborados especialmente para a pesquisa empírica. O

capítulo 4 contém as análises qualitativas que os dados possibilitaram realizar. Por fim, no capítulo 5 são explicitadas as conclusões, recuperando as hipóteses iniciais e verificando sua confirmação ou refutação.

Enfim, longe da pretensão de ser arte, apresenta-se o relato da confecção de uma tela, a qual, a partir de agora, resta ser apreciada e criticada.

2 QUADRO TEÓRICO

Sustentação e moldura

A fundamentação teórica apresentada nesta seção revisa essencialmente as propostas de Lakoff e Johnson (1980) e Kövecses (2005) quanto ao estudo da metáfora. O referencial sobre cultura é buscado em Strauss e Quinn (1997), Bourdieu (2000), Foley (1997) e Geertz (1989).

2.1 METÁFORA NO PENSAMENTO E NA LINGUAGEM

Interessados no modo como as pessoas compreendem linguagem e experiência, Lakoff e Johnson uniram-se no final da década de 70 para construir juntos uma nova contribuição às teorias filosóficas e lingüísticas do sentido. A repercussão do primeiro trabalho dos autores foi tão grande que hoje *Metaphors we live by*, de 1980, é considerada obra fundamental para quem elege como objeto de estudo a metáfora, motivo pelo qual é a partir dela que se elabora esta seção⁴.

De um modo geral, são duas as principais teses de Lakoff e Johnson (1980): (a) conceitos abstratos são largamente metafóricos, ou seja, muito do que é a realidade não física (social, psicológica...) é conceitualizada na realidade física, em termos de domínios de experiência física; e (b) a mente é corporificada, o que significa que conceitos derivam seu significado através da experiência sensório-motora, direta ou indiretamente.

Na visão de Lakoff e Johnson (1980), a metáfora é entendida como a compreensão de uma 'coisa' em termos de outra, ou seja, uma transposição de domínios. Essas duas 'coisas' são diferentes, mas uma é parcialmente estruturada em termos de outra, no sistema conceitual humano e na linguagem. No nível abstrato, os conceitos são estruturados a ponto de formar um sistema coerente, que se reflete num sistema coerente correspondente de expressões

⁴ As obras desses autores publicadas após *Metaphors we live by* não ganharão relevo no presente estudo porque a perspectiva aqui adotada toma um rumo que não coincide única e ajustadamente com o da Linguística Cognitiva. Uma investigação nessa linha procuraria esclarecer o que é a metáfora e como ela trabalha na mente, e não, conforme foi proposto para esta pesquisa, a relação entre metáfora e contextos sociais, históricos e culturais particulares (KÖVECSES, 2005).

metafóricas.

Ainda para Lakoff e Johnson (1980), o pensamento abstrato – no qual se inclui a metáfora – é um fenômeno que acontece em cinco níveis: lingüístico, conceitual, sócio-cultural, neural e corpóreo. Os autores afirmam que o pensamento metafórico é corporificado, o que significa defender que a metáfora é resultado do modo como o corpo delinea o modo de pensar sobre abstrações, tais como o tempo e as emoções.

Lakoff e Johnson (1980) adotam uma visão experientialista dos fenômenos, na qual as propriedades interacionais da percepção humana, e não as propriedades inerentes às coisas, definem os conceitos. Isso leva à hipótese da corporificação do sistema conceitual: o pensamento abstrato emerge da experiência do homem com o seu corpo e o ambiente físico. Assim, compreender as metáforas de determinado ambiente cultural é entender o modo de pensar e agir do homem (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

Dessa forma, para os autores, a experiência e a compreensão humanas desempenham papéis centrais, e o sistema conceitual ordinário, que governa a maneira de perceber, pensar e agir, é fundamentalmente metafórico. A metáfora conceitual faz emergir na fala expressões de modo natural, automático e inconsciente. Assim sendo, uma das maneiras de acessar esse sistema conceitual são as evidências lingüísticas.

As metáforas conceituais relacionam-se às experiências corporais (de natureza recorrente e co-ocorrente) e aos pressupostos corporais. Por exemplo, as metáforas de orientação espacial emergem dos movimentos corporais (ficar em pé, deitar...) e da noção de verticalidade, resultado do campo gravitacional. Além disso, as experiências têm também uma base cultural, existindo, assim, a possibilidade de distinção entre experiências mais físicas e mais culturais.

Em concordância com o que propõem Lakoff e Johnson (1980) em relação ao fenômeno da metáfora, entende-se que esse seja um recurso não exclusivo à criação literária, mas, essencialmente, uma das formas pelas quais o homem organiza seu pensamento e

expressa lingüisticamente suas idéias no dia-a-dia. Nesse sentido, interessarão para este estudo não somente as metáforas originais, aquelas que são mais usadas por escritores, especialmente os poetas, e que aparecem em algumas situações específicas da fala ordinária; mas também aquelas que, de uma forma ou outra e por um motivo ou outro, acabam tornando-se recorrentes em discursos orais e não são tão particularizadas como as literárias.

2.1.1 A metáfora e seus domínios

Entende-se, neste trabalho, a metáfora como um recurso ao mesmo tempo conceitual, lingüístico, neural-corporificado e sócio-cultural (KÖVECSES, 2005) que envolve um domínio-fonte e um domínio-alvo (LAKOFF; JOHNSON, 1980), fundamentando-se num mapeamento entre esses dois domínios (DEIGNAN, 2003). Essa relação, ou mapeamento, tende a ser assimétrico e unidirecional: de um domínio sensório-motor (fonte) para um domínio de experiência subjetiva (alvo), o que mostra que a metáfora não reflete uma relação de similaridade (LIMA, 2003). Para tornar mais claro como se dá esse mapeamento, toma-se o exemplo da metáfora conceitual VIDA É UMA VIAGEM, que aparece em expressões como “Ela está sem direção na vida” e “Ela irá longe na vida”⁵:

DOMÍNIO-FONTE	DOMÍNIO-ALVO
viajantes	peças conduzindo uma vida
movimento ao longo do caminho	conduzindo uma vida
destinos da viagem	propósitos de vida
obstáculos ao longo do caminho	dificuldades na vida
diferentes caminhos para um ou mais destinos	diferentes maneiras de realizar um ou mais propósitos
distância abrangida ao longo do caminho	progresso feito na vida
localizações ao longo do caminho	estágios na vida
guias ao longo do caminho	ajudantes ou conselheiros na vida

Quadro 1: Mapeamento da metáfora conceitual VIDA É UMA VIAGEM
Fonte: Kövecses (2005, p. 123)

No mapeamento, portanto, são especificados os elementos de cada domínio (fonte e alvo) que co-ocorrem.

Como já mencionado, Lakoff e Johnson (1980) defendem que o fenômeno da metáfora

⁵ Optou-se, neste trabalho, por inserir os exemplos de metáforas conceituais e expressões metafóricas em língua portuguesa, traduzidos ou adaptados da língua inglesa. As metáforas conceituais são apresentadas em caixa alta, e as expressões metafóricas aparecem entre aspas.

é mental e lingüístico. Essa concepção é que faz surgir os conceitos de metáfora conceitual e metáfora lingüística. Enquanto a primeira indica o conceito, a segunda é a concretização, o registro pela língua. No caso do exemplo já citado, VIDA É UMA VIAGEM é a metáfora conceitual, que aparece, na fala, na metáfora lingüística “Ele está sem direção na vida.” (KÖVECSES, 2005).

Vale neste ponto sublinhar como se entende neste trabalho a relação entre metáfora conceitual e lingüística: através de um processo dialético, ou seja, uma está *ligada* à outra, e não uma decorre da outra. Em outras palavras, enquanto o sistema conceitual reflete-se na metáfora lingüística, esta última, por sua vez, interfere na estruturação do sistema conceitual. O pressuposto desse ponto de vista é explicado mais adiante pela noção de *habitus* de Bourdieu (2000): se, por um lado, a cultura (e nela, a língua) colabora na construção do sistema conceitual humano, por outro, ela também é construída por esse sistema.

A metáfora conceitual remete, como já foi mencionado, a uma relação entre dois domínios. O domínio-fonte, ou veículo, é o mais concreto, mais acessível aos sentidos, por isso é o domínio usado para conceitualizar. Por sua vez, o domínio-alvo, ou tópico, é o mais abstrato, por isso é aquele que é conceitualizado. Na metáfora conceitual MENTE É UM RECIPIENTE, que aparece, na fala, na metáfora lingüística “Não consigo tirar essa música da minha cabeça” (LAKOFF; JOHNSON, 1980), o domínio-fonte é RECIPIENTE e o domínio-alvo é MENTE. Por MENTE ser abstrato, a necessidade do uso de um domínio mais concreto para falar ou pensar sobre o conceito torna-se maior. Kövecses (2005) defende que os domínios da emoção, da política, da moralidade, do tempo, da vida e da personalidade são mapeados metaforicamente com mais frequência, pois são extremamente abstratos, contendo componentes coletivos e individuais.

Como já anunciado, neste trabalho não se foca unicamente a conceitualização metafórica. Por isso, torna-se relevante apresentar nesta fundamentação teórica, mesmo que brevemente, outras categorias de processos mentais, foco da próxima seção.

2.1.2 Categorias de processos mentais

Lakoff e Johnson (1980) não dedicaram seu trabalho exclusivamente à metáfora. Os autores destacam as seguintes categorias de processos mentais: metáforas estruturais, metáforas orientacionais, metáforas ontológicas, personificação e metonímia. Eles consideram metáfora estrutural fenômenos em que um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro. Para exemplificar, é citado o caso da metáfora conceitual TEMPO É DINHEIRO: tempo, numa cultura moderna e industrializada, é um bem valioso e um recurso limitado usado para se alcançar objetivos e, portanto, conceitualizado em termos de dinheiro.

Por sua vez, as metáforas orientacionais incluem os fenômenos em que um sistema de conceitos é organizado metaforicamente em relação a outro, desde que este último seja relacionado à orientação espacial, como, por exemplo, para cima-para baixo, dentro-fora, frente-trás, fundo-raso, central-periférico. A motivação para esse tipo de conceitualização surge do tipo de interação que os corpos, por serem como são, têm com o ambiente físico. Os autores afirmam que, apesar dessas oposições binárias que indicam orientação espacial serem de natureza física, as metáforas orientacionais baseadas nelas podem variar de uma cultura para outra, uma vez que a direção relacionada a determinados conceitos pode ser diferente. O exemplo citado por Lakoff e Johnson (1980) é do domínio-alvo FUTURO, que pode, para algumas culturas, ser ligado ao domínio-fonte FRENTE, enquanto, para outras, pode estar relacionado ao domínio-fonte TRÁS. Vários outros exemplos são citados, dentre eles FELICIDADE É PARA CIMA. Os autores arriscam uma possível explicação para essa conceitualização mencionando a base física: enquanto a postura caída corresponde a tristeza e depressão, a postura ereta lembra um estado emocional positivo.

As metáforas ontológicas remetem a experiências com objetos e substâncias físicas. Em outras palavras, elas representam formas de conceber eventos, atividades, emoções, etc. enquanto entidades e substâncias. Um dos exemplos fornecidos por Lakoff e Johnson (1980) é

a metáfora conceitual INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE, que representa, assim como as metáforas ontológicas em geral, a tentativa de lidar racionalmente com as experiências.

A personificação é tratada por Lakoff e Johnson (1980) como um dos casos de metáforas ontológicas no qual objetos físicos, eventos, atividades, emoções, etc. são concebidos como pessoas. A personificação, para os autores, permite compreender uma grande variedade de experiências concernentes a entidades não-humanas em termos de motivações, características e atividades humanas. Por exemplo, a metáfora conceitual INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO fornece, além de uma maneira de pensar sobre a inflação, uma forma de como agir em relação a ela.

Por fim, a metonímia é entendida como uma entidade usada para referir outra relacionada a ela. Para os autores, está inserida na categoria da metonímia a sinédoque (PARTE PELO TODO). Além dessa, são exemplos de metonímias encontrados em Lakoff e Johnson (1980): INSTITUIÇÃO PELOS RESPONSÁVEIS, PRODUTOR PELO PRODUTO, LUGAR PELA INSTITUIÇÃO, OBJETO PELO USUÁRIO.

A seção seguinte dá conta de um assunto ainda muito discutido em Linguística Cognitiva atualmente: as nuances entre os conceitos de dois dos processos mentais apresentados nesta seção: metáfora e metonímia.

2.1.3 Metáfora x metonímia

Cabe nesta seção dar especial atenção à metonímia, considerando-a em relação à metáfora. O objetivo não é fazer uma discussão exaustiva de todos os aspectos envolvidos nessa questão, pois isso renderia um trabalho à parte da presente investigação, mas estabelecer as coordenadas para a posterior análise dos dados. Enquanto a primeira indica uma relação de contigüidade – “a metonymic mapping occurs within a single conceptual domain”⁶ (LAKOFF, 1987, p. 288) –, a segunda remete a uma relação de semelhança – “a metaphoric

⁶ Um mapeamento metonímico ocorre em um único domínio conceitual.

mapping involves a source domain and a target domain”⁷ (LAKOFF, 1987, p. 288). Um exemplo de metonímia conceitual em Kövecses (2005) é AÇÃO PELO RESULTADO. O autor analisa essa metonímia como um estágio da dimensão desenvolvimental do pensamento abstrato (ver seção 2.2.2.1).

A diferenciação precisa entre metáfora e metonímia é imprescindível em estudos que focam o fenômeno da interpretação metafórica, uma vez que, conforme o que entende Pauwels (1999, p. 256), a metáfora requer mais esforço cognitivo do que a metonímia para ser interpretada: “the central element differentiating metaphor and metonymy seems to be the greater cognitive distance (to put in spatial terms) between the concepts involved in metaphor”⁸. Usando esse argumento, Charteris-Black (2003) defende que a diferenciação entre metáfora e metonímia torna-se relevante se o foco de interesse são os processos cognitivos e não tão relevante quando o foco de interesse é a realização linguística.

No caso da conceitualização das emoções, segundo Kövecses (2003b), a preferência pelo processo metafórico ou metonímico indica variação linguística (esse ponto é aprofundado na seção 2.2.2.3). De acordo com o estudo de Taylor e Mbense (1998 *apud* KÖVECSES, 2003b), enquanto o inglês prefere metáforas para conceitualizar a raiva, o zulu usa preferencialmente a metonímia. Outra constatação, conforme King (1989 *apud* KÖVECSES, 2003b) e Yu (1995 *apud* KÖVECSES, 2003b), é que o processo metonímico aparece mais em chinês do que em inglês para o entendimento de emoções.

Mais um exemplo desse caso é a pesquisa apresentada por Charteris-Black (2003), cujo objetivo é comparar os tropos das línguas inglesa e malaia, esta última falada no sudoeste da Ásia. A comparação tem por recorte três domínios-fonte relacionados a partes orais do corpo – boca, lábios e língua. O estudioso chega à conclusão de que a língua inglesa tem tendência a usar a metonímia e a hipérbole, enquanto que a malaia prefere a metáfora e o eufemismo. A partir da análise dos dados, o autor também afirma que, enquanto a metonímia,

⁷ Um mapeamento metafórico envolve um domínio-fonte e um domínio-alvo.

⁸ O elemento central que diferencia metáfora e metonímia parece ser uma maior distância cognitiva (para colocar em termos espaciais) entre os conceitos envolvidos na metáfora.

por sua função referencial, é motivada pelo desejo de economia de esforço, a metáfora tem por função entendimento ou avaliação.

Já se tratando do que metáforas e metonímias apresentam como pontos convergentes, destacam-se a corporificação e o contexto sócio-cultural como motivadores da conceitualização abstrata. A eles dá-se espaço na próxima seção.

2.1.4 Corporificação e contexto sócio-cultural

Pela hipótese da corporificação nos estudos sobre metáforas, presente desde a obra de Lakoff e Johnson (1980), o pensamento metafórico é baseado em experiências correlatas. Por exemplo, há a correlação no corpo entre intensidade (de ação, como ficar com raiva, ou estado, como correr) e calor: o aumento da intensidade da ação ou do estado corresponde a aumento de calor. A corporificação conceitual é definida por Lakoff (1987, p. 12) como “the idea that the properties of certain categories are a consequence of the nature of the human biological capacities and of the experience of functioning in a physical and social environment”⁹. É válido observar, como afirmam Sinha e López (2000), que o ambiente no qual os organismos funcionam e desenvolvem-se são tanto físicos quanto sociais.

Outro exemplo apresentado por Kövecses (2005) é da metáfora conceitual AFEIÇÃO É CALOR – “Nós temos uma relação calorosa”. O autor explica essa metáfora pela corporificação, isto é, pela experiência infantil do abraço dos pais e o calor corporal do evento conhecido na mais tenra idade. Kövecses (2005) afirma não ser surpreendente que experiências primárias, como é o caso do exemplo citado, produzam metáforas primárias. O mesmo autor avança na hipótese da corporificação apresentada por Lakoff e Johnson (1980), defendendo que, além dessa característica mais universal que inclui a constituição psicológica, estrutural, motora e perceptual, há outro fator a ser considerado, que é o foco experiencial preferencial, o qual explica a flexibilidade e diversidade com a qual línguas e

⁹ A idéia que propriedades de certas categorias são uma consequência da natureza das capacidades biológicas humanas e da experiência de funcionamento num ambiente físico e social.

culturas fazem uso do corpo na conceitualização metafórica. Enfim, as experiências que levam aos conceitos são motivadas, além da corporificação, por fatores históricos, sociais, culturais, etc., mas vale considerar também os propósitos individuais, que variam de acordo com o momento de vida de cada sujeito.

Não cabe aqui discutir se o contexto sócio-cultural gera motivações experienciais ou vice-versa; essa discussão seria mais bem-vinda em uma reflexão filosófica. Vale, sim, destacar o que defende Yu (2003): apesar de o corpo humano ser potencialmente universal, no caso de metáforas que estruturam conceitos abstratos, o contexto sócio-cultural instala perspectivas no sentido de que certos aspectos da experiência do corpo ou certas partes do corpo são entendidas como especialmente salientes e significativas no entendimento dos conceitos abstratos. O estudo apresentado por Yu (2003) analisa as metáforas que ligam o conceito de CORAGEM à VESÍCULA, órgão interno que na medicina tradicional chinesa tem a função de fazer julgamentos e decisões nos processos e atividades mentais e também determinar o grau de coragem de uma pessoa. As metáforas conceituais são: A VESÍCULA É O RECIPIENTE DA CORAGEM e CORAGEM É QI (ENERGIA VITAL GASOSA QUE FLUI ATRAVÉS DO CORPO) NA VESÍCULA.

Quanto à relação metáfora-corporificação-cultura, Yu (2003) entende que, embora metáforas conceituais sejam comumente derivadas de experiências corpóreas, o contexto sócio-cultural filtra essas experiências para domínios-alvo específicos. O próprio contexto sócio-cultural é com frequência estruturado por metáforas conceituais (ver seção 2.2.3).

Essas constatações trazem mais visivelmente à tona nesta revisão teórica as dimensões da universalidade e da variabilidade no estudo da conceitualização abstrata, conforme será desenvolvido a partir da próxima seção.

2.2 UNIVERSALIDADE E VARIABILIDADE DA METÁFORA

Com o intuito de oferecer uma sistematização teórica dos e para os estudos da

universalidade e variação metafóricas e da compreensão de culturas, Kövecses (2005) apresenta uma contribuição extremamente relevante para propostas de investigação como a que se desenvolve aqui.

2.2.1 Universalidade metafórica

Quanto à universalidade nas metáforas, Kövecses (2005) argumenta que, se algumas metáforas conceituais são baseadas em experiências corporificadas universais, elas são boas candidatas à universalidade. Normalmente essas metáforas recebem a denominação de metáforas primárias, pois são geradas a partir de experiências sensório-motoras e cognitivas básicas, com pouca ou nenhuma influência cultural, tais como as analisadas por Siqueira (2003) em investigação voltada à aquisição da linguagem: FELICIDADE É PARA CIMA, INTENSIDADE DE EMOÇÃO É CALOR, BOM É CLARO/RUIM É ESCURO, DIFICULDADE É PESO, ACEITAR É ENGOLIR, INTIMIDADE EMOCIONAL É PROXIMIDADE, IMPORTÂNCIA É TAMANHO e SIMPATIA/COMPAIXÃO É SUAVIDADE.

Apesar disso, Kövecses (2005) defende que as metáforas potencialmente universais não são somente primárias ou simples, mas também complexas. O exemplo apresentado é da metáfora conceitual UMA PESSOA COM RAIVA É UM RECIPIENTE PRESSURIZADO, que remete a um nível geral, pois é baseada em experiência corpórea universal, mas que pode ser interpretada a partir de conhecimento cultural específico. No caso dessa metáfora, o conhecimento específico seria aquele referente à temperatura da pressão.

No capítulo em que discute a universalidade metafórica, Kövecses (2005) argumenta que as ocorrências lingüísticas mostram a variação entre culturas, mas as metáforas conceituais analisadas são potencialmente universais. São exemplos: FELICIDADE É PARA CIMA, FELICIDADE É LUMINOSIDADE, FELICIDADE É UM LÍQUIDO NUM RECIPIENTE, UMA PESSOA COM RAIVA É UM RECIPIENTE PRESSURIZADO.

2.2.2 Variabilidade metafórica

Viu-se que, dentre as metáforas, as potencialmente universais remetem a um nível genérico. A observação de metáforas conceituais no nível específico, incluindo aí especificidades do alvo e da fonte ou expressões lingüísticas, por exemplo, revela casos de variação metafórica. As seções seguintes resenham de Kövecses (2005) as dimensões da variação, a variabilidade nos constituintes da metáfora e as causas da variação.

2.2.2.1 Dimensões da variação metafórica

Tratando-se da variabilidade metafórica, Kövecses (2005) entende que há duas possibilidades: variação entre culturas e variação dentro de uma cultura. Para a segunda possibilidade, o autor elenca tipos de variação, quais sejam: social, étnica, regional, estilística, subcultural, diacrônica, desenvolvimental e individual. O autor ainda assinala que as dimensões são colocadas didaticamente dessa forma, mas elas fundem-se o tempo todo, e suas fronteiras acabam sendo tênues.

A dimensão social inclui a diferenciação da sociedade em homens e mulheres, jovens e velhos e classes sociais. Apesar de não haver estudos relevantes em uma perspectiva lingüístico-cognitiva, Kövecses (2005) aponta alguns casos nos quais a dimensão social opera: o modo como homens falam sobre mulheres, o modo como mulheres falam sobre homens, ou ainda o modo como homens e mulheres falam sobre o mundo em geral. O autor cita como exemplo o contraste entre duas metáforas conceituais, a primeira refletindo o modo como homens referem-se a mulheres, e a segunda mostrando como mulheres falam sobre homens: MULHERES SÃO PEQUENOS ANIMAIS PELUDOS (como passarinho) e HOMENS SÃO GRANDES ANIMAIS PELUDOS (por exemplo, urso).

A dimensão étnica remete à variação metafórica entre grupos étnicos. Nesse ponto, Kövecses (2005) sublinha que aspectos importantes a se considerar são como e por que

metáforas criadas por determinados grupos étnicos passam a ser usadas por outros. No presente estudo, essa dimensão é significativa, uma vez que a etnicidade é uma das variáveis controladas, além do gênero (masculino e feminino).

A dimensão regional considera os dialetos nacionais e locais. Kövecses (2005), baseado em estudos comparativos entre o inglês americano (colonizado) e o inglês britânico (colonizador), entende que a região geográfica, juntamente com as atividades desenvolvidas, seja uma dimensão adicional da variação metafórica na linguagem e no pensamento. No caso do inglês, o autor atribui algumas diferenças entre o americano e o britânico ao fato de os colonizadores, ao chegarem à América, encontrarem uma paisagem natural diferente, entre outros fatores. Isso se reflete na linguagem e é percebido, por exemplo, na variação da metáfora conceitual RAIVA É UM LÍQUIDO QUENTE NUM RECIPIENTE, que aparece em inglês americano na expressão *have a cow* e em britânico *have kittens*¹⁰. Além dessa variação, que se dá no nível das expressões lingüísticas, Kövecses assinala que, pelo fato de alguns dialetos nacionais poderem influenciar a conceitualização metafórica em outros dialetos, há grande número de expressões metafóricas no inglês britânico que se originaram no inglês americano.

A dimensão estilística engloba variações lingüísticas resultantes da posição do interlocutor na situação comunicativa, do assunto, da audiência, entre outros. Para explicar essa dimensão, Kövecses (2005) cita o exemplo da metáfora conceitual FELICIDADE É ESTAR ACIMA DO SOLO, que aparece em muitas expressões lingüísticas, as quais revelam um estilo padrão ou informal, sendo a variação produzida neste ponto. Expressões lingüísticas dessa metáfora conceitual que revelam um estilo padrão incluem “Eles estão no topo do mundo”, ao passo que dentre as que mostram um estilo informal está “Cara, eu acho que estou levitando”.

¹⁰ No Oxford Advanced Learner's Dictionary (1995), a expressão idiomática *have kittens* é definida como “to be very anxious or tense”, isto é, estar ansioso ou tenso. Literalmente, *have kittens* é ‘ter gatinho’ e *have a cow* é ‘ter uma vaca’. Uma expressão com emprego figurativo similar em português é ‘ter um filho’: “Se ele não chegar, vou ter um filho.”

A dimensão subcultural inclui religião, arte, ciência, literatura, entre outras. Kövecses (2005) considera a religião uma subcultura muito forte e, para exemplificar, relata estudo desenvolvido pelo antropólogo Victor Balaban sobre metáforas para referir o conhecimento divino usadas por um grupo religioso formado por devotos de Maria. A maior conclusão do estudo é que os devotos usam mais metáforas não-visuais (ouvir – “Eu escuto você” – e tocar – “Eu fui tocado”), que têm uma inferência indireta do conhecer, do que visuais (“Eu vejo o que você quer dizer”), que se associam a um conhecimento certo e direto. Kövecses (2005) também faz uma análise da literatura e do discurso psicoterapêutico. O autor defende que as metáforas que aparecem em trabalhos literários são resultado de um conjunto limitado de processos conceituais, incluindo extensão, elaboração, questionamento e combinação de metáforas diárias convencionais, isso sem desconsiderar que a literatura também é caracterizada por metáforas criativas. Tratando do discurso psicoterapêutico, Kövecses (2005) entende que pessoas que têm o mesmo problema físico, mental ou emocional compartilham a mesma subcultura, e, portanto, experiências originais. Metáforas produtivas nesse caso são as que têm como domínio-alvo a tristeza, cujo “parente próximo” na prática clínica e analítica é a depressão. O autor encerra a dimensão subcultural afirmando que há muitas subculturas a serem estudadas, e mesmo muitos grupos dentro de cada subcultura.

A dimensão diacrônica considera a evolução do fenômeno da metáfora através do tempo. Kövecses (2005) refere o estudo desenvolvido por Caroline Gevaert que mostrou as mudanças nas metáforas de raiva do inglês, partindo do inglês antigo até a Idade Média. A autora verificou que a relação entre raiva e calor não é constante e flutua ao longo do desenvolvimento do inglês, sendo mais forte em determinados períodos e quase inexistente em outros.

A dimensão desenvolvimental diz respeito à idade e aos estágios do desenvolvimento humano, configurando-se como fator conexo à dimensão social. Os estudos nessa perspectiva relacionam-se muito com a aquisição da linguagem. Kövecses (2005) afirma que a teoria mais

sistemática sobre a aquisição de metáforas por crianças é de Christopher Johnson, que distingue três estágios na emergência dos padrões metafóricos de pensamento: o primeiro estágio corresponde ao sentido literal (no caso do verbo 'ver', indicando literalmente 'ver'); o segundo estágio, e o mais interessante na visão de Kövecses (2005), remete à superposição do sentido literal e do metafórico (aqui, 'ver' significa ao mesmo tempo 'ver' e 'saber'); o terceiro estágio liga-se ao sentido metafórico (quando 'ver' evolui para 'saber', 'conhecer'). A pesquisa de Siqueira (2003, p. 96) indicou, da mesma forma, “um padrão evolutivo crescente de compreensão semântica” da metáfora. Num escore máximo de dois pontos, crianças de 3 a 4 anos obtiveram média de acerto de 0,99; de 5 a 6 anos, 1,48; de 7 a 8 anos, 1,72; de 9 a 10 anos, 1,86; e adultos, 1,88.

Por fim, a dimensão individual refere-se ao uso criativo. Dentre os vários exemplos estudados por Kövecses (2005) está o caso do domínio-alvo AMOR, que é amplamente relacionado a GERRA, POSSE PRECIOSA e VIAGEM. Um novo domínio-fonte para AMOR é o criado por Emily Dickinson, poetisa lírica americana: “My life has stood – A Loaded Gun / In Corners”¹¹.

2.2.2.2 Variação nos constituintes da metáfora

Não mais tratando de dimensões de variação, mas de variação na estrutura da metáfora, Kövecses (2005) defende que as expressões metafóricas são mais variáveis que os mapeamentos, os quais, por sua vez, são mais variáveis que a base experiencial. A variação metafórica pode ser explicada pelos seguintes fatores: ou presença de diferentes crenças sobre os atributos do domínio-fonte, ou utilização de um conjunto de domínios-fonte diferentes para um domínio-alvo particular, ou uso de um domínio-fonte particular para a conceitualização de um conjunto de domínios-alvo, ou preferência pelo uso de determinadas metáforas conceituais, ou metáforas originais – fonte e alvo originais.

¹¹ Optou-se por não se traduzir essa metáfora, pois a tradução perderia muito do sentido, principalmente por se tratar de poesia.

Conforme Kövecses (2005), uma fonte pode ter um ou mais constructos, isto é, um domínio-fonte pode ser compreendido de acordo com conhecimentos específicos, e essas metáforas são denominadas pelo autor como congruentes, ou seja, a metáfora tem um nível genérico que é preenchido por cada cultura. Assim, as metáforas são preenchidas em congruência com o esquema genérico. Um exemplo é a metáfora conceitual SOCIEDADE É UMA FAMÍLIA, na qual a fonte FAMÍLIA depende do tipo de família que está sendo usada na construção: ou o modelo do pai rígido ou da família provedora, por exemplo.

Além disso, um alvo pode ter diferentes domínios-fontes – variedades do alvo, segundo Kövecses (2005) –, o que é denominado de metáforas alternativas. Um exemplo disso é citado pelo autor: nas culturas ocidentais, verificam-se DESEJO SEXUAL É LOUCURA e A PESSOA QUE DESEJA É UMA MÁQUINA FUNCIONANDO, enquanto que nas orientais, pelo menos tradicionalmente, MULHERES SÃO MERCADORIAS e MULHERES QUE NÃO SÃO MAIS VIRGENS SÃO ARTIGOS DEFEITUOSOS são verificadas. Muitos são os conceitos abstratos que são caracterizados por um grande número de domínios-fonte distintos: tempo, amor, teorias, mente, raiva, política, comunicação, religião, entre outros (KÖVECSES, 2000).

Diferentemente, um dado domínio-fonte pode ser associado a um conjunto de domínios-alvo, ao que Kövecses (2005) denomina escopo da fonte, mas que também resulta em metáforas alternativas. Um exemplo citado pelo autor é o domínio-fonte CONSTRUÇÃO, muito usado por culturas ocidentais, como nas seguintes metáforas conceituais: TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES, RELAÇÕES SÃO CONSTRUÇÕES, UMA COMPANHIA É UMA CONSTRUÇÃO, A VIDA É UMA CONSTRUÇÃO, dentre outras.

As metáforas preferenciais são aquelas que podem ser encontradas em variedades de línguas e culturas, mas a preferência pelo uso de algumas muda de uma variedade para outra. O exemplo, também encontrado em Kövecses (2005), é o do quadro que segue, resultado da pesquisa de um aluno seu, no qual estão listadas as metáforas cujo domínio-alvo é vida de

acordo com a preferência de cada língua:

	Inglês americano	Húngaro
1	VIDA É UMA POSSE PRECIOSA	VIDA É UMA LUTA / GUERRA
2	VIDA É UM JOGO	VIDA É UM COMPROMISSO
3	VIDA É UMA VIAGEM	VIDA É UMA VIAGEM
4	VIDA É UM RECIPIENTE	VIDA É UM PRESENTE
5	VIDA É UM RISCO	VIDA É UMA POSSIBILIDADE
6	VIDA É UM COMPROMISSO	VIDA É UM QUEBRA-CABEÇA
7	VIDA É UMA EXPERIÊNCIA	VIDA É UM LABIRINTO
8	VIDA É UM TESTE	VIDA É UM JOGO
9	VIDA É UMA GUERRA	VIDA É LIBERDADE
10	VIDA É JOGAR	VIDA É UM DESAFIO

Quadro 2: Comparação de metáforas para VIDA entre inglês americano e húngaro
Fonte: Köves (2002, *apud* KÖVECSES, 2005, p. 84)

Por fim, as metáforas originais são muito raras, principalmente porque os domínios-fonte e alvo são muito arraigados no sistema conceitual convencional a ponto de limitar a invenção de novas fontes ou alvos. O exemplo citado por Kövecses (2005) é a conceitualização metafórica da fuga dos escravos do sul para o norte dos Estados Unidos na primeira metade do século XIX. Os escravos entendiam isso como uma viagem secreta de trem, por isso foi chamada de Estrada de Ferro Subterrânea. A viagem na Estrada de Ferro Subterrânea era o domínio-fonte; e a fuga secreta dos escravos do sul para o norte, o domínio-alvo. Tanto o domínio-fonte quanto o domínio-alvo eram únicos.

Outros aspectos ainda estão envolvidos na variação metafórica, como os mapeamentos, os acarretamentos¹² e a mesclagem¹³. Um exemplo na variação nos mapeamentos, em Kövecses (2005), é da metáfora conceitual VIDA É UMA VIAGEM.

Os mapeamentos já explicitados na seção 2.1.1 do presente trabalho estruturam o pensamento especialmente de pessoas do mundo ocidental. A análise da mesma metáfora no

¹² Descrição da relação entre duas sentenças ou dois conjuntos de sentenças (WIKIPEDIA, 2006).

¹³ “Mesclagem é um processo que faz uso das metáforas conceituais, mas vai além delas. Com isso, pode-se explicar casos nos quais as pessoas constroem elementos imaginativamente que não podem ser encontrados nem no domínio-fonte nem no domínio-alvo.” (KÖVECSES, 2005, p. 128).

Velho Testamento feita por Olaf Jakel, segundo Kövecses (2005), leva à conclusão de que os seguintes mapeamentos não correspondem ao texto bíblico:

DOMÍNIO-FONTE	DOMÍNIO-ALVO
destinos da viagem	propósitos de vida
diferentes caminhos para um ou mais destinos	diferentes maneiras de realizar um ou mais propósitos
distância abrangida ao longo do caminho	progresso feito na vida
localizações ao longo do caminho	estágios na vida

Quadro 3: Mapeamento da metáfora conceitual VIDA É UMA VIAGEM no Velho Testamento
Fonte: Kövecses (2005, p. 126)

Isso mostra, conforme Kövecses (2005), que na versão bíblica da metáfora não há destinos intermediários associados a etapas sucessivas de uma viagem. Há, sim, um objetivo final, que é a vida eterna.

2.2.2.3 Causas da variação metafórica

De acordo com Kövecses (2005), as metáforas são coerentes com: (a) experiência corpórea (psicológica, estrutural, motora, perceptual), que é mais universal; (b) experiência sócio-cultural (história e interesses do grupo ou do indivíduo); e (c) cognição (preferências cognitivas e estilísticas). Portanto, essas são as causas que podem resultar em universalidade ou variabilidade na metáfora.

Kövecses (2005) divide as causas da variação na metáfora em duas grandes classes: experiências diferenciais (as experiências humanas são variáveis) e preferências cognitivas diferenciais (as preferências cognitivas e estilos também variam). Os fatores elencados nas experiências diferenciais são estímulo do contexto (ambiente físico, contexto social, contexto cultural, situação comunicativa), papel da história (história social, história pessoal) e interesses diferenciais (interesses sociais, interesses pessoais). Os fatores das preferências cognitivas preferenciais são: foco experiencial, preferências de ponto de vista, protótipos e quadros, e preferência metafórica *versus* preferência metonímica. A última causa da variação na lista de Kövecses (2005) – o autor deixa claro que a sua lista não é exaustiva – é a

criatividade, que ganha capítulo à parte.

Kövecses (2005) explica o estímulo do contexto a partir de quatro elementos: ambiente físico, contexto social, contexto cultural e situação comunicativa. Para o autor, o homem inconscientemente monitora e escolhe certos detalhes do mundo, o que inclui os corpos, o ambiente físico, os aspectos físicos e sociais e o contexto cultural amplo. Assim, variando esses aspectos, variam também as metáforas usadas.

O ambiente físico engloba a geografia particular da paisagem, fauna, flora, moradia e outras pessoas. Kövecses (2005) sugere como teste para essa causa de variação verificar o deslocamento de alguns falantes de determinada língua para outro lugar, esperando encontrar conceitualização metafórica diferente no novo ambiente. O caso mais óbvio da influência do ambiente físico é o grau de contato entre humanos e animais. Em sociedades em que homens têm contato próximo com animais, pode-se encontrar mais freqüentemente conceitualização em termos de animais e partes de corpo de animais. No entanto, o ambiente físico não pode ser separado da discussão do papel da estrutura social na variação metafórica.

Relações de poder e pressão social têm influência na conceitualização metafórica. A distribuição do poder entre homens e mulheres exemplifica esse caso, pois essa distribuição resulta em usos de metáforas diferentes pelos participantes dessas relações de poder. As pressões sociais vividas pelas pessoas também causam variação na conceitualização metafórica. O exemplo já citado no caso da dimensão subcultural religiosa dos devotos de Maria que usam mais metáforas não-visuais do que visuais (ver seção 2.2.2.1) ilustra esse caso. As pressões sociais que afetam esse grupo são duas, segundo Kövecses (2005, p. 233):

[...] to present themselves as people who (1) have undergone a major religious transformation in the capacity of nonvolitional and passive persons, but (2) nevertheless have reliable and authentic religious knowledge that distinguishes them from people outside the group.¹⁴

¹⁴ Apresentarem-se como pessoas que (1) sofreram uma grande transformação religiosa na capacidade de pessoas passivas e sem vontade, mas (2) no entanto possuem conhecimento religioso autêntico e confiável que as distingue das pessoas de fora do grupo.

O contexto cultural é entendido por Kövecses (2005) como o contexto amplo que uma cultura ou subcultura sustenta para o entendimento de alguns conceitos. A relação entre metáforas e conceitos-chave culturalmente específicos é totalmente complexa, como o caso descrito no exemplo do conceito de coragem em chinês, explorado na seção 2.1.4.

A situação comunicativa envolve minimamente: audiência, veículo, tópico e cenário. Esses aspectos da situação comunicativa, de alguma forma, guiam a adequação da coerência do processo metafórico dos falantes. A relação afetiva, por exemplo, entre autor e audiência pode causar variação metafórica.

Outro fator relativo às experiências diferenciais é o papel da história, que, para Kövecses (2005), pode ser dividido em social e individual. Dessa forma, para o autor, história, assim como memória, é entendida como o conjunto de eventos que ocorreram no passado de uma cultura, um grupo ou um indivíduo. A memória desses eventos é codificada na linguagem. A história da cultura desempenha um grande papel no uso da linguagem figurada, e as metáforas usadas atualmente podem não refletir entendimentos coerentes da cultura.

O estudo comparativo realizado por Köves (2002 *apud* KÖVECSES, 2005), relatado na seção 2.2.2.2, ilustra a causa da variação mencionada como história social. O fato de os húngaros usarem preferencialmente a metáfora VIDA É UMA GUERRA pode estar associado, segundo Kövecses (2005), à história da Hungria, especialmente aos seus muitos episódios de luta. As mudanças que ocorrem na conceitualização metafórica não necessariamente substituem velhas formas de pensar e falar metaforicamente, mas novas e velhas construções podem coexistir, dependendo das forças motivacionais e emocionais envolvidas, conforme querem Strauss e Quinn (1997). Na seção 2.4.1.1 desta dissertação, essa questão será aprofundada, principalmente no concernente às forças centrífuga e centrípeta da cultura.

Já foi assinalado na seção 2.2.2.1 que uma das dimensões da variação metafórica é a

individual. Acrescenta-se aqui, ao se tratar da história individual, que a trajetória de cada indivíduo desempenha papel central nessa variação. Nas palavras de Kövecses (2005, p. 243): “the story of one’s life may be a key factor in explaining individual variation in metaphorical conceptualization”¹⁵. Exemplo desse caso mencionado por Kövecses (2005) é o de um professor de longa carreira na marinha que usa largamente metáforas relacionadas a máquinas.

O último item na lista de Kövecses (2005) das causas da variação metafórica relacionadas a experiências diferenciais são os interesses diferenciais, os quais, para o autor, também podem ser sociais ou individuais. Essa causa pode em alguma medida confundir-se com o papel da história na variação, pois eventos passados tendem a permanecer com as pessoas e influenciar seus interesses. Mas há também casos nos quais interesses presentes podem estar separados de vestígios de eventos passados. Por isso, eles merecem atenção à parte.

Os interesses comuns de determinados grupos ou sociedades são entendidos por Kövecses (2005) como interesses sociais. Um exemplo citado pelo autor é do caso da sociedade americana, comumente caracterizada pela ação (em oposição a passividade). Isso explicaria o fato de americanos usarem grande número de metáforas relacionadas a esportes e jogos, ou, nas palavras de Kövecses (2005, p. 244): “the reality (or maybe just the myth) of having a trait may give rise to a heavy reliance on a metaphorical source domain that is coherent with the trait”¹⁶.

Os interesses pessoais, como os profissionais, por exemplo, podem levar uma pessoa a pensar e expressar esses domínios-alvo em termos de domínios-fonte baseados nesses interesses. Kövecses (2005) explica que estudos interessantes quanto a esse tipo de variação podem usar como *corpus* as cartas enviadas por leitores aos jornais, pois nelas comumente

¹⁵ A história de vida de alguém pode ser um fator-chave para explicar a variação individual na conceitualização metafórica.

¹⁶ A realidade (ou talvez apenas o mito) de ter um traço pode provocar um forte apoio em um domínio-fonte metafórico que é coerente com o traço.

consta a profissão de quem escreve. Kövecses (2005) cita uma breve análise de uma carta enviada por um engenheiro elétrico a um jornal húngaro tratando da nova relação da Hungria com a Europa no final dos anos 1990. Os domínios-fonte mencionados são expressões que revelam eletricidade e circuito elétrico: “be integrated/connected, electric circuit, with varying degrees of intensity”¹⁷ (KÖVECSES, 2005, p. 245). Essas expressões revelam os interesses profissionais do engenheiro elétrico que escreveu a carta.

A outra grande categoria das causas da variação metafórica na concepção de Kövecses (2005) é a de preferências cognitivas diferenciais, que inclui foco experiencial, preferência de ponto de vista, protótipos e quadros, e preferência metafórica ou metonímica.

Para o autor, o foco experiencial diferencial remete à idéia de que a base corpórea universal que gera algumas metáforas potencialmente universais pode ser utilizada de modos e em extensões diferentes em diferentes culturas. Ao falar em foco experiencial, Kövecses (2005) atenta para os diferentes aspectos do funcionamento do corpo que as pessoas podem focar ou ainda ignorar. “The major point is that in many cases the universality of experiential basis does not necessarily leads to universally equivalent conceptualization”¹⁸ (KÖVECSES, 2005, p. 247).

O mesmo autor chama de preferência de ponto de vista o modo pelo qual as pessoas olham para as coisas. O exemplo citado é o de duas formas possíveis de perceber a frente de uma árvore: *ego-opposed* – a pessoa toma a frente da árvore como o lado que está à sua frente, ou *ego-aligned* – a pessoa toma a frente como o outro lado, aquele mais distante. Esses são dois pontos de vista que geram duas formas de conceber metaforicamente a situação.

Quando os conceitos-fonte possuem várias versões que influenciam a metáfora conceitual baseada neles, considerando-se diferentes línguas ou culturas, Kövecses (2005) entende que pode haver pelo menos duas causas: ou protótipos, ou quadros. Os conceitos

¹⁷ Estar integrado/conectado, circuito elétrico, com vários graus de intensidade.

¹⁸ O principal argumento é que em muitos casos a universalidade da base experiencial não necessariamente conduz à conceitualização universal equivalente.

prototípicos usados em metáforas conceituais, segundo Kövecses (2005), são baseados nas experiências culturais das pessoas. O exemplo estudado pelo autor é a noção de CASA e as respectivas características que resultam em tipos prototípicos de determinadas culturas.

Os quadros também são causas de variação, uma vez que alguns domínios, como o DESEJO SEXUAL, são enquadrados diferentemente em diferentes culturas, embora o mesmo domínio-fonte seja empregado. A comparação do desejo sexual entre falantes do inglês e do chagga feita por Emanatian e comentada por Kövecses (2005) exemplifica isso: enquanto o desejo sexual é tanto masculino quanto feminino no caso da conceitualização dos falantes de inglês, em chagga há somente o desejo masculino como parte do domínio-alvo. Além disso, quando o homem chagga conceitualiza o desejo, ele não envolve calor. Essas duas constatações mostram os diferentes quadros em domínios-fonte e alvo de duas línguas, o que resulta em diferentes metáforas.

A ocorrência de uma conceitualização mais metafórica ou mais metonímica sugere estilos cognitivos diferentes que podem estar relacionados a escolhas arbitrárias ou, ao menos em parte, a valores e convenções mais gerais do contexto cultural amplo. Um relato de estudo nessa perspectiva será mencionado na próxima seção, comparando as línguas inglesa e malaia.

Juntas, a variabilidade nos constituintes da metáfora, apresentada na seção anterior, e as causas da variação metafórica, apresentadas nesta seção, além das dimensões da variação metafórica (ver seção 2.2.2.1), se tomadas metodologicamente, segundo Kövecses (2005), resultam em novas maneiras de estudar culturas. Além disso, elas, ao mesmo tempo, possibilitam um encontro entre o universal e o particular ou cultural, conforme Kövecses (2005, p. 192):

By comparing what we find in particular cultures concerning the metaphorical conceptual systems of their members, we would be able to see what they share and where they differ. This way we could fruitfully combine aspects of the mind – the universal and the particular – that have previously been regarded as contradictory in

the study of cultures.¹⁹

2.2.3 Metáfora na realidade físico-social

Já ficou claro que a metáfora está presente no pensamento e na linguagem. Kövecses (2005) acrescenta a isso que a metáfora, uma vez conceitual, aparece também na prática sócio-cultural e em instituições ou, nos termos de Geertz (1989), na cultura material. A realidade físico-social, para Kövecses (2005), remete a uma coisa ou processo mais ou menos tangível na prática social e cultural (objeto social e físico, instituição, ação, atividade, evento, estado, relação).

Kövecses (2005) apresenta três casos para esse tipo de ocorrência: (1) o domínio-fonte torna-se a realidade físico-social; (2) os acarretamentos do domínio-fonte transformam-se na realidade físico-social; e (3) o domínio-alvo, tornado domínio-fonte, torna-se a realidade físico-social. O autor afirma que o primeiro caso é bastante comum no estudo de cultura; o segundo, embora igualmente importante, menos comum; e o terceiro, quase incomum.

As metáforas do primeiro caso são encontradas em danças, pinturas, esculturas, padrões de relação ou situação, nos quais um domínio-fonte é visualmente representado. Um exemplo é a disposição de lugares em um encontro formal, quando pessoas importantes tendem a sentar em lugares mais centrais e elevados do que pessoas que são menos importantes. Essa estrutura metafórica está ligada às metáforas conceituais SIGNIFICANTE/IMPORTANTE É CENTRAL e SIGNIFICANTE/IMPORTANTE É ELEVADO e suas oposições MENOS SIGNIFICANTE/IMPORTANTE É PERIFÉRICO e MENOS SIGNIFICANTE/IMPORTANTE É INFERIOR (KÖVECSES, 2005).

Como exemplo do segundo caso, Kövecses (2005) cita uma situação mencionada por Lakoff em mensagem da internet: um discurso do presidente George H. W. Bush no qual

¹⁹ Ao comparar o que nós encontramos em culturas particulares no que concerne aos sistemas conceituais metafóricos de seus membros, nós poderíamos ver o que eles compartilham e no que eles diferem. Dessa forma nós podemos frutiferamente combinar aspectos da mente – o universal e o particular – que previamente foram considerados como contraditórios no estudo de culturas.

predominaram três metáforas conceituais: DROGAS SÃO SUBSTÂNCIAS MÁS QUE CORREM PELO PAÍS, SER DEPENDENTE DE DROGA É TER UMA DOENÇA e USUÁRIOS DE DROGAS SÃO INIMIGOS. Os acarretamentos compartilhados por essas metáforas desempenham um papel na política. Para analisar apenas um caso dessas conseqüências: considerar a droga uma doença significa considerar que o problema de drogas não é resultado de causas sociais internas (KÖVECSES, 2005).

Para clarear o terceiro caso, Kövecses (2005) cita como exemplo os estágios no curso de transformação do domínio-alvo na metáfora conceitual DISCUSSÃO É GUERRA, começando com uma discussão escrita e terminando com agressão física.

Esses três casos reforçam a estreita relação entre metáfora, corporificação e cultura, além da dialética entre essas e a conceitualização, mencionada na seção 2.1.4.

2.2.4 O caso das emoções

Com o objetivo de analisar a concepção de metáforas em Platão, Schio (2002, p. 42-43) faz a seguinte afirmação sobre o uso de metáforas relacionadas a conceitos abstratos:

Tendo em vista a dificuldade de expressar o que passa na vida da mente, o mundo externo, físico, compartilhado com os outros seres humanos, passa a ser utilizado para esclarecer a atividade interna, aquela invisível aos 'olhos físicos', mas transmissível através das metáforas. As metáforas, utilizando um termo fora de seu contexto original, permitem expor, de forma imediata, uma outra circunstância. Devido à inexistência de termos próprios, a atividade interna do espírito demandaria, para sua exposição, uma demorada argumentação. A metáfora, então, abreviaria este caminho ao funcionar como 'ponte' entre algo conhecido, o mundo externo, compartilhado, e algo subjetivo, interno, por ter um cunho de substituição de termos.

Essa afirmação, embora proferida por alguém mais ligado à Filosofia, aplica-se ao caso do presente estudo e ajuda a clarear o contexto no qual a investigação insere-se: metáforas relacionadas ao conceito abstrato de felicidade. Uma fonte muito rica para a conceitualização das emoções são as experiências sensoriais e motoras, permitindo a conceitualização em termos mais exatos e mais claros.

Além disso, Lakoff e Johnson (1980) entendem que a correlação entre as experiências

sensoriais e motoras e a emoção pode ser mais recorrente em diferentes culturas, enquanto que a conceitualização das emoções através de conceitos relacionados ao bem-estar pode ser mais particular, coerente para determinadas culturas. Em outras palavras, emoções são construídas a partir das experiências corporificadas em diferentes cenários culturais.

Isso é o que defende Yu (2003): embora para a caracterização de conceitos abstratos a corporificação seja potencialmente universal, podem-se visualizar aspectos da experiência corporal com saliência ou significância diferentes entre línguas ou variedades da mesma língua.

Há muita notícia de estudos no âmbito da Lingüística Cognitiva, principalmente nos últimos anos, que procuram explicar o fenômeno da metáfora por comparação entre línguas diferentes (por exemplo, Kövecses, 2003a; Charteris-Black, 2003; Özçalışkan, 2003). Como já há relatos sobre as metáforas de felicidade usadas em inglês, húngaro e chinês (KÖVECSES, 2005) e também por uma questão de viabilidade da pesquisa, os dados do presente estudo são de sujeitos que falam a mesma língua (como nos estudos de Yu, 2003 e Maalej, 2004), mas pertencem a uma cultura específica.

2.2.4.1 A felicidade em outros estudos

A metáfora conceitual A FELICIDADE É PARA CIMA é caracterizada por Lakoff e Johnson (1980) como metáfora orientacional, pois indica um sentido no espaço. Os autores apresentam hipóteses explicativas para o fenômeno através da experiência corporal: postura caída remete à tristeza e à depressão, e postura ereta corresponde a um estado emocional positivo. Segundo os mesmos lingüistas, embora a oposição para cima/para baixo, assim como as demais indicativas de orientação, seja física em sua natureza, as metáforas orientacionais podem variar de cultura para cultura.

Siqueira (2003), apoiada na teoria da metáfora primária e nos trabalhos de Grady e de Lakoff e Johnson, desenvolve um estudo sobre as metáforas primárias na aquisição da

linguagem. Os informantes dessa pesquisa foram crianças brasileiras e norte-americanas. A autora afirma, em sua conclusão, que há um padrão candidato à universalidade na estruturação dos conceitos por ela investigados, dentre eles a felicidade.

Kövecses (2005) relata que em pesquisa de 1991 sobre metáforas de felicidade em inglês verificou a existência de três metáforas mais relevantes: FELICIDADE É PARA CIMA, FELICIDADE É LEVEZA e FELICIDADE É UM LÍQUIDO NUM RECIPIENTE. Para desenvolver o seu argumento de que metáforas de emoções como a felicidade são potencialmente universais, o autor compara esses dados com metáforas usadas pelos húngaros e os dados encontrados por Yu (1995, 1998, *apud* KÖVECSES, 2005), os quais remetem às mesmas metáforas do inglês. Kövecses (2005) destaca, ainda, que essas três línguas não têm relação entre si e pertencem a famílias diferentes.

Na tentativa de encontrar uma explicação para o constatado, Kövecses (2005) apóia-se na hipótese da corporificação para as metáforas FELICIDADE É PARA CIMA e FELICIDADE É LEVEZA, consideradas pelo autor como metáforas primárias. Já FELICIDADE É UM LÍQUIDO NUM RECIPIENTE, segundo a explicação do autor, é uma metáfora com mapeamentos baseados em experiências e percepções largamente compartilhadas pelas pessoas.

Em pesquisa mais aprofundada do conceito de felicidade, Kövecses (2003b) elenca as seguintes metáforas conceituais: FELICIDADE É PARA CIMA – “Nós tivemos que lhe levantar o ânimo.”; FELICIDADE É ESTAR ACIMA DO SOLO – “Eu estou seis pés [palmas] acima do solo.”; FELICIDADE É BRILHO – “Ela se iluminou com as novidades.”; FELICIDADE É VITALIDADE – “Ele se sentia vivo com felicidade.”; FELICIDADE É CALOR – “Isso esquentou meu espírito.”; FELICIDADE É SAÚDE – “Isso fez eu me sentir bem.”; UMA PESSOA FELIZ É UM ANIMAL QUE VIVE BEM – “Ele estava feliz como um porco no barro.”; FELICIDADE É UMA SENSAÇÃO FÍSICA PRAZEROSA – “Eu me senti repleto de satisfação.”; FELICIDADE É UM LÍQUIDO NUM RECIPIENTE – “Ele

estava transbordando de alegria.”; FELICIDADE É ESTAR NO PARAÍSO – “Isso é o paraíso na terra.”; FELICIDADE É UM ANIMAL PRESO – “Seus sentimentos de felicidade escaparam.”; FELICIDADE É UM ADVERSÁRIO NUMA LUTA – “Ele foi derrotado pela felicidade.”; FELICIDADE É SAIR DE SI – “Eu estava embriagado de felicidade.”; FELICIDADE É LOUCURA – “Eles estavam loucos de felicidade.”; e FELICIDADE É UMA FORÇA NATURAL – “Ele não estava com os pés no chão.” Algumas dessas categorias são discutidas a partir dos dados levantados na presente investigação (ver capítulo 4).

Kövecses (2003b) afirma que domínios-fonte como ANIMAL CATIVO, ADVERSÁRIO e LOUCURA são gerais. Os domínios-fonte PARA CIMA, BRILHO e SAIR DE SI são um pouco mais limitados. Já UM ANIMAL QUE VIVE BEM e SENSACÃO FÍSICA PRAZEROSA são domínios-fonte que parecem ser específicos. O autor também afirma que emoções podem ser julgadas como positivas ou negativas, e é a noção positiva de avaliação que confere ao conceito felicidade um “special flavor”²⁰ (KÖVECSES, 2003b, p. 25).

Antes de avançar no que será tomado por cultura no contexto deste trabalho, vale explicitar o que se está entendendo por língua.

2.3 LÍNGUA: SISTEMA COGNITIVO E PRÁTICA SOCIAL

As primeiras movimentações no sentido de estabelecer a lingüística enquanto ciência da linguagem apoiaram-se nos estudos lingüísticos realizados desde a Grécia e a Roma antigas, passando pela Idade Média, o Renascimento, as vésperas dos tempos modernos até a lingüística comparativa e histórica do século XIX (ROBINS, 1983). Apesar disso, o marco do nascimento da Lingüística enquanto ciência é o início do século XX através dos estudos de um linguísta suíço: Ferdinand de Saussure.

A partir de então começa o desenvolvimento de uma linha de investigação considerada

²⁰ Sabor especial.

estruturalista, na qual o objetivo principal de estudo é o sistema que sustenta a língua, sendo que cada elemento desse sistema é definido pela maneira como está relacionado aos outros elementos. O que dá seqüência a isso, dando-se um grande avanço histórico, é o entendimento de língua enquanto uma atividade sociocognitiva historicamente situada.

Apesar de muitos lingüistas, principalmente a partir do gerativismo proposto inicialmente por Chomsky (anos 1960), descartarem o termo estruturalismo, a pesquisa lingüística que se produziu no último século foi estruturalista em seu objetivo. Acredita-se que uma abordagem estruturalista pode beneficiar-se de uma aproximação com idéias pós-estruturalistas: quanto mais for considerado o sujeito na análise no que diz respeito aos usos da linguagem, mais se poderá saber da própria língua.

Essas duas correntes – estruturalismo e pós-estruturalismo – podem ser representadas, respectivamente, por Lévi-Strauss na Antropologia e por Bourdieu na Sociologia. Enquanto o primeiro foca a estrutura e a abstração, ao lidar com cultura, o segundo direciona seus estudos para a ação, ou seja, a prática, na tentativa de dar conta de sociedade e cultura. Neste trabalho, tem-se em mente a língua enquanto um sistema cognitivo associado a práticas culturais.

Entender cultura como prática social e, dentre as práticas, a linguagem (ao lado da alimentação, do vestuário, da educação, entre muitas outras) significa pressupor que, como qualquer prática, a linguagem é usada conforme disposições sustentadas pela história do indivíduo e, principalmente, pelo grupo a que pertence o indivíduo.

2.4 METÁFORA E CULTURA

Essa concepção de cultura pode ser estendida à metáfora, uma vez que ela relaciona-se à linguagem e ao pensamento. Mas outras relações entre metáfora e cultura já foram pensadas, configurando diferentes pontos de vista para se observar esse fenômeno. Enquanto muitos dos lingüistas cognitivos defendem que a cultura desempenha o papel principal no uso da linguagem metafórica, outros estudiosos desse assunto, como Deignan (2003) e Kövecses

(2003a), entendem que as metáforas podem: (1) refletir entendimentos de determinada cultura; (2) refletir parcialmente os entendimentos de dada cultura; ou (3) não ter relação imediata com a cultura na qual estão presentes.

Diante disso, o que embasa a presente investigação é o que propõem Deignan (2003) e Kövecses (2003a), os quais consideram uma gradação que vai de metáforas próximas ao universal a metáforas particularizadas, propondo analisar cada caso de metáfora conceitual com as especificidades de sua motivação. Assim, o sistema metafórico, em seu sentido amplo, é tomado como um fenômeno cognitivo e sócio-cultural complexo: “what we call conceptual metaphor are just as much cultural entities as they are cognitive ones”²¹ (KÖVECSES, 2003a, p. 319). Essa posição reforça o objetivo de se trabalhar ao mesmo tempo com universalidade e variabilidade.

A definição de cultura, num trabalho que pretende lidar ao mesmo tempo com a universalidade e a particularidade de conceitos metafóricos, não pode estar relacionada, bem como afirmou Kövecses (2005), a uma “entidade limitada”, pois, se há algo de universal, alguma relação precisa ser estabelecida entre as partes.

De acordo com Deignan (2003), enquanto algumas metáforas conceituais de nível básico são fundamentadas na experiência humana corporificada e, portanto, presentes em um grande número de línguas e culturas, outras metáforas variam de língua para língua, pois as atitudes com relação a determinados domínios-fonte e a saliência de um ou outro domínio-alvo são motivadas culturalmente. Deignan (2003) apresenta duas possibilidades de visões da cultura e suas implicações para o estudo de metáforas. Na primeira, a cultura é entendida no seu sentido mais amplo: todo aspecto da experiência humana é filtrado pela cultura (GIBBS, 1999). Na segunda, a cultura é entendida como a ideologia dominante de uma comunidade: as metáforas guardam padrões de pensamento e visões de mundo da comunidade (LAKOFF, 1987). Diferentemente de uma visão simplista de metáfora como sendo um reflexo da cultura, Deignan (2003) defende, apoiando-se em Lakoff (1993), que experiências físicas diferentes e

²¹ O que nós chamamos metáforas conceituais são justamente entidades tão culturais quanto cognitivas.

domínios experienciais específicos são mais dependentes culturalmente e, por isso, a possibilidade de variarem de lugar para lugar é mais provável.

2.4.1 Referencial de cultura para a pesquisa com metáfora

De seu sentido primitivo, referindo ao ato de cultivar o solo, a seus muitos e complexos sentidos modernos, o conceito de cultura tem um longo traçado histórico. Para os propósitos deste trabalho, não é necessário dar conta desse percurso. Interessam, sim, três das definições de cultura:

1. cultura como entendimentos compartilhados (Strauss e Quinn, 1997);
2. cultura como sistema de práticas (Bourdieu, 2000; Foley, 1997); e
3. cultura como conjunto de signos (Geertz, 1989).

Embora o foco dessas definições seja ora os aspectos cognitivos, ora os aspectos sociais, parece ser consensual nas três definições que a cultura: (a) é aprendida; (b) é variável; e (c) manifesta-se em padrões de pensamento (SANTAELLA, 2003). Assim, sublinha-se que não se está lidando nem com o reducionismo biológico, nem com o construcionismo social.

Se definir um conceito implica, além de dizer o que ele é, definir o que não é, salienta-se que não se está lidando com concepções humanistas de cultura, que “são seletivas, separando certos segmentos das atividades humanas de outros e concebendo-os como sendo culturais” (SANTAELLA, 2003, p. 33). Assim, em oposição à humanista, as concepções de cultura que se pretende seguir são antropológicas, nos termos citados por Santaella (2003, p. 33), pois “aplicam o termo cultura à trama total da vida humana numa dada sociedade, à herança social inteira e a qualquer coisa que possa ser adicionada a ela”.

Neste último sentido – antropológico –, a cultura é plural e relativista. Assim, quando se mencionar, neste texto, cultura no plural, ou se determinantes para cultura, tais como 'a' ou 'essa' forem empregados, o que está por trás disso é justamente essa pluralidade, e não a classificação de uma em detrimento de outra. Entende-se, como Kövecses (2005), que, apesar

da menção às metáforas com especificidades culturais, não se está perdendo de vista as metáforas universais que permeiam as experiências culturais, sendo este o ponto de contato entre diferentes traços culturais. Nesse sentido, a cultura não é posta como uma entidade limitada e isolada.

2.4.1.1 Cultura – entendimentos compartilhados

A definição de cultura como conjunto de entendimentos compartilhados que caracterizam grupos de pessoas (STRAUSS; QUINN, 1997) aqui feita não é exaustiva, mas vale para os propósitos deste trabalho, principalmente porque tem ligação com o que propuseram Lakoff e Johnson (1980). Os autores defendem que o homem não só fala através de metáforas, mas também, e primariamente, entende o mundo através delas. Assim, os entendimentos compartilhados sugeridos como definição de cultura podem ser com frequência metafóricos, principalmente se o foco do entendimento é alguma entidade intangível, como as emoções, as qualidades abstratas e os processos mentais (KÖVECSES, 2005). Nessa visão, a metáfora torna-se uma parte inerente da cultura.

Strauss e Quinn (1997) incluem em seus pressupostos a noção de *habitus* de Bourdieu: assim como o *habitus*, os entendimentos que surgem em grupos de pessoas que compartilham um mesmo modo de vida também são disposições, e não determinações, pois ao mesmo tempo em que são estruturados pelas experiências, estruturam-nas.

As autoras explicam a cultura através da explicitação de duas forças: a centrípeta e a centrífuga, indicando um caminho de duas mãos. A primeira refere-se a um movimento de fora para dentro; e a segunda, a um movimento do interior para o exterior. Para elas, “culture is indeed substantially shared”²² (STRAUSS; QUINN, 1997, p. 139). As autoras afirmam, porém, que os últimos estudos antropológicos de cultura têm dado grande atenção ao movimento centrífugo, o que faria com que a cultura mudasse de indivíduo para indivíduo e de geração para geração. Assim, a cultura é concebida num mundo complexo onde alguns

²² Cultura é de fato substancialmente compartilhada.

tipos de crenças, instituições e práticas culturais são duráveis, enquanto outros são passageiros; alguns são levados adiante com grande força psicológica, e outros são envolvidos por forças emocionais e motivacionais individuais; alguns se repetem em muitos contextos, enquanto outros são restritos a determinados contextos; e alguns são compartilhados por um grande grupo de indivíduos, e outros, por uma pequena comunidade.

A cultura, para as autoras, não é uma entidade abstrata e independente. Logo, para um evento ser cultural, é necessário ser um produto mediado e partilhado pela experiência humana e não ser um esquema predeterminado geneticamente. Nessa concepção, a cultura não fica restrita a um grupo de pessoas que divide um determinado espaço geográfico, mas ela se expande a pessoas que, mesmo distantes, compartilham a mesma música, o mesmo programa de televisão ou outras experiências. Assim, cada pessoa estabelece um ponto de contato com um infinito número de culturas parcialmente sobrepostas.

Se, então, a cultura é tomada como um conjunto de entendimentos do mundo compartilhados, que inclui objetos e eventos concretos e abstratos, o papel do entendimento figurado na cultura surge no caso de objetos e eventos abstratos. Conforme Kövecses (2005), tem se admitido no âmbito da ciência cognitiva e lingüística contemporânea que esses objetos e eventos abstratos são baseados em domínios concretos da experiência, entre os quais o corpo humano ganha relevo.

Entender cultura como conhecimentos compartilhados pressupõe o foco na estrutura cognitiva. Somar a essa concepção a noção de prática é inserir na análise o sujeito.

2.4.1.2 Cultura – sistema de práticas

Conforme Duranti (2000), a definição de cultura enquanto sistema de práticas filia-se à corrente pós-estruturalista dos anos 1960-70. Essa postura origina-se na França a partir das idéias de Lacan, Foucault e Derrida e propõe, ao se afastar dos aspectos estáveis, um retorno à diacronia e à historicidade. Um nome influente dessa perspectiva é o de Pierre Bourdieu.

Bourdieu (2000) desenvolve uma teoria encaixada entre dois extremos das teorias

sociais: de um lado, as que entendem que a ação é a realização automática de regras e/ou estruturas aprendidas (foco na estrutura), como o estruturalismo de Lévi-Strauss; e de outro, as que compreendem a ação como resultado de condições sociais (foco no agente), como o experiencialismo de Sartre.

Isso não significa que, na visão de Bourdieu, algumas vezes o homem desempenhe estruturas aprendidas e outras vezes seja, nos termos de Strauss e Quinn (1997), “livre”. Quer dizer antes que, de um lado, a ação humana é fundamentada pelas regras aprendidas e, de outro, a aprendizagem se dá a partir das experiências, e não de regras inflexíveis. Assim, para Bourdieu (2000) há relação entre conhecimento e ação no mundo, entre passado e presente, ou seja, os atores sociais não são produtos das condições materiais de existência, nem são sujeitos conscientes cujas representações mentais são auto-suficientes. Também na visão de Bourdieu (2000) o conhecimento é internalizado pela prática diária. Aplicando essa posição teórica à Semântica, para Bourdieu (1998), o sentido não se restringe ao aspecto lingüístico, pois há muitos fatores socioculturais que colaboram para sua construção.

A teoria da prática, conforme as próprias palavras de Bourdieu (2000, p. 72), pretende lidar com a “dialectic of the internalization of externality and the externalization of internality, or, more simply, of incorporation and objectification”²³. O objetivo do autor ao propor uma teoria que procure conjugar abordagens, principalmente, segundo Bonnewitz (2003), de Durkheim, Marx e Weber, é escapar de teorias que defendem o mecanicismo na ação e fundar um novo paradigma para a Sociologia.

²³ Dialética da internalização do que é externo e da externalização do que é interno, ou, mais simplesmente, da incorporação e da objetificação.

Para um significativo número de autores, principalmente a partir da segunda metade do século XX, segundo Souza (2003), pensar em oposições como estrutura e ação social, sociedade e indivíduo, objetivismo e subjetivismo, representações coletivas e representações individuais, macro e micro, não é suficiente para a Sociologia. O que esses autores, dentre eles Bourdieu, propõem é a superação desses dilemas, afirmando que as relações sociais são de força desequilibrada e estabelecem-se por circularidade.

A teoria sociológica contemporânea de Bourdieu propõe essencialmente novos paradigmas para sociedade e cultura. Para o sociólogo, a cultura é o resultado de uma relação conflituosa entre forças materiais e simbólicas, sendo essa relação sustentada pelo *habitus*, entendido por Bourdieu (2000, p. 72) como:

Sistemas of durable, transposable *dispositions*, structures predisposed to function as structuring structures, that is, as principles of the generation and structuring of practices and representations which can be objectively 'regulated' and 'regular' without in any way being the product of obedience to rules, objectively adapted to their goals without presupposing a conscious aiming at ends or an express mastery of the operations necessary to attain them and, being all this, collectively orchestrated without being the product of the orchestrating action of a conductor.²⁴

As forças materiais são essencialmente econômicas, e as simbólicas, além de ligadas aos sistemas econômicos, também se refletem em outras esferas, como a cultural, por exemplo. Nesse contexto, para Bourdieu, as relações nos diferentes campos definem o papel do sujeito, que é visto considerando-se sua história individual e sua história no grupo ao qual pertence. O *habitus* possui uma capacidade infinita de engendrar pensamentos, percepções, expressões, cujos limites são estabelecidos por condições históricas e sociais de sua produção (BOURDIEU, 2000).

A descrição da sociedade, por sua vez, na teoria proposta por Bourdieu, tem seu foco nas interações e relações entre sujeitos, estes situados em posições sociais específicas. A

²⁴ Sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas de estruturação, ou seja, como princípios de geração e estruturação de práticas e representações que podem se objetivamente 'reguladas' e 'reguladoras' sem que de maneira alguma sejam o produto de obediência às regras, objetivamente adaptadas aos seus objetivos sem pressupor uma visão consciente voltada para finalidades, ou um domínio explícito das operações necessárias para obtê-los e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação de orquestrar de um maestro.

organização do espaço social nessa abordagem, segundo Bonnewitz (2003), dá-se de acordo com quatro tipos de capital: econômico (fatores de produção e bens econômicos), cultural (qualificações intelectuais), social (relações sociais) e simbólico (rituais). Enfim, Bourdieu procura explicar a cultura e a sociedade através da análise das possibilidades e limites da ação para construir uma teoria do modo de geração das práticas sociais. Foley (1997, p. 14) vale-se do que propõe Bourdieu para desenvolver sua teoria, a qual tem por cultura o seguinte:

Culture in this view is that transgenerational domain of practices through which human organisms in a social system communicate with each other. These practices may be verbal or non-verbal, but they must be communicative in the sense that they occur as part of ongoing histories of social structural coupling and contribute to the viability of continued coupling. It is through their effectiveness in continuing the viability of social structural coupling that we can describe these practices as meaningful.²⁵

Assim, para se falar em cultura enquanto prática, num trabalho em *Linguística e Cultura Regional*, é preciso relacionar o uso da língua às demais práticas sociais do dia-a-dia, como vestuário, lazer, rituais de cortejamento, opiniões, política, administração.

As duas visões de cultura, desta seção e da anterior, tornam-se ainda mais relevantes para o presente trabalho se a elas acrescentar-se a noção de cultura como ação simbólica.

2.4.1.3 Cultura – conjunto de signos

Para Pozenato (1990), a cultura é um processo dinâmico e um universo semiológico, isto é, um universo de signos que necessita interpretação, ou ainda, precisa ser lido e organizado. Essa postura está apoiada em Geertz (1989), para quem a cultura é pública, pois os significados são públicos. Além disso, para este antropólogo, cultura é uma concepção, mas não está na cabeça de alguém; não é física, mas não é uma entidade oculta. Para a Antropologia, nos termos de Geertz (1989), o comportamento humano é visto como ação

²⁵ Cultura nesta visão é um domínio transgeracional de práticas através das quais os organismos humanos num sistema social comunicam-se uns com os outros. Essas práticas podem ser verbais ou não-verbais, mas elas devem ser comunicativas no sentido de que elas ocorrem como parte de histórias em andamento de acoplamento estrutural social e contribuem para a viabilização do acoplamento continuado. É através de sua eficácia na continuação da viabilidade do acoplamento estrutural social que nós podemos descrever essas práticas como significativas.

simbólica que significa, e o que importa não é o *status* ontológico do que se observa, mas qual a sua importância. Para sublinhar a idéia de interpretação na análise antropológica da cultura, o mesmo autor afirma:

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, com densidade (GEERTZ, 1989, p. 10).

Os signos culturais, conforme Ribeiro e Pozenato (2004), são de duas ordens: material e imaterial. Se assim for, dois são os signos a serem registrados numa investigação antropológica: os materiais e a linguagem, seja verbal ou não-verbal. Ainda segundo os mesmos autores, os signos materiais apontam para o saber-fazer, mas é a linguagem, em especial o discurso verbal, que guarda os significados sociais e ideológicos.

Ribeiro e Pozenato (2004, p. 20) ainda afirmam que os signos da linguagem podem ser agrupados em três tipos:

[...] discurso *formalizado*, cristalizado nos provérbios, em narrativas e em canções estereotipadas, em todo o conjunto de manifestações geralmente denominado de literatura oral; o discurso *histórico*, que guarda e transmite experiências passadas e cuja permanência seletiva na memória é por si só um indicador da identidade grupal; e o discurso *interpretativo*, de tipo sapiencial ou didático, que explicita as razões culturais dos procedimentos e seus respectivos códigos.

Trazendo à tona a discussão da impossibilidade de se fazer generalizações em um estudo interpretativo, Geertz (1989, p. 10) explica: “compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade”, uma vez que os sistemas culturais têm sua coerência própria.

Geertz (1989, p. 4) escreve ainda sobre a antropologia, cujo objetivo principal é alargar o universo do discurso humano:

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de

significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.

As três definições de cultura apresentadas, além de se complementarem no nível teórico, uma vez que, num crescente, aproximam-se de uma abordagem pós-estruturalista ao considerarem o sujeito e sua complexidade, possibilitarão uma análise mais detalhada dos dados, em três dimensões: a primeira no que compreende a análise das metáforas lingüísticas em suas metáforas conceituais, a segunda quanto às práticas culturais relacionadas à felicidade, e a terceira no que concerne aos signos culturais também relacionados a essa emoção.

2.5 IMIGRAÇÃO, IDENTIDADE E PROCESSOS CULTURAIS: TRAÇADO HISTÓRICO

2.5.1 Identidade

A questão da identidade tem ganhado espaço nos estudos em teoria social. O foco está na especulação sobre o declínio das velhas identidades e no surgimento de novas, o que reflete a fragmentação do homem moderno. Hall (2003, p. 8) trata as identidades culturais como “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”. O mesmo autor apresenta três conseqüências da globalização sobre as identidades culturais:

- . As identidades nacionais estão se *desintegrando*, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do “pós-moderno global”.
- . As identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo *reforçadas* pela resistência à globalização.
- . As identidades nacionais estão em declínio, mas *novas* identidades – híbridas – estão tomando seu lugar (HALL, 2003, p. 69).

Outra característica da identidade, nos termos de Woodward (2000, p. 14), é que ela é relacional, isto é, a definição de uma identidade depende da idéia de diferença: “a diferença é

estabelecida por uma *marcação simbólica* relativamente a outras identidades”. Nessa relação vale destacar que identidade e diferença não são opostas: “a identidade *depende* da diferença” (WOODWARD, 2000, p. 40).

Enfim, a identidade, para usar as palavras de Ribeiro e Pozenato (2004, p. 17): “[...] se afirma pelas formas particulares de organizar a vida e a produção, de conduzir o processo de socialização e de criatividade, de ajustar a convivência com o meio ambiente natural e social, de se inserir na ecologia local, e assim por diante”.

Com apoio nesses pressupostos, pode-se falar em identidade de grupo étnico, que abrangeria, então, pessoas com origem racial comum que, no caso dos imigrantes europeus que se instalaram no sul do Brasil, começam uma nova vida em circunstâncias geográficas e econômicas específicas. Por isso, nesta pesquisa, usam-se os vocábulos 'italo-brasileiro' e 'luso-brasileiro': não se fala da 'cultura italiana' ou da 'cultura portuguesa', fala-se, sim, da cultura dos imigrantes italianos e portugueses no Brasil.

2.5.2 Traçado histórico

Em qualquer das três definições de cultura apresentadas em seção anterior, fica evidente o valor dado à história na compreensão da cultura. Além disso, se tomado o referencial teórico de Kövecses (2005) sobre a metáfora, apresentado basicamente em 2.2, verifica-se que a variável história, tanto individual quanto social, é mencionada como causa da variação metafórica. Nesse sentido, o que se apresenta nesta seção é um breve traçado

histórico da constituição da antiga Região de Colonização Italiana no Rio Grande do Sul²⁶, mais especificamente do município de Antônio Prado.

No contexto nacional, o Rio Grande do Sul ocupa uma posição singular, que se deve, segundo Oliven (1992, p. 47), “às suas características geográficas, à sua posição estratégica, à forma de seu povoamento, à sua economia e ao modo pelo qual se insere na história nacional”.

Os antecedentes da grande colonização do Rio Grande do Sul são encontrados em Manfrói (1975). Até a chegada da família real ao Brasil (1808), a população brasileira era formada basicamente por portugueses e escravos africanos. Dentre a lista das medidas adotadas por D. João para “transformar a colônia em um reino digno das tradições portuguesas” (MANFRÓI, 1975, p. 20), estavam a abertura dos portos brasileiros ao comércio internacional e a política de imigração para atrair trabalhadores europeus. Esse processo teve início e chegou ao Rio Grande do Sul tardiamente, especialmente em se tratando de imigrantes italianos.

O Rio Grande do Sul passou por um processo de ocupação que se estende desde o século XVII até o XIX, gerando uma formação sócio-cultural pluriétnica, essencialmente, segundo Herédia (2005), de açorianos, alemães e italianos. De acordo com Muller et al (2006), no Estado, as regiões da campanha foram praticamente ocupadas pelos luso-

²⁶ Tratando-se do conceito de região, é sabido que não há uma única forma de defini-lo. Para os propósitos deste trabalho, une-se a idéia de espaço físico utilizada pela geografia à de representação simbólica, cujos critérios ficam por conta do analista, conforme sugerido por Pozenato (2001). Tratando-se do critério povoamento, a região ocupada pelos municípios derivados das antigas colônias de Caxias, Conde D'Eu, Dona Izabel, Alfredo Chaves, Antônio Prado e São Marcos localizados ao nordeste do Rio Grande do Sul (Marau, Vila Maria, Camargo, Nova Alvorada, Arvorezinha, Ilópolis, Anta Gorda, Putinga, Relvado, Nova Bréscia, Encantado, Roca Sales, São Domingos, Serafina Corrêa, Guaporé, Fagundes Varela, Dois Lajeados, Vespasiano Correia, Muçum, Parai, André da Rocha, Nova Araçá, Nova Bassano, Nova Prata, Vista Alegre, Cotiporã, Protásio Alves, Vila Flores, Veranópolis, Ipê, Antônio Prado, Nova Roma, Nova Pádua, São Marcos, Flores da Cunha, Monte Belo, Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Farroupilha, Garibaldi, Carlos Barbosa e Nova Milano) é denominada pelo IBGE (2005) como Vale do Rio Caí e Vale do Rio das Antas. Se o critério for o relevo, essa região é conhecida como a Encosta Superior do Nordeste, pois está localizada entre a depressão central e o planalto meridional. O critério de produção, recentemente adotado, define essa região como a Microrregião da Uva e do Vinho (ver parte superior esquerda do fôlder de divulgação do município – anexo 1), que ocupa 400.000 hectares: “o cultivo da parreira começou com a produção de vinhos para o consumo. Hoje a região colonial italiana é responsável por 80% dos vinhos produzidos no país.” (SULIANI; COSTA, 2005, p. 29). Assim, o que delinea o conceito de região neste trabalho está apoiado no que propõe Paviani (2004, p. 85): “as particularidades (formas e manifestações de vida comum) das experiências sociais e históricas”, isso em oposição às “características individuais ou de cada manifestação isolada”.

brasileiros. Já as áreas das regiões das matas e serras foram destinadas para o estabelecimento, principalmente, de italianos e alemães.

A colonização oficial implantada pelo Governo Imperial no Brasil e, por extensão, no Rio Grande do Sul, deu-se em decorrência, segundo Battistel e Costa (1983), primeiramente, da crise que atingiu o Brasil no começo do século XIX, quando o algodão nacional deu lugar ao norte-americano e o açúcar teve seu preço reduzido. Esses dois fatos tornaram a abolição da escravatura uma certeza. Assim, preventivamente, a mão-de-obra negra e escrava foi substituída pela do europeu assalariado. A migração, para a Europa, foi positiva porque desabarroto a mão-de-obra excedente que se formou em consequência à expansão do capitalismo europeu, especialmente para a Itália, que estava vivenciando as crises decorrentes da sua unificação. Para o Brasil, cogitar a imigração européia foi possibilitar um futuro diferente para o país, com pequenos proprietários dedicados à policultura, e propiciar o branqueamento da raça. Para os migrantes, as promessas na nova terra eram o trabalho e a riqueza.

Além disso, conforme Giron (1996), a imigração, fenômeno que fez deslocar da Europa para a América grande número de pessoas, é um fato associado a dois outros: às transformações sociais, políticas e econômicas do mundo ocidental e às novas formas de produção adotadas. Assim, a implicação do processo migratório ocorrido no Rio Grande do Sul foi dependente da situação brasileira do período, que foi decorrente da situação sócio-política e econômica da Europa, em função da expansão do capitalismo.

Em 1848, a terra, devido ao regime imperial em vigor no Brasil, pertencia à nação. Segundo Cenni (2003), a colonização foi promovida pelo governo-geral, que cedeu a cada uma das províncias trinta e seis léguas quadradas de terras devolutas – devolvidas ao Império, pois os proprietários iniciais não provaram a posse – destinadas ao povoamento. No Rio Grande do Sul, as terras devolutas do Império localizavam-se na encosta superior do Planalto – região das matas. Conforme Cenni (2003), no início, vigorou o sistema de cessão gratuita de

terras, além de a província arcar também com as despesas de transporte, ferramentas e sementes. Já a partir de 1854, o colono, além de pagar a passagem até o Rio Grande do Sul, tinha cinco anos para indenizar as despesas da sua colocação nas terras.

2.5.3 Imigração açoriana, italiana e processos culturais

Como luso-brasileiras denominam-se as pessoas de descendência portuguesa que ocuparam o Brasil. Presente em solo brasileiro em posição de domínio, essa etnia garantiu por muito tempo a hegemonia com relação à língua e à cultura. O contato com os imigrantes italianos e alemães no sul do Brasil, de acordo com Gubert et al (1995), não originou conflito de relevo, mas não há como desconsiderar a bagagem cultural diferente dos imigrantes, incluindo uma dimensão organizativa e um modo de fazer diferentes. No Rio Grande do Sul, a presença de portugueses é essencialmente representada pelos açorianos.

A primeira imigração açoriana para o Brasil dá-se em 1619, para o estado do Maranhão, mas o principal núcleo de colonização açoriana sem dúvida é a Vila de Nossa Senhora do Desterro (atual Florianópolis – SC). No Rio Grande do Sul, Porto Alegre é o local onde se concentraram muitos açorianos, principalmente a partir de 1748. Laytano (1974) destaca duas características dos açorianos: a hospitalidade e o cultivo da religião católica sem fanatismo, principalmente através de festas de igreja com pompa, como a do Divino Espírito Santo.

Por sua vez, os imigrantes que saíram da Itália para se instalar no Brasil tinham a expectativa de encontrar terra, alimento e dinheiro, mas, já a partir das condições precárias da viagem e a instalação nos barracões sem qualquer tipo de cuidado, perceberam que o sonho não se tornaria realidade tão facilmente. Há muitos relatos sobre o sofrimento e as dificuldades enfrentadas pelos migrantes, muitas vezes associados à conquista posterior: “Ao contemplar os quadros: da vida na Itália; da vida na viagem; da vida nos barracões; da vida nas primeiras casas dos povoados incipientes desdobra-se o mundo polimorfo de pobreza, de

sofrimento, de luta e de triunfo” (CLEMENTE, 2005, p. 36-37).

Ribeiro e Pozenato (2004) explicam que muitos são os fatores ligados à identidade cultural do ítalo-brasileiro. Os imigrantes, em sua grande maioria, eram camponeses provindos do Norte da Itália. Esses camponeses, ao chegarem na América, depararam-se, como já foi assinalado, com uma situação física e geográfica nova, o que exigiu adaptações sociais e tecnológicas. Outro fator remete às relações vivenciadas por esse grupo com a cultura já estabelecida e dominante, relações essas carregadas de trocas e conflitos.

Frosi, Faggion e Dal Corno (2006) destacam quatro elementos que guardam a identidade do ítalo-brasileiro: o trabalho, associado a uma vida sem miséria e sem fome; a religião, com características fortes, inclusive, em alguns casos, não permitindo o matrimônio (do católico) com pessoa de outra religião; a família, cujo modelo base é de tradição vêneto-lombarda – patriarcal, composta por pais e filhos e podendo ser ampliada a outros parentes; e a língua, inicialmente o dialeto, que acabou cedendo lugar ao português. Já Frosi e Mioranza (1975, p. 81) sumarizam o perfil do imigrante italiano: “homens simples, afeitos à agricultura de subsistência e ao pequeno comércio – na força de seus braços e na perspicácia de suas mentes, aliadas à tradição da fé e à busca de integração, encontraram o caminho do progresso e do crescimento da comunidade”.

Battistel (1983) acrescenta a isso que os primeiros imigrantes oravam muito, viviam em contato com a natureza, em comunhão com a família e os vizinhos. A vida era simples: uma vez tendo terra e saúde, a preocupação era com a vida eterna. E Manfrói (1975) destaca que os imigrantes ampliaram as atividades econômicas no Estado: à pecuária, que estava bastante desenvolvida nos Campos de Cima da Serra, soma-se a agricultura.

Cenni (2003) lista como elementos culturais italianos: a casa; o pão, o vinho e a polenta; o cooperativismo e a policultura doméstica. Vale dar destaque, no caso de Antônio Prado, ao cooperativismo, pois a primeira refinaria cooperativa, considerada uma das melhores do Estado, surgiu nesse município e contou com o apoio de quase todos os

suinocultores.

Pozenato (1990) faz uma interessante análise sobre os processos culturais ocorridos no Rio Grande do Sul, tendo em mente a colonização. Para esse autor, os fatores de transformação cultural podem ser de duas ordens: uma interna (estabelecimento), quando a aculturação tem um processo lento; e outra externa (trocas culturais), quando a aculturação adquire um ritmo mais rápido. No caso da colonização do Rio Grande do Sul, o primeiro momento remete aos primeiros anos da colonização italiana até mais ou menos 1950, quando os colonos não tinham muita comunicação com outras regiões/etnias. A segunda ordem refere-se aos anos 1950 em diante, sendo mais intenso nos últimos trinta ou trinta e cinco anos, momento da intercambiação cultural.

Frosi e Mioranza (1975) fazem uma leitura do processo evolutivo da integração que caracterizou o ítalo-brasileiro em três etapas. A primeira, que vai de 1875 a 1910 e que teve como dois fatores importantes a língua e a religião, é vista como fase de estabelecimento dos imigrantes e de implantação da cultura de subsistência. Esse período é caracterizado, segundo os autores, por um isolamento duplo: das colônias entre si e das colônias italianas com o restante da região. A segunda etapa, de 1910 a 1950, denominada pelos autores como vitivinicultora, é de transição. Nesse período, desenvolve-se a vindima, em função do mercado do vinho, o que possibilita a implantação da comercialização dos produtos. Em função desse mercado, outro fator que caracteriza essa etapa são as mudanças sofridas pelo sistema lingüístico, pois há a substituição, mesmo que não completa, do dialeto pela língua portuguesa. Finalmente, a terceira etapa, na visão de Frosi e Mioranza (1975), é a industrialização, quando se dá a integração dos imigrantes e seus descendentes ao cenário nacional. Há um crescimento da indústria e do comércio, o que possibilita maior estabilidade econômica e poder aquisitivo.

A chegada dos imigrantes a um lugar desconhecido exigiu, num primeiro momento, o contato com o espaço físico, que vai se tornando espaço cultural pela ação humana. Os sinais

de transformação cultural manifestam-se, por exemplo, na casa, na produção agrícola, na organização familiar. Em municípios pequenos do interior, como é o caso de Antônio Prado, ainda podem ser identificados costumes e práticas culturais que remetem às raízes da colonização italiana. Não há dúvida de que o espaço geográfico Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul não seria como é hoje se não tivesse sido povoado por imigrantes italianos. Esse espaço certamente revelaria outros modos de viver e fazer ou, em outras palavras, uma cultura diferente da que se observa.

Os imigrantes precisaram adaptar-se, mais do que ao meio físico e às novas condições de vida, aos novos companheiros, que tinham línguas (ou dialetos) e experiências culturais diversas. O choque cultural entre os colonos e os fazendeiros que habitavam os Campos de Cima da Serra, na sua maioria descendentes de luso-brasileiros, gerou de certa forma um enfrentamento, pois os imigrantes ameaçavam o domínio dos gaúchos. A resposta dos italianos a essa situação foi um forte etnocentrismo.

O relacionamento produtivo dos imigrantes italianos com seus vizinhos foi mais tardio e iniciou com a visita, em 1895, de Júlio de Castilhos à região, que percebeu que a aculturação não existia. A medida tomada foi a construção da estrada de ferro, contribuindo, também, para o fortalecimento econômico do Estado (POZENATO, 1990).

Aquelas aldeias com as suas capelas hoje se constituem em cidades importantes, fruto daquela energia da gente itálica, fiel a seu Deus e a sua Madonna, mas resolvidos no trabalho e na visão do progresso. Guiados pela luz do ideal de economia e do bem-estar, souberam construir uma pátria baseada na fé, na honestidade e na verdadeira cidadania, sob a luz do Cruzeiro do Sul (CLEMENTE, 2005, p. 37).

Pozenato (1990, p. 113) questiona, frente à constatação de que nos últimos trinta ou trinta e cinco anos houve uma “invasão de uma série de elementos novos”, “se ainda se pode falar de uma cultura resultante, apenas, de raízes italianas”. Acrescenta a esse questionamento a dúvida sobre se as práticas ou os signos culturais encontrados em cidades como Antônio Prado, auto-designada a mais italiana do Brasil, remetem exclusivamente à história dos

imigrantes italianos ou são híbridos.

Segundo Pozenato (1990), o isolamento em que viveram os primeiros imigrantes foi benéfico, pois diminuiu o impacto da aculturação e permitiu a configuração de uma identidade cultural forte. Antônio Prado, mais tarde, intercambiou muito com os lusos de Vacaria, também pertencente a uma cultura rural. Nesses casos, segundo Pozenato (1990), passa a ter prestígio a cultura que detém uma tecnologia mais adequada e, por hipótese, uma força cultural mais coesa, que foi o caso do imigrante italiano de Antônio Prado. Para De Boni e Costa (2005), o grande símbolo da aculturação dos imigrantes é o hábito do chimarrão.

Para citar apenas um exemplo de como são percebidas diferenças entre luso-brasileiros e ítalo-brasileiros: “Os colonos distinguem as mulheres 'lusas' das 'italianas', atribuindo às primeiras o hábito de se fazerem sustentar passivamente pelos esposos e às últimas a disposição e a experiência do labor braçal na roça, lado a lado com o esposo e os filhos.” (AZEVEDO, 1975, p. 271).

2.5.4 Antônio Prado

Antônio Prado, neste estudo, representa a região onde há 130 anos situaram-se as colônias do Rio Grande do Sul. A subcultura assim representada é a dos italianos no Rio Grande do Sul, especialmente em Antônio Prado, mas, por extensão, às demais antigas colônias italianas no RS.

Muito mencionado como o município mais italiano do Brasil, o que se constata já na placa localizada na entrada da cidade pela RS-122 (ver anexo 2) ou também em pôsteres de divulgação do município (ver anexo 3), Antônio Prado possui guardadas como seu patrimônio muitas lembranças – objetos, construções, histórias – do seu passado, construído predominantemente por imigrantes italianos. As quarenta e sete casas mais a igreja tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), além da Casa da Neni, são exemplos concretos disso e da preocupação do município em manter viva a sua história:

O conjunto arquitetônico e urbanístico tombado constitui-se de 47 exemplares de arquitetura popular, a maioria das quais grandes casarões em alvenaria e madeira, ornamentados com lambrequins, localizados ao redor da Praça Garibaldi e ao longo da avenida principal. Além dos casarões, destacam-se, por suas peculiaridades, a Igreja – construção em estilo eclético, cuja escadaria avança sobre a rua – o Museu Municipal e a farmácia, pela originalidade de seu mobiliário e das pinturas decorativas no forro. A partir de 1875, favorecidos pela política de ocupação do território promovida pelo Governo Imperial, imigrantes italianos assentaram-se na região nordeste e central do Rio Grande do Sul. A colônia de Antônio Prado foi criada em 1886, na região montanhosa do vale do Rio das Antas. O traçado urbano da sede da colônia é típico das povoações organizadas por engenheiros militares, no século XIX, com traçado quadriculado, cuja implantação foi dificultada pela topografia irregular dos terrenos. A cidade preserva suas tradições culturais – festas religiosas, gastronomia e artesanato típicos – e mantém uma intensa relação com as áreas rurais circundantes. (ARQUIVO NORONHA SANTOS, 2006)

Nesse sentido, Antônio Prado mostra-se como um nicho de preservação da cultura, frente à homogeneização proposta pela globalização: o tombamento nacional, para uma parcela daqueles ítalo-brasileiros, “era o amor-próprio resgatado, era o reconhecimento tardio por parte do próprio governo federal que havia iludido seus antepassados, era a consagração de que a imigração italiana constituía um elemento importante” (MEIRA, 2004, p. 35). Enfim, é a ressignificação da cultura e da identidade:

Assim, os 'gringos', que muitas vezes se viam compelidos a usar botas e bombacha e a andar de bicicleta na falta da montaria campeira – o cavalo, para se sentirem gaúchos, já não precisavam pegar carona na identidade dos outros – agora, eles também seriam reconhecidos oficialmente como formadores da identidade nacional. Acho que só quem passa por formas de discriminação consegue avaliar a importância desse tombamento sobre o ponto de vista antropológico (MEIRA, 2004, p. 35).

A Colônia Antônio Prado foi a última das colônias de imigração italiana fundadas no Rio Grande do Sul²⁷, as quais formam a antiga Região de Colonização Italiana do Rio Grande do Sul. As transformações culturais ocorridas no Rio Grande do Sul desde a chegada dos imigrantes têm como princípio a adaptação ao meio físico. Dessa adaptação é que são criados todos os demais elementos culturais.

Antônio Prado está situado na região serrana do Rio Grande do Sul (ver anexo 4), a

²⁷ As outras eram: Caxias, Dona Isabel, Conde D’Eu, Alfredo Chaves, Guaporé e Encantado.

1770 metros de altitude, e seus limites fazem divisa com: Ipê e Vacaria (norte), São Marcos (leste), Protásio Alves, Vila Flores e Veranópolis (oeste) e Flores da Cunha e Nova Roma do Sul (sul). O nome do município, emancipado em 1899, foi dado em homenagem a Antônio da Silva Prado, Ministro da Agricultura na época da fundação da colônia, o qual favoreceu a instalação de núcleos coloniais no Rio Grande do Sul. Atualmente, conforme dados do IBGE (2005), o município tem 348 quilômetros quadrados e 14.127 habitantes.

Apesar de ter sido considerado um grande centro comercial nas primeiras décadas do século XX, pois abastecia os mercados dos campos de Vacaria e comercializava com Porto Alegre produtos industrializados e artesanato, Antônio Prado passou pelo restante do século à parte do desenvolvimento comercial da região. Além das limitações do relevo e da hidrografia, em 1940 foi construída a BR-116, ligando Caxias a Vacaria, o que desviou Antônio Prado das rotas de comercialização. Isso começa a ser amenizado em 1968, quando é construída a ponte sobre o Rio das Antas, e culmina em 1994, com o asfaltamento da RS-122. Talvez o fato de o ritmo de crescimento do município não ser muito acelerado durante grande parte do século XX seja um dos responsáveis pela preservação da arquitetura construída pelos imigrantes e, pode-se arriscar, pela manutenção dos costumes, crenças e hábitos.

O que se procurou neste capítulo de fundamentação teórica foi marcar os limites dos dois grandes domínios explorados nesta investigação: metáfora e cultura. Na primeira parte do capítulo, delinear-se o conceito de metáfora e os aspectos envolvidos na universalidade e na variação desse fenômeno, apresentando especialmente o caso do domínio-alvo FELICIDADE. Num segundo momento, explorou-se a relação entre metáfora e cultura, marcando três definições de cultura como relevantes para este estudo e culminando, numa reflexão sob a ótica da identidade, em um breve relato histórico da região na qual foram colhidos os dados. O que dá seqüência a isso é a explicação das técnicas adotadas para a realização do estudo.

3 METODOLOGIA

Tintas, pincéis, técnicas

A metáfora é objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento: Filosofia, Psicologia, Sociologia, Lingüística. Em cada uma delas, a metodologia empregada para a realização da investigação é específica. No âmbito da Lingüística Cognitiva, conforme o que propuseram Lakoff e Johnson (1980), um dos procedimentos admitidos tem suas raízes no gerativismo chomskyano, pois se analisam dados que o próprio pesquisador têm em mente, através do método hipotético-dedutivo. Outra postura metodológica adotada por quem lida com metáfora na área da Lingüística é a análise de dados em grandes *corpora*, como são as últimas pesquisas desenvolvidas por Deignan (2005).

Na presente investigação, na qual se busca relacionar metáfora e cultura, instaura-se um diálogo entre ciência cognitiva e ciência social, mais especificamente entre a Lingüística, a Sociologia e a Antropologia, o que torna necessário um método de pesquisa coerente a esses domínios teóricos.

A Lingüística, na sua primeira fase, conforme o que propôs Saussure, embora considere a língua um fenômeno social, tem por objeto de estudo a língua – entidade abstrata –; portanto, sem incluir o sujeito nas análises. Com o desenvolvimento da ciência da linguagem, surge, com Labov, em meados do século XX, a Sociolingüística, que resgata o sujeito na relação língua-fala. Para a realização de pesquisa sociolingüística, ao menos numa abordagem de análise quantitativa, o procedimento de coleta de dados mais empregado é a entrevista sociolingüística (TARALLO, 2002).

Cronologicamente, a Sociologia pós-estruturalista de Pierre Bourdieu emerge mais ou menos com a Sociolingüística, vinculando-se à concepção de sociedade por meio do conceito de dominação e fundamentando as práticas individuais e coletivas no *habitus*, construído na história individual e coletiva. Nesse sentido, para este trabalho, toma-se especialmente da teoria de Bourdieu a noção de *habitus* na dimensão da historicidade das práticas sociais, o que

será muito frutífero para a análise dos dados.

A Antropologia, por sua vez, conforme Ribeiro (1999), inclui na realização das investigações, numa proposta de François Laplantine (*Clefs pour l'anthropologie*, 1987), a etnografia, a etnologia e a antropologia propriamente dita. A etnografia define-se pela observação dos fenômenos em campo. A etnologia corresponde ao primeiro nível de abstração a partir da observação, permitindo que se faça aparecer a lógica específica da sociedade estudada. Enfim, a antropologia (cultural) remete ao segundo nível de abstração, que permite a construção de modelos que podem ser usados para comparar sociedades entre si. A definição de antropologia cultural fornecida por Ribeiro (1999, p. 84) é bem esclarecedora: “consiste no estudo dos comportamentos de uma sociedade nas suas diversidades histórica e geográfica.” Apesar de incluir outros métodos, como a observação participante, a entrevista também tem seu lugar em estudos antropológicos, como pode ser constatado na descrição do plano da pesquisa desenvolvida pelo Ecirs (Elementos culturais das antigas colônias italianas da Região Nordeste do Rio Grande do Sul), que consta em Ribeiro e Pozenato (2004, p. 23): “identificação, por meio de entrevistas, de usos e costumes da cultura de imigração italiana e sua respectiva interpretação ou explicação”.

Nesse contexto interdisciplinar, os procedimentos entrevista e ficha social, instrumentos desta pesquisa, têm lugar de destaque. É através do comportamento e da ação social, a qual abarca a linguagem, além de artefatos e estados de consciência, que as formas culturais encontram articulação. O ponto de vista adotado nesta investigação é êmico, ou seja, analisam-se as práticas e interpretam-se os signos a partir das falas dos sujeitos. Ou, nos termos de Geertz (1989, p. 10), a partir das descrições orientadas pelo ator dos acontecimentos, ou seja, do próprio sujeito: “ver as coisas do ponto de vista do ator”.

Quanto à constituição do *corpus*, ao menos duas perspectivas podem ser consideradas para estudos como aqui se propõe. Uma possível seguiria a linha de Deignan (2003): a partir da observação de um elemento específico da cultura (no caso relatado pela autora, a corrida

de cavalos para os ingleses), buscar-se no *corpus* explicações mais detalhadas sobre a cultura. Outra proposta de investigação, que é a seguida neste trabalho, define-se por inicialmente criar um *corpus* com dados significativos para, posteriormente, tecer afirmações sobre traços culturais.

Kövecses (2005) afirma que eliciar dados é característico do trabalho com uma metodologia mais cognitivista, enquanto que os dados dos grandes *corpora* vinculam-se a uma orientação metodológica da língua em uso. Esses *corpora* reúnem dados obtidos em situações naturais de interação social, de fala espontânea. Na ausência deles, acredita-se que o uso da técnica da entrevista também permita levantar dados de uso da linguagem, embora de natureza distinta. Assim, numa perspectiva êmica e exigindo dos sujeitos que reflitam sobre os empregos que fazem da linguagem, obtêm-se as metáforas usadas em dadas situações comunicativas. É isso que se faz no presente estudo.

Para a coleta dos dados, foram usados dois instrumentos: ficha social (ver apêndice 1) e entrevista (ver roteiro no apêndice 2). A coleta deu-se nos dias 10 e 11 de novembro de 2005, em Antônio Prado. A amostra foi composta por 20 sujeitos. Os critérios de seleção da amostra foram: gênero (10 do gênero feminino e 10 do masculino) e descendência – pela observação do sobrenome e identidade auto-atribuída – (10 de descendência ítalo-brasileira e 10 de luso-brasileira). Também foi observada a idade dos sujeitos: procurou-se entrevistar pessoas maiores de 25 anos por se acreditar que essas já possuísem vida profissional ativa e estável, o que, entende-se, minimizaria a diversidade dos motivos que levam à felicidade.

O controle da variável gênero é de praxe em estudos sociolinguísticos, motivo pelo qual se optou por considerá-la para a seleção da amostra. Quanto à variável etnia, além de ser uma característica peculiar da região onde a pesquisa foi realizada, é um dos fatores indicados por Kövecses (2005) como causa da variação metafórica. Neste trabalho, crê-se na existência de uma mente ítalo-brasileira, por isso o que mais interessa explicitar é a identidade dessa etnia. Só que, como quer Woodward (2000), a identidade pressupõe a alteridade. Por isso,

optou-se por controlar a variável etnia a partir da contraposição a outro grupo étnico – os luso-brasileiros, representados no Rio Grande do Sul especialmente por açorianos.

Para se chegar ao objetivo maior desta investigação, os principais passos são os seguintes: (a) listar as metáforas de felicidade usadas por pradenses para formar um inventário dessas expressões; (b) categorizar as metáforas lingüísticas de acordo com seu domínio-fonte para chegar às metáforas conceituais; (c) comparar as metáforas encontradas com os estudos de Kövecses (2003b; 2005) e Yu (1995) relacionadas a metáforas de felicidade para afirmar sobre universalidade e regionalidade; (d) analisar possíveis práticas sociais que motivam e sustentam determinados usos metafóricos; (e) tecer considerações quanto aos possíveis significados de elementos culturais encontrados nas ocorrências metafóricas. Com isso, visa-se a contribuir para a formação de um *corpus* lingüístico de metáforas em língua portuguesa, uma vez que existem poucas pesquisas empíricas baseadas em dados em português, e a colaborar para o desenvolvimento dos estudos de metáfora e cultura.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Resultado da combinação usada

Clarificados os materiais e as técnicas usadas para a produção desta tela, resta agora colocar mãos à obra para dar vida a traços e formas.

4.1 CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS

Transcritas as entrevistas, a primeira etapa de análise dos dados consistiu em listar as metáforas lingüísticas que apareceram nas falas dos sujeitos. Em seguida, foram inferidas as metáforas conceituais que estão ligadas às metáforas lingüísticas. Nessa análise, constatou-se que os tropos elencados a partir das entrevistas não se enquadravam somente na categoria 'metáfora'. Por isso, optou-se por considerar as categorias 'metáfora', 'personificação' e 'metonímia' de acordo com a nomenclatura de Lakoff e Johnson (1980).

Para a categorização dos dados, não se teve em mente a visão da semântica tradicional, a qual entende que objetos/idéias/eventos são delimitados por uma definição exaustiva. O que se entende, seguindo Lakoff (1987), é que não existem propriedades necessárias e suficientes para se delimitar um conceito; existem, sim, objetos/idéias/eventos prototípicos, que se estabelecem como um centro e formam, a partir de si, redes de conceitos – lógica nebulosa. Por esse motivo, algumas categorias, em seus limites, sobrepõem-se a outras, além de formarem sistemas hierárquicos, com generalidades e especificidades, fatos que provam a coerência do sistema, conforme defendem Lakoff e Johnson (1980) e Kövecses (2005).

Optou-se por apresentar os dados em cinco momentos distintos: primeiramente, é relatado quem são os sujeitos desta pesquisa. Os dados obtidos a partir da ficha social são agrupados para sugerir um perfil dos sujeitos. Em segundo lugar, são apresentadas as metáforas candidatas à universalidade, ou seja, as que já foram encontradas em outros estudos (Kövecses, 2003b e 2005), e as metáforas que parecem ser mais específicas e ligar-se a aspectos culturais. Nesse último caso, abre-se uma seção para um caso especial de metáfora

ontológica (LAKOFF; JOHNSON, 1980): a personificação. Em terceiro lugar, é dada atenção às ocorrências metonímicas, numa perspectiva de análise como a das metáforas: falar ao mesmo tempo de universalidade e variabilidade. Por fim, são analisados, respectivamente, as práticas e os signos culturais observados nas entrevistas. As metáforas conceituais (assim como as metonímias) aparecem, novamente, em caixa alta, e as metáforas lingüísticas (também as metonímias, além das passagens que ilustram práticas e signos) elencadas a partir das entrevistas desta pesquisa são apresentadas no decorrer das análises, entre aspas e em itálico.²⁸

4.2 PERFIL DOS SUJEITOS

Como já mencionado na Metodologia, a amostra foi composta de 20 sujeitos, sendo as variáveis controladas o gênero e a descendência étnica, distribuídas igualmente pelos sujeitos, conforme quadro 4. Os dados registrados na ficha social, ao serem combinados com as ocorrências lingüísticas levantadas a partir das entrevistas, permitem verificar variações nas dimensões social e étnica (KÖVECSES, 2005).

Descendência	ítao-brasileira	ítao-brasileira	luso-brasileira	luso-brasileira
Gênero	feminino	masculino	feminino	masculino
Nº de sujeitos	5	5	5	5

Quadro 4: Distribuição do número de sujeitos pelas variáveis gênero e descendência

Vale acrescentar a esses dados que os sujeitos vivem na zona urbana de Antônio Prado, a qual representa 65,2% do território do município. Observando-se também a faixa etária dos sujeitos, quadro 5, verifica-se que eles pertencem, se considerado o ano da grande imigração na região (1875), à terceira e à quarta gerações de descendentes de imigrantes.

Idade	Nº de sujeitos
--------------	-----------------------

²⁸ O que aparece entre colchetes são idéias retomadas do discurso dos entrevistados que completam o sentido das frases.

29-38 anos	5
39-48 anos	10
49-58 anos	3
59-68 anos	2

Quadro 5: Distribuição do número de sujeitos por faixa etária

O quadro 5 mostra que os sujeitos pesquisados estão compreendidos entre 29 e 68 anos, sendo a média das idades 44,5 anos. Esse dado torna-se interessante se comparado ao do IBGE (2005) que refere que, dos 14.127 habitantes do município, 7.108 situam-se na faixa etária de 29 a 68 anos, com concentração entre 30 a 59 anos – 5.344 habitantes. Ou seja, mais da metade da população de Antônio Prado situa-se na faixa etária contemplada nesta pesquisa. O quadro 6 mostra o estado civil desses sujeitos.

Estado civil	Nº de sujeitos
casado	17
solteiro	3

Quadro 6: Distribuição do número de sujeitos por estado civil

Os dados mostrados no quadro 6, juntamente com a informação das idades, mostra que os sujeitos já tiveram experiência em construir suas próprias famílias. As idades dos solteiros são 29, 30 e 42 anos. Na ficha social da presente pesquisa, registra-se também que 10 sujeitos moram com os companheiros e os filhos; 5 somente com os companheiros; 2 somente com os filhos; 1 com o companheiro, os filhos e um cunhado; 1 com o companheiro e a sogra; e 1 com os irmãos. A estrutura familiar dos sujeitos em geral é coerente com o relatado por Frosi, Faggion e Dal Corno (2006), as quais afirmam que o modelo-base da família ítalo-brasileira é composto pelos pais e filhos, podendo ser ampliada a outros parentes. Da mesma forma, a imigração açoriana, segundo Laytano (1974), foi realizada basicamente por casais, constituindo bases sólidas na história do povoamento açoriano no Brasil.

Um dado interessante é que apenas 1 sujeito mencionou que a família não é unida, justamente aquele que não é casado e mora com os irmãos. O objetivo de vida citado por esse sujeito é construir sua própria família: casar e ter filhos.

Observa-se, assim, que o casamento é uma instituição ainda muito forte no município. Esses dados são coerentes com os do IBGE (2005): no ano de 2003, por exemplo, foram registrados 40 casamentos e apenas 3 divórcios em Antônio Prado. Questionados se têm ou não filhos, os sujeitos deram as seguintes respostas:

Filhos	Nº de sujeitos
sim	17
não	3

Quadro 7: Distribuição do número de sujeitos por paternidade/maternidade

Apesar de o número de casados coincidir com o de sujeitos com filhos, 2 dos casados não têm filhos, ao passo que 2 dos solteiros têm. Retomando a observação feita anteriormente sobre a experiência em construir a própria família, estende-se essa afirmação a 19 dos sujeitos, uma vez que, embora não sejam casados, já têm filhos. Assim, apenas 1 sujeito ainda não é casado e não tem filhos. De acordo com a escolaridade, os sujeitos distribuem-se em:

Escolaridade	Nº de sujeitos
pós-graduação completo	2
superior completo	6
superior incompleto	1
médio completo	6
médio incompleto	1
fundamental completo	1
fundamental incompleto	3

Quadro 8: Distribuição do número de sujeitos por escolaridade

Em Antônio Prado há instituições de ensino de nível fundamental e médio, mas não superior. De acordo com o IBGE (2005), em pesquisa sobre o ensino relativo a 2004, há 10 escolas de ensino fundamental, sendo 6 estaduais, 3 municipais e 1 privada; e 3 escolas de ensino médio, sendo 2 estaduais e 1 privada. Assim, os 9 sujeitos que têm formação superior (completa ou não) precisaram deslocar-se a município vizinho para estudar. As profissões elencadas na ficha social são as seguintes:

Profissão	Nº de sujeitos
professor	5
comerciante	4
radialista	2
serigrafista	1
porteiro	1
aposentado	1
auxiliar administrativo	1
vendedor	1
do lar	1
representante comercial	1
garçom	1
administrador	1

Quadro 9: Distribuição do número de sujeitos por profissão

Vale destacar que 4 dos sujeitos são autônomos, enquanto que os outros 16 são funcionários ou públicos ou de empresas privadas. Em Antônio Prado, há 2.323 empregos formais (ANTÔNIO PRADO, 2005). Os sujeitos consideram-se basicamente satisfeitos profissionalmente: 15 responderam que sim, estão satisfeitos; 2 mais ou menos satisfeitos; e 3 não estão satisfeitos. Quanto à renda, os sujeitos distribuem-se em:

Faixa de renda mensal	Nº de sujeitos
de R\$ 401,00 a R\$ 700,00	4
de R\$ 701,00 a R\$ 1.100,00	5
de R\$ 1.101,00 a R\$ 1.700,00	3
de R\$ 1.701,00 a R\$ 2.500,00	4
de R\$ 2.501,00 a R\$ 3.500,00	1
acima de R\$ 3.500,00	3

Quadro 10: Distribuição do número de sujeitos por faixa de renda

A renda média mensal dos sujeitos desta pesquisa é R\$ 2.645,00. Essa renda, alta para a média nacional – R\$ 649,00 em 2003, segundo dados do Relatório de Desenvolvimento Humano (PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO, 2006) –, não revela a realidade do município, cuja renda *per capita*, conforme dados disponíveis em CDL (2006), é R\$ 830,00.

Tópicos complementares previstos na ficha social também fornecem dados interessantes. Questionados sobre a satisfação pessoal, 14 responderam que sim, estão

satisfeitos; 5 que mais ou menos e 1 que não. Ainda, 15 sujeitos afirmaram não ter problema de saúde, enquanto 2 afirmaram ter, mas no passado; 1 disse ter, mas nada muito preocupante; 1 afirmou ter diverticulite e 1 ter depressão.

Tratando-se da religião, os sujeitos distribuem-se em:

Religião	Nº de sujeitos
católica	17
evangélica	1
não segue religião específica	2

Quadro 11: Distribuição do número de sujeitos por religião

Os dados do quadro 11 mostram que a religião predominante é a católica. Isso não causa surpresa, uma vez que a religião, tanto dos imigrantes italianos quanto dos portugueses, especialmente os açorianos, era católica. Além disso, a construção das comunidades italianas no Rio Grande do Sul deu-se basicamente em torno de capitéis²⁹, o que destaca a importância da religião para essas pessoas:

[...] a Religião Católica com suas igrejas, capelas, ritos e festa ocupou um lugar central. Foi através da Religião Católica que o imigrante italiano se encontrou consigo mesmo e com os outros, formando uma unidade que se exprimia na constituição destas comunidades de trabalho e de fé que foram as linhas coloniais (MANFRÓI, 1975, p. 156).

Sobre a religião na formação do Rio Grande do Sul, especialmente no que se refere às experiências religiosas de italianos e alemães, Costa (2006) menciona que a fixação de imigrantes em solos do sul do Brasil “fez com que os diferentes grupos quase se nivelassem e igualassem numa única e nova religião, que continua como fulcro da nova cultura que constituíram – a solidariedade cristã”. A rigidez inicial da religião católica diluiu-se com o passar do tempo e, hoje, de acordo com os depoimentos dos sujeitos, percebe-se que o freqüentar a missa ou o proferir orações pré-determinadas não é seguido tão rigorosamente, ao passo que atitudes mais espontâneas são valorizadas.

²⁹ Oratórios de madeira, taipa ou tijolo que eram erguidos na falta de recursos para a construção da capela, para que as pessoas pudessem se reunir para rezar.

Isso pode ser verificado na ficha social, mais especificamente no tópico que deu seqüência ao assunto da religião, versando sobre a prática dela. Isso é importante considerar, pois, para os imigrantes e seus primeiros descendentes, a prática da religião era muito constante: a oração individual, o terço em família e a celebração litúrgica aos domingos (MANFRÓI, 1975) eram quase uma obrigação moral do católico. As respostas dos sujeitos desta pesquisa revelam que se dizer católico pode significar muitas coisas. Nesse questionamento sobre se são praticantes ou não, as respostas dos 17 católicos foram: 5 praticantes; 2 mais ou menos praticantes; 5 praticantes com ressalvas (isto é, não praticantes no sentido de freqüentar a missa toda semana, mas de fazerem suas próprias orações, que às vezes não coincidem com as tradicionais, mas, como afirmam os sujeitos, são “conversas particulares com Deus”); 4 não-praticantes; e 1 que disse ser católico, mas afirmou que freqüenta a igreja evangélica. Vale destacar também que, dos ítalo-brasileiros, apenas 1 afirmou não ter religião específica, e dos luso-brasileiros, 1 afirmou não ter religião específica e 1 é evangélico.

O perfil que emerge da amostra é: pessoas com média de idade de 44,5 anos, católicas, casadas, com filhos, renda média mensal de R\$ 2.645,00, que freqüentaram pelo menos o ensino médio, consideram-se satisfeitas no âmbito pessoal e profissional e não têm problema de saúde.

Nesse sentido, espera-se que os motivos de felicidade desses sujeitos não estejam relacionados a conquistas profissionais ou à constituição de uma família, nem a aspectos relacionados à saúde. O que se poderia lançar como hipótese, por hora, é que a felicidade, para esse grupo, pode estar associada a dois fortes elementos da história tanto de ítalo-brasileiros quanto de luso-brasileiros e que foram confirmados nos dados da ficha social: a família e a religião. A confirmação ou a refutação dessa hipótese é dada a partir da análise das metáforas e metonímias, que é conferida nas seções seguintes.

4.3 METÁFORAS

Na categoria 'metáforas', a partir dos dados, foram listadas 11 metáforas (mais 1 personificação) conceituais, com um total de 89 ocorrências lingüísticas (mais 15 ocorrências de personificação), sendo 60 de ítalo-brasileiros e 29 de luso-brasileiros. Apesar de os ítalo-brasileiros expressarem em maior quantidade as metáforas lingüísticas, vale destacar que essa diferença não é evidenciada nas metáforas conceituais.

O que se busca aqui é verificar quais são variedades do alvo FELICIDADE, ou seja, quais são as metáforas alternativas desse domínio (KÖVECSES, 2005). Além disso, nas experiências corpóreas e sócio-culturais, consideradas por Kövecses (2005), juntamente com a cognição, como aspectos com os quais as metáforas são coerentes, buscam-se explicações para as metáforas conceituais encontradas. A noção de cultura que fundamenta essa parte da análise é a que consta na seção 2.4.1.1.

4.3.1 Metáforas universais

As metáforas consideradas como universais (leia-se, potencialmente universais) neste trabalho são as que já foram encontradas em outros estudos sobre a felicidade, além de terem sido verificadas em falas tanto de ítalo-brasileiros quanto de luso-brasileiros, e são 4: FELICIDADE É PARA CIMA, FELICIDADE É ESTAR ACIMA DO SOLO, FELICIDADE É LUMINOSIDADE e FELICIDADE É UMA SUBSTÂNCIA.

(1) FELICIDADE É PARA CIMA

Se for tomada a definição de metáfora apresentada neste trabalho (ver seção 2.1), segundo a qual um domínio da experiência da realidade não-física é conceitualizado em termos de domínios de experiência física, tem-se FELICIDADE na metáfora (1) como experiência emocional, e PARA CIMA como experiência física direta. Estar 'para cima' é

experienciado diretamente através dos sentidos, ao passo que 'felicidade' é resultado da recorrência de eventos de estar para cima (postura ereta, por exemplo).

A metáfora conceitual FELICIDADE É PARA CIMA, a partir dos dados coletados nesta pesquisa, pode ser considerada como geral, se for tomada a idéia de Lakoff (1987), referida no início deste capítulo, de que as metáforas conceituais formam sistemas coerentes hierárquicos. Em nenhuma das ocorrências lingüísticas levantadas na presente investigação constata-se o uso da expressão 'para cima', que corresponderia à metáfora conceitual FELICIDADE É PARA CIMA. As ocorrências lingüísticas encontradas remetem à orientação espacial 'para cima', sendo, portanto, diferentes realizações da mesma metáfora conceitual, embora em níveis mais específicos:

“Felicidade é aquela aura positiva.”

Nesse caso, toma-se a experiência da representação gráfica dos números positivos, que é ascendente: se tomada uma linha na vertical, da metade para cima estariam representados os valores positivos, o que também acontece com a temperatura medida em graus centígrados, por exemplo. Além disso, destaca-se, conforme Kövecses (2003b), que a algumas emoções, como felicidade, orgulho e afeição, está associada a idéia de avaliação positiva, enquanto que às suas oposições associa-se a avaliação negativa. Assim, a especificidade da metáfora conceitual, nesse caso, é FELIZ É POSITIVO.

Outras ocorrências, como “picos maiores”, e “algo a mais” também remetem à orientação espacial ascendente. Isso foi confirmado também pelos gestos dos entrevistados quando mencionavam esses e outros domínios-fonte relacionados à felicidade:

“[Felicidade é um sentimento] de poder.”

”[Felicidade] é algo a mais.”

FELICIDADE É PARA CIMA e as metáforas conceituais FELICIDADE É LUMINOSIDADE e FELICIDADE É UM LÍQUIDO NUM RECIPIENTE são listadas por Kövecses (2005) como fortes candidatas à universalidade, pois já foram encontradas em

inglês, húngaro, chinês, e também constataram-se nos dados do presente estudo. A respeito da metáfora FELICIDADE É PARA CIMA, Siqueira (2003) conclui que não só essa metáfora primária é potencialmente universal, mas também as etapas de aquisição da metáfora o são.

(2) FELICIDADE É ESTAR ACIMA DO SOLO

Embora possa ser confundida com a metáfora conceitual FELICIDADE É PARA CIMA, a metáfora (2) relaciona à felicidade a propriedade de leveza, e não a de orientação espacial ascendente (SIQUEIRA, 2003). Nesse caso, então, o ESTAR ACIMA DO SOLO não é uma experiência física direta como o PARA CIMA, mas é decorrente de uma sensação física experienciada em momentos felizes. Isso é o que se verifica nos dados deste estudo:

“[Felicidade é] leveza.”

“[Felicidade é] aquela leveza, assim, de deixar o estado de espírito da gente, assim, parecia de se levantar do chão.”

“Eu me sinto leve [quando estou feliz].”

“Eu acho que eu fico toda leve, eu me sinto leve [quando estou feliz].”

“Deu uma sensação de leveza [quando senti felicidade].”

“A gente se sente leve [quando sente felicidade].”

“Como eu me sinto no verão e como eu me sinto no inverno: no inverno as pessoas se fecham, elas sentem frio, elas estão sempre espremidas, e no verão elas se sentem suaves, soltas, leves, à vontade.”

“[Felicidade é estar de um jeito] solto, leve.”

“Mas ela tá solta, leve [quando está feliz].”

“[Quando está feliz, as coisas fluem] com mais leveza.”

“[Felicidade é] se sentir solta.”

“A gente se sente leve [quando está feliz].”

“[A felicidade] deixa com a alma leve.”

“Me senti leve [quando senti felicidade].”

“[Felicidade é] uma sensação, assim, de leveza.”

Essa sensação de leveza torna-se ainda mais forte nas seguintes ocorrências lingüísticas, elencadas das entrevistas do presente estudo, nas quais a leveza proporciona uma sensação de levitar:

“[Felicidade é] uma sensação de quase vôo.”

“Eu tenho a sensação, assim, de ter, de flutuar [quando estou feliz].”

“Eu esqueci as dores do parto pra me sentir elevada.”

“[Felicidade é] sensação de poder voar.”

Nos dados observou-se, ainda, a definição da felicidade através da metáfora conceitual FELICIDADE É ESTAR ACIMA DO SOLO também pela negação:

“[Ser feliz é] ver a vida, assim, não tão, assim, com aquela, aquela coisa, assim, pesada.”

“Tu não sente um ar pesado ao redor da pessoa [quando ela está feliz].”

“Tu não sente, assim, um lado pesado, uma atmosfera pesada [quando há felicidade].”

(3) FELICIDADE É LUMINOSIDADE

“Ela fica iluminada de uma maneira diferente [quando está feliz].”

Esse é o único registro de metáfora lingüística que remete a brilho/luminosidade. A metáfora (3) é, como foi mencionado, potencialmente universal (KÖVECSES, 2005). Siqueira (2003) esclarece que o conceito-fonte CLARIDADE está relacionado a idéias boas e positivas, além do “conforto psicológico” (SIQUEIRA, 2003, p. 147), similar a quando se fica feliz. As demais ocorrências lingüísticas geradas pela presente investigação que remetem à

idéia de brilho estão relacionadas ao olhar e, por isso, serão analisadas na seção 4.4.2 como metonímias.

(4) FELICIDADE É UMA SUBSTÂNCIA

A metáfora FELICIDADE É UMA SUBSTÂNCIA é ontológica (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Para essa metáfora conceitual encontram-se nos dados três casos. Nos dois primeiros, verifica-se a felicidade como substância. No último, observa-se o corpo como o recipiente dessa substância.

O primeiro caso remete à universalidade: FELICIDADE É UM LÍQUIDO NUM RECIPIENTE, pois é compartilhada minimamente por ingleses, chineses, húngaros (KÖVECSES, 2005) e verifica-se nesta pesquisa por brasileiros:

“A felicidade transborda.”

O segundo caso remete exclusivamente a substância, sem especificidade do estado da matéria. Apesar de não constar em Kövecses (2003b; 2005), acredita-se que a metáfora FELICIDADE É UMA SUBSTÂNCIA também seja boa candidata à universalidade, pois parece ser mais geral que a primeira.

“Não existe um sentimento puro [de felicidade].”

“Ele [sentimento de felicidade] é uma mistura de muitos sentimentos.”

“[Felicidade] é uma mistura de muitas coisas.”

“[Felicidade] fica uma mistura de tudo isso.”

O terceiro caso da metáfora conceitual está relacionado à seguinte metáfora: O CORPO É UM RECIPIENTE PARA AS EMOÇÕES, encontrada em húngaro e inglês (KÖVECSES, 2003b). Nesse caso, especifica-se qual é o recipiente da felicidade: o corpo. Na presente investigação, foram encontradas as seguintes metáforas linguísticas, que estão ligadas a essa metáfora conceitual:

“Ninguém é feliz por completo.”

“A gente não é feliz por completo.”

4.3.2 Metáforas específicas

Sobre as metáforas que se apresentam nesta seção, não foram encontrados registros em outros estudos consultados. Assim, a análise que se faz delas é inicial, procurando apontar tanto para a possibilidade da universalidade quanto da variabilidade. No caso desta última, a discussão apóia-se grandemente na noção de *habitus* de Bourdieu (2000) e no forte papel da história, tanto individual quanto social, nesse contexto, para buscar explicações.

(5) FELICIDADE É UMA META

A metáfora conceitual (5) pode estar ligada à história do grupo (história social, na terminologia de Kövecses, 2005) no que concerne à viagem dos imigrantes em busca de uma vida melhor na América, principalmente porque as ocorrências, apresentadas na seqüência, são 70% de ítalo-brasileiros. Um desdobramento possível dessa metáfora é: FELICIDADE É ALGUM LUGAR, ou seja, a nova terra:

“Talvez seja esse lado afetivo que nos leve à felicidade.”

Nessa metáfora lingüística, a idéia de 'levar' aponta para um destino, ou seja, para a meta que se quer buscar. Nas próximas ocorrências, percebe-se a mesma idéia da busca.

“[Felicidade] é algo que todo mundo está em busca.”

“[Felicidade] é uma busca constante.”

“[Felicidade] se torna, assim, às vezes, algo que pra muita gente é inatingível.”

“Talvez seja esse lado afetivo que nos leve à felicidade.”

“Acho que felicidade é almejado pelas pessoas.”

“As pessoas buscam, buscam, buscam, buscam felicidade.”

“Muitas pessoas buscam [felicidade] de forma externa.”

“Buscam [felicidade] materialmente.”

“Outras pessoas buscam [felicidade] espiritualmente.”

“[Felicidade] realmente é algo que a pessoa esteja esperando e que consiga.”

“Isso eu acho que é um, é alcançar um pouco de felicidade.”

“A gente busca a felicidade com quem tu gosta, com quem tu ama.”

“Felicidade tu pode encontrar no prazer em estar com um filho.”

“Pode encontrar uma felicidade numa pessoa mais humilde.”

“Falta alguma coisinha pra ficar, todo mundo atingir a felicidade.”

“As pessoas procuram muito uma felicidade, mas procuram em lugares que não existe, em fontes rotas.”

“Tu não encontra a felicidade se não é numa igreja, se não é na biblia, se não é num Deus, num Deus verdadeiro.”

“O homem não consegue encontrar uma felicidade se ele não tiver Deus na sua vida como mediador.”

“Então as pessoas procuram [a felicidade].”

“Não é o local adequado pra pessoa encontrar felicidade.”

“Eu acho que dá pra buscar [a felicidade].”

“Ela pode voltar a buscar mais rapidamente [a felicidade].”

Ainda constataram-se duas metáforas lingüísticas possivelmente associadas ao domínio-fonte VIAGEM, que nesse caso representa o processo a realizar para alcançar a meta, isto é, a felicidade:

“[Felicidade é] você saber conduzir as coisas, né, mesmo diante de problemas ou situações problemáticas, você saber conduzir as coisas, saber que nem tudo está perdido.”

“[Felicidade é] mesmo diante de problemas, é você saber conduzir.”

VIAGEM como domínio-fonte já foi estudado, especialmente relacionado aos

domínios-alvo VIDA e AMOR (LAKOFF; JOHNSON, 1980), justamente enfocando-se a idéia de percurso.

(6) FELICIDADE É ENERGIA

A metáfora (6) é uma subcategoria da metáfora conceitual FELICIDADE É UMA SUBSTÂNCIA. Optou-se por considerá-la separadamente porque nesse caso há um elemento a mais, que pode ser um constructo (KÖVECSES, 2005) revelador de variação. Nessa metáfora, o foco está no que a felicidade proporciona à pessoa. As ocorrências lingüísticas metafóricas são de luso-brasileiros, exceto por duas, de um sujeito ítalo-brasileiro.

“[A felicidade] me deixa viva.”

“Tem aquela felicidade, digamos, que excita.”

“A felicidade me deixa mais faceira.”

“[A felicidade me deixa] mais alegre.”

“[A felicidade me deixa] mais tranqüila.”

“A felicidade me deixa tranqüilo.”

“Eu acho que [a felicidade] deixa a gente tranqüilo.”

(7) FELICIDADE É UMA ARMA NUMA LUTA

Diferentemente do encontrado por Kövecses (2003b) – FELICIDADE É UM ADVERSÁRIO NUMA LUTA, aqui se tem FELICIDADE É UMA ARMA NUMA LUTA: a felicidade ajuda a enfrentar as dificuldades. Nesse sentido, essa metáfora, que foi usada somente por dois sujeitos ítalo-brasileiros, pode ser uma subcategoria da metáfora FELICIDADE É ENERGIA, acrescida a idéia de luta contida no verbo ‘vencer’.

“[Felicidade é] facilidade de vencer os obstáculos.”

“Ela [pessoa feliz] tenta ser feliz do jeito que ela pode, vamos dizer, na [a]diversidade, vamos dizer, doença, mesmo assim, ela tenta em frente, tenta vencer os imprevistos.”

(8) FELICIDADE É ABERTURA

Mais uma vez percebe-se o uso da metáfora pelos sujeitos das duas etnias contempladas nesta pesquisa. Essa metáfora é coerente com as demais baseadas em experiências físicas: FELICIDADE É PARA CIMA e FELICIDADE É LUMINOSIDADE. Ela confirma que à felicidade estão associadas idéias de expansão, clareza e amplitude.

“[Uma pessoa feliz] vai estar aberta a superar isso [as dificuldades].”

“[A pessoa feliz é] mais aberta.”

“[As pessoas] se expandem [quando estão felizes].”

“[Felicidade é você] se abrir.”

“Eu sou muito mais aberta [quando estou feliz].”

A mesma metáfora aparece nas seguintes ocorrências, embora pela negação:

“Eu não fico fechado [quando estou feliz].”

“Elas não ficam fechadas [quando estão felizes].”

(9) FELICIDADE É INFORMAÇÃO

A unidirecionalidade das metáforas defendida por Lima (2003) confirma-se nesta pesquisa. Por exemplo, afirmar que FELICIDADE É INFORMAÇÃO não é o mesmo que dizer INFORMAÇÃO É FELICIDADE. Conforme entende Lima (2003), se a relação fosse bidirecional, a relação seria de similaridade. A maioria das metáforas linguísticas (7 ocorrências) é da fala de sujeitos ítalo-brasileiros. Apesar disso, não há elementos suficientes

para se tecer considerações sobre variação étnica nesse caso.

“Eu transmito pelos olhos essa alegria [felicidade].”

“Então, girassol pra mim me transmite felicidade.”

“Assim, você transmite felicidade pros outros.”

“Você transmite [felicidade].”

“[Felicidade] você transmite pros outros.”

“Você transmite esse bem-estar [felicidade] pra quem tá próximo.”

“Tu passa alegria pros outros [quando está sentindo felicidade].”

“Quando eu vejo a pessoa serena, tranqüila, assim, me passa felicidade, que a pessoa é feliz.”

“A gente vê que a pessoa tá serena, tá calma, acho que isso me transmite felicidade.”

“Uma paisagem [natural] me transmite muita paz, muita tranqüilidade, assim, felicidade.”

Em todas as ocorrências acima verificam-se os verbos 'transmitir', 'passar', do âmbito da informação, o que sugeriu o conceito proposto. A experiência física conceitualizada na metáfora parece ser atitudinal, comportamental, passível de associação com práticas de grupo sustentadas pelo *habitus*, o que permitiria defender a idéia de variação relacionada à cultura.

(10) FELICIDADE É UM CANAL

A metáfora do CANAL já foi muito analisada, especialmente por Reddy (1979). Mas nos casos citados por esse autor, ela está predominantemente relacionada a expressões que versam sobre linguagem, como em “É difícil passar aquela idéia para ele.” (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Nesse caso, COMUNICAÇÃO É UM CANAL. A partir das entrevistas da presente pesquisa, verifica-se que a metáfora do CANAL aparece relacionada à FELICIDADE, sendo FELICIDADE É UM CANAL.

“Tem também aquela felicidade que traz tranqüilidade.”

“[Felicidade é] algo que te traga satisfação.”

(11) FELICIDADE É HERDADA

Essa é uma metáfora bastante específica, usada por apenas um sujeito ítalo-brasileiro. A dimensão étnica mais uma vez não pode ser evocada para explicar esse caso de variação, mas a idéia de valor transgeracional está presente, o que pode estar associado a uma concepção de família historicamente constituída.

“Isso [felicidade] vem de berço.”

“[Felicidade] vem de berço.”

“Não adianta querer eu criar felicidade, que não consigo, ela vem de berço [valor].”

4.3.2.1 Personificação

A personificação é, segundo Lakoff e Johnson (1980), uma extensão de metáforas ontológicas, pois permite atribuir sentido a fenômenos do mundo em termos humanos. Por isso, apesar de serem consideradas à parte no presente estudo, são analisadas da mesma forma que as metáforas.

(12) FELICIDADE É UMA PESSOA

A ocorrência de metáforas lingüísticas ligadas à metáfora conceitual (12) é mais forte em falas de ítalo-brasileiros do que de luso-brasileiros. As pessoas são: FILHO, CRIANÇA, MARIDO, MÃE, JOVEM, AFILHADA, FAMÍLIA, ESPOSA, AMIGO.

Encontrar menção à família como motivo de felicidade é coerente se relacionado com os dados da ficha social (ver seção 4.2). Dos 20 sujeitos, 19 têm família constituída (ou

companheiro e filhos, ou apenas companheiros, ou apenas filhos, ou ainda companheiro e filhos e outro familiar). O único sujeito que não tem família menciona como objetivo de vida constituí-la.

“[Felicidade é] uma criança.”

“[Felicidade é] um marido carinhoso, compreensivo.”

“Eu relaciono, assim, [felicidade] bastante com criança.”

“[Eu relaciono felicidade] com aquela juventude, assim, esbanjando energia.”

“[Eu relaciono felicidade] com aquela imagem do jovem chegando pra ti, se abrindo pra ti.”

“[Eu vejo felicidade] na pessoa do idoso também, porque é a sabedoria.”

“[Felicidade são] as minhas filhas.”

“[Felicidade são] as crianças com quem eu trabalho.”

“Felicidade, pra mim, que eu vejo, assim, é na minha afilhada.”

“[Felicidade é] esposa.”

“[Felicidade são] os amigos.”

“[Felicidade é] minha família.”

“[Felicidade são] meus filhos.”

“[Felicidade é] a família.”

“Felicidade é ver os meus filhos bem.”

Nesta última ocorrência, além de se observar que a felicidade está relacionada a uma pessoa, percebe-se a metáfora conceitual SABER É VER (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

4.4 METONÍMIAS

As ocorrências metonímicas apareceram nas falas em número maior: as 19 metonímias conceituais estão ligadas a 259 metonímias lingüísticas, sendo 139 de ítalo-brasileiros e 120 de luso-brasileiros.

Na metonímia, uma entidade 'representa' a outra (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Assim, consideraram-se metonímicas as ocorrências em que um domínio foi apresentado (principalmente como motivo para a felicidade) como parte da felicidade, que é um sentimento amplo. A grande metonímia conceitual, que se confirma ao longo desta seção, é PARTE PELO TODO.

4.4.1 Metonímias universais

As duas metonímias conceituais analisadas como gerais remetem a duas metáforas encontradas por Kövecses (2003b): FELICIDADE É UMA SENSAÇÃO FÍSICA PRAZEROSA e FELICIDADE É VITALIDADE.

(13) SENSAÇÃO FÍSICA PRAZEROSA PELA FELICIDADE

Kövecses (2003b) define esse caso como sendo metafórico. Apesar disso, pensa-se que (13) seja uma metonímia, pois não há o estabelecimento de uma relação de semelhança entre dois domínios, e sim de contigüidade. Além do mais, o bem-estar é tomado amplamente nas metáforas lingüísticas, podendo significar um conjunto de sensações físicas agradáveis. Vale destacar que as ocorrências são tanto de ítalo-brasileiros quanto de luso-brasileiros e que o bem-estar é referido em relação ao próprio falante ou dele em relação às demais pessoas.

“[Felicidade é] aquele bem-estar.”

“[Felicidade] é a gente se sentir bem.”

“[Felicidade] são sensações ótimas.”

“[Felicidade] é aquele sentimento, aquela coisa gostosa e tudo que está dentro de cada um de nós.”

“[Felicidade é] aquela coisa gostosa que a gente sente, muitas vezes a gente não sabe explicar.”

“[Felicidade é] aquela coisa, assim, que a gente diz “ai meu Deus, como é bom viver”.”

“[Felicidade é] uma sensação de bem-estar tão grande.”

“Primeiro lugar, [felicidade] é estar de bem comigo mesmo.”

“[A felicidade acontece] quando você se sente bem.”

“Estar feliz é sentir-se bem consigo mesmo e com o próximo.”

“Em primeiro lugar a felicidade pra mim é me sentir bem comigo mesma.”

“[Felicidade é quando] você está bem em casa.”

“[Felicidade é quando] você está bem na tua profissão.”

“[Felicidade é quando] você está bem com os amigos.”

“Felicidade pra mim é em primeiro lugar você estar bem com os que estão próximos.”

“[Felicidade é quando] eu estou bem comigo mesma.”

“[Felicidade é quando eu estou bem] com os meus familiares.”

“[Quando você sente felicidade] você passa a se sentir bem.”

“Felicidade, pra mim, eu acho que é um estar bem.”

“[Felicidade é] um estar bem consigo mesmo.”

“[Felicidade é um] tempo mais prolongado dum sentimento de bem, de gostoso, sabe, de estar bem.”

“Felicidade é tu tá bem contigo mesmo, principalmente, em primeiro lugar.”

“[Felicidade é] tá bem com os outros também.”

“[Felicidade é] tu estar bem.”

“[Felicidade é] tu estar bem com a outra pessoa.”

“[Felicidade é] quando tu tá bem.”

“Se tu tá bem, tá feliz.”

“[Felicidade é] um bem-estar.”

“[Felicidade é quando a pessoa] esteja bem consigo mesma.”

“Eu acho, em vez, que a felicidade, ela se resume, em primeiro lugar, a gente estar bem consigo mesmo.”

“[Felicidade é estar bem] consigo mesmo e com aquelas pessoas que nos rodeiam, aquelas pessoas que nos são caras.”

“[Felicidade] é estar bem com a gente mesmo.”

“No momento que a gente se sente bem, a gente está feliz.”

“[Felicidade é estar] de bem com a vida.”

“No momento, eu queria ficar bem comigo mesma, sabe, comigo mesma [pra me sentir feliz].”

“[Felicidade é] tu tá bem com todo mundo.”

“[Felicidade é uma sensação] de dormir bem.”

“[Felicidade é uma sensação] de acordar bem.”

“Então a felicidade pra mim é a pessoa tá bem.”

“[Felicidade é uma sensação de] tá sempre bem com todo mundo.”

“Quando você tá feliz, tudo tá bem.”

“[Felicidade é] você estar satisfeito com algo.”

“[Felicidade] é você estar satisfeito.”

“[Felicidade é você] dizer assim, estou satisfeito com o meu trabalho, com a minha família, com o que eu estou vendo.”

“Felicidade também é uma satisfação.”

“[Felicidade é] você se sentir bem com a tua família, na tua família.”

“Felicidade, felicidade é você se sentir bem.”

“[Felicidade é] você estar bem.”

“[Felicidade é] tendo prazer por aquilo que tu faz.”

“Felicidade são momentos de prazer que a gente tem na vida.”

“[Felicidade é uma sensação] de prazer.”

“Uma pessoa que esteja de bem com a vida [é feliz].”

“[Uma pessoa] que esteja de bem com a família [é feliz].”

“[Felicidade é] tá de bem com a vida.”

(14) VITALIDADE PELA FELICIDADE

Da mesma forma que a metonímia anterior, (14) toma uma sensação ampla como parte da felicidade, tanto para ítalo-brasileiros quanto para luso-brasileiros.

“[Felicidade é] vontade de viver.”

“[Felicidade é] aquele entusiasmo.”

“[Felicidade é ter] um prazer, um prazer, assim, de viver.”

“[Felicidade é estar] totalmente eufórico.”

“[Felicidade é] coração acelerado.”

“[Felicidade é] coração acelerado.”

“[Felicidade é a] vida de um modo geral.”

“Felicidade são] coisas vivas.”

“[Felicidade é] um lugar que tenha vida.”

“[Felicidade é] a sensação de poder tudo.”

“[Felicidade é] sensação de poder.”

Além das sensações, a experiência física de aceleração de batimentos cardíacos também é conceitualizada na metonímia (14).

(15) LUMINOSIDADE PELA FELICIDADE

Kövecses (2003b) afirma que na língua inglesa é muito comum o uso da intensidade

do brilho dos olhos para indicar metonimicamente a felicidade do inglês, o que se verificou também nos dados do presente estudo e permite considerar essa uma metonímia geral.

“[Felicidade é] uma aura, assim, toda iluminada.”

“Através do brilho do olhar [percebe-se a felicidade].”

“[Felicidade é] o olho iluminado.”

“[Felicidade é] o brilho do olho.”

“Tu olha no olho, assim, brilhante [da pessoa feliz].”

“[A pessoa que está feliz fica com] um olhar mais alegre, mais, mais, como é que é, mais brilho no olhar.”

“Os olhos brilhante [demonstram felicidade].”

“O brilho nos olhos [demonstra a felicidade].”

“Um olhar brilhante, tá, um olhar brilhante [demonstra felicidade].”

“O olho brilha mais facilmente também [quando sente felicidade].”

(16) OLHAR PELA FELICIDADE

Nessa metonímia conceitual aparece mais uma vez um elemento que já apareceu e que vai ainda se repetir mais adiante, que é a família, já dando indícios de que nela realizam-se experiências conceitualizadas nas metáforas:

“[Felicidade é] o olhar de uma mãe dedicada.”

(17) SORRISO PELA FELICIDADE

Nas ocorrências que exemplificam (17), a metonímia apresenta-se ainda mais claramente, uma vez que se toma um ato humano para conceitualizar a felicidade:

“[Felicidade é] um sorriso bem grande.”

“[Felicidade é] um sorriso.”

(18) SEMBLANTE LEVE PELA FELICIDADE

No caso (18), a idéia da metáfora FELICIDADE É ESTAR ACIMA DO SOLO permanece, mas a expressão lingüística aparece metonimicamente, pois remete ao semblante como parte de um todo maior – o corpo.

“[Feliz] é aquele semblante que não tá carregado.”

4.4.2 Metonímias específicas

(19) INTERAÇÃO PELA FELICIDADE

A metonímia conceitual (19) mostrou-se muito produtiva em língua portuguesa. Talvez até seja um caso específico da região na qual se coletou os dados, principalmente porque é da tradição da imigração italiana, predominante na região, criar muitos momentos para reunir grupos de pessoas:

“[Felicidade é] um almoço [reunião].”

“[Felicidade são] as pequenas coisas que a gente faz, né, pras crianças, na vida, no dia-a-dia.”

“[Felicidade é] se curtir.”

“[Felicidade] é conviver com quem você gosta.”

“[Felicidade é se dar bem] com a pessoa mais próxima.”

“[Felicidade é] se dar bem com os outros.”

“[Felicidade é] ser legal com os outros.”

“A felicidade tem que ser entre duas pessoas e/ou mais gente.”

- “A felicidade é em, entre duas, dois seres: um homem e uma mulher.”*
- “[A felicidade é] entre duas pessoas.”*
- “[Felicidade é] visitar vizinhos.”*
- “[Felicidade é] visitar parentes.”*
- “[Felicidade é] visitar doentes.”*
- “[Felicidade é] sentir o momento e a oportunidade de estar com uma pessoa que você queira.”*
- “[Fico feliz porque] posso estar junto.”*
- “[Felicidade] é tu saber ter os momentos e com que eles sejam presenciados.”*
- “[Felicidade é conviver] com os amigos.”*
- “[Felicidade é conviver] com os vizinhos.”*
- “[Felicidade é] um beijo.”*
- “[Felicidade é] um abraço.”*
- “[Felicidade é] saber respeitar a opinião dos outros.”*
- “[Felicidade é] a gente tá junto pra almoçar.”*
- “[Felicidade é a gente tá junto] pra jantar.”*
- “[Felicidade é] fim-de-semana junto.”*
- “[Felicidade é] estar com os amigos.”*
- “[Felicidade é] se reunir.”*
- “[Felicidade] é você querer unir.”*
- “[Felicidade] é você querer agregar.”*
- “[Felicidade é] muita união.”*
- “[Felicidade são pessoas] muito unidas.”*
- “[Felicidade é] reunião.”*
- “[Felicidade é] ajudar.”*
- “[Felicidade é você ter] muito comunicação.”*

“O simples estar [junto] já é, já é felicidade.”

“[Felicidade era] eu saber que a gente, nós íamos compartilhar uma experiência juntos.”

“[Felicidade é] a alegria de tu estar junto com outra pessoa.”

“Felicidade seria, assim, conviver bem com os amigos.”

Tratando-se da mesma metonímia conceitual, mas focalizando a interação na família, destacam-se as seguintes ocorrências, as quais mais uma vez reforçam que essa instituição é muito forte na região:

“[Felicidade é] uma reunião de família.”

“[Felicidade é] um encontro de mãe e filha.”

“[Felicidade é o reencontro] de irmãs que não se vêem há bastante tempo.”

“[Felicidade] é se dar bem com o teu marido.”

“[Felicidade] pode ser um aconchego familiar.”

“[Felicidade] pode ser estar com as minhas filhas.”

“Felicidade pra mim é tá com a minha família.”

“[Felicidade é que] você mantenha a tua família unida.”

“Pra mim, felicidade é, sei lá, tá com meus filhos.”

“[Felicidade é] a família tá toda junto.”

“[Felicidade é] poder estar com a família.”

“[Felicidade é] um pai, uma mãe com seu filho.”

(20) INTERAÇÃO VERBAL PELA FELICIDADE

Outras ocorrências culturalmente sustentadas parecem ser as que remetem à fala, e não ao silêncio e à contemplação, como experiência de felicidade. Essa constatação reforça a idéia que o senso comum tem do descendente de italiano, quando está feliz: expansivo, falante.

“[Felicidade é] conversar.”

“[Felicidade é] disposição de falar.”

“[Felicidade é] cantar.”

“[Felicidade é você ter] muita fala.”

“[Felicidade é] saber conversar com as pessoas.”

(21) TRANQUILIDADE FÍSICA PELA FELICIDADE

A metonímia (21), à primeira vista, parece não ser coerente a um sistema que, pelo que se analisou até o momento, está fortemente relacionado a movimento. Aqui o elemento novo, tomado como contíguo à felicidade, é a paz, a tranquilidade. Apesar disso, ou seja, embora não remeta a movimento, essas são também sensações físicas agradáveis.

“Felicidade acho que é aquela paz de espírito.”

“[Felicidade é] paz na família.”

“[Felicidade é] aquela tranquilidade.”

“[Felicidade é] tranquilidade.”

“[Felicidade é] aquela tranquilidade.”

“[São felizes as pessoas que] têm um estado de espírito tranquilo.”

“[Felicidade é] tranquilidade.”

“[Felicidade é] eu acho que uma paz.”

“[Felicidade é] uma tranquilidade.”

“[Felicidade é] uma harmonia.”

“[Felicidade é] poder desfrutar de alguma coisa com tranquilidade.”

“[No momento] que a gente está em paz com a gente mesmo, a gente está feliz.”

“[Felicidade é] paz interior.”

“[Felicidade é] uma sensação de sossego.”

“[Felicidade é] aquele estado de espírito, assim, de alívio.”

“[Felicidade é] alívio.”

“[Felicidade é] uma sensação, assim, de alívio.”

“[Felicidade é] uma sensação de alívio.”

“[Felicidade é] se sentir aliviada.”

“[Felicidade é] a gente se sentir em paz consigo mesmo.”

“[Felicidade é uma sensação] de harmonia com o mundo.”

“[Felicidade é uma sensação] de paz de espírito.”

(22) LAZER PELA FELICIDADE

Pensa-se que, através da metonímia (22), estejam revelados aspectos culturais, pois aparecem ao menos algumas atividades realizadas em momentos de lazer: viagem, pesca, brincadeiras e leitura. É interessante a referência espontânea ao ler, feita por uma entrevistada cuja profissão é professora.

“[Felicidade] pode ser estar curtindo qualquer momento.”

“[Felicidade é] vamos supor, tu quer uma viagem, assim, tu imagina a viagem, tu, essa é, acho que é o sentimento.”

“[Felicidade é] sair.”

“[Felicidade] pra mim é sair com minhas filhas.”

“[Felicidade] é ir pescar.”

“[Fico feliz porque posso] brincar.”

“[Felicidade são] espaços, assim, de lazer.”

“[Felicidade é que] você tenha um lazer.”

“[Felicidade] é a gente perceber que felicidade também é ler.”

“[Felicidade é] eu tá viajando, assim, num local muito bonito com a minha família.”

Antônio Prado tem pelo menos dois grandes eventos de festas: Noite Italiana e Mostra Del Paese. O primeiro evento é um jantar, realizado anualmente em dois sábados do mês de agosto, com comidas e bebidas típicas italianas e tem por objetivo resgatar e atualizar os costumes dos imigrantes, também através de apresentações de dança. A Mostra Del Paese, que acontece bianualmente no mês de maio, é uma feira agro-industrial que divulga os produtos de empresas da região, especialmente do ramo moveleiro (o município é o quarto pólo moveleiro do Estado), além de produtos agrícolas e artesanais. A menção a festas aparece nas seguintes metáforas lingüísticas, revelando mais um lazer típico dos moradores de Antônio Prado:

“[Felicidade é estar], assim, numa festa.”

“[Felicidade é] ir em festas com amigos.”

“[Felicidade pra mim é] se divertir, um baile aqui, uma janta ali.”

“[Felicidade é] me divertir.”

“[Felicidade é] dançar.”

(23) NATUREZA PELA FELICIDADE

Segundo Kövecses (2005), uma das causas da variação metafórica é o ambiente físico, formado pela geografia da paisagem, da fauna, da flora, da moradia e das outras pessoas. Para o autor, um caso óbvio é o do contato entre humanos e animais, o que resulta em conceitualização mais freqüente em termos de animais. Aplica-se, no presente trabalho, o caso da flora mais do que o da fauna. A conceitualização em termos de animais ou partes do corpo de animais é observada em apenas duas metonímias lingüísticas, ligadas à metonímia conceitual (23), uma da fala de um ítalo-brasileiro e outra de um luso-brasileiro, o que mais uma vez não revela variação étnica:

“[Felicidade é] o cantar de um pássaro.”

“[Felicidade é um lugar que tenha] pássaros.”

Já incluindo a fauna e a natureza de modo mais geral são as ocorrências encontradas em pelo menos 13 metonímias lingüísticas:

“[Felicidade é] a natureza.”

“[Felicidade são] as flores.”

“[Felicidade é] água correndo.”

“[Felicidade é] até a brisa.”

“[Felicidade são] os girassóis.”

“[Felicidade pode ser estar] em contato com a natureza, estar caminhando.”

“[Felicidade são coisas] ligadas à natureza.”

“[Felicidade são] paisagens.”

“[Felicidade são] parques.”

“[Felicidade é] uma flor.”

“[Felicidade é um lugar que tenha] natureza.”

“[Felicidade é] a natureza pura, simples, alegre.”

“A felicidade tá aliada um pouco à natureza.”

É interessante que o único animal que aparece nos dados é o pássaro. Suas características parecem associar-se muito às idéias da metáfora também encontrada FELICIDADE É ESTAR ACIMA DO SOLO, especialmente à sensação de voar. O fato de as metonímias relacionadas à natureza serem encontradas tanto na fala de ítalo-brasileiros quanto na de luso-brasileiros comprova que essa é uma variação decorrente do ambiente físico ao qual estão expostos os sujeitos. Embora vivam na área urbana do município de Antônio Prado, têm muito contato com a natureza, fato que inclusive é usado para promover o turismo (o filme *O quatrilho*, de Fábio Barreto, filmado nos cenários do município, também é citado como argumento para atrair turistas). No município há pelo menos cinco rios: Rio das Antas, Arroio Passo do Inferno, Rio da Prata, Rio Leão e Arroio Quaresma; áreas de preservação:

Parque Municipal de Antônio Prado, Gruta Natural. Os atrativos naturais também são usados para promover o turismo.

(24) DEUS PELA FELICIDADE

Battistel (1983), ao concluir seu estudo sobre a religião do imigrante italiano, apresenta, entre outras, a seguinte colocação: o imigrante era católico convicto, mas, em alguns casos, quando da transmissão das práticas religiosas aos descendentes, torna-se volúvel. Apesar de, como mencionado na seção 4.2, 9 sujeitos não se considerarem praticantes ou apresentarem ressalvas ao se considerarem praticantes, percebe-se, a partir de seus discursos, referências a Deus. Isso foi feito tanto por ítalo-brasileiros quanto por luso-brasileiros através de ocorrências metonímicas.

“[Felicidade é] uma sensação de reconhecimento e agradecimento a Deus.”

“[Felicidade é] algo que tu relaciona à existência, um Deus.”

“[Felicidade] é a fé que a gente tem em Deus.”

“[Felicidade pra mim] seria Deus.”

(25) ALIMENTO PELA FELICIDADE

Segundo Kövecses (2003b), NUTRIENTE/COMIDA é um domínio-fonte produtivo, especialmente para os domínios-alvo AMOR e LUXÚRIA. Ele remete ao desejo de se obter algo. No caso desta investigação, o processo envolvendo NUTRIENTE/COMIDA é metonímico – (25).

Meira (2004, p. 32) relata que nas viagens de ônibus feitas a Antônio Prado, em estrada de terra, além de passageiros, era comum encontrar “galinhas, passarinhos, sacolas, sacos de linhagem guardando preciosidades (em se tratando da zona italiana – comida,

naturalmente)”. Ainda a mesma autora conta quanto às deliciosas refeições que fazia em Antônio Prado: “uma fartura diretamente proporcional à fome dos primeiros tempos (diz Cleodes que é uma maneira de se sobrepor à fome atávica)” (p. 33). E ainda, quando trata da arquitetura das casas italianas, nas quais a cozinha ganhava espaço considerável: “nas áreas de imigração italiana, à cozinha dedicava-se especial atenção. Devido à devoção culinária [...]” (p. 37).

“Um momento de felicidade podia ser considerado, de repente, é, porque não sentar na praça e tomar um sorvete.”

“[Felicidade é] tomar uma cerveja.”

“Eu acredito que aqui em Antônio Prado a felicidade é comer bem.”

“Acho que de um modo geral, assim, [felicidade] é comer bem.”

(26) BEM MATERIAL PELA FELICIDADE

Para os descendentes de imigrantes italianos e portugueses, mas também para os brasileiros de modo geral, que vivenciam situações de privação financeira e instabilidade econômica e para quem a certeza dos recursos fundamentais à sobrevivência são objetivo (felicidade), o contexto espiritual vem depois.

“[Felicidade] é muito o ter, o ter.”

“[Felicidade é ter] o que comer.”

“[Felicidade é ter] o que vestir.”

“[Eu acho que pela nossa descendência de cultura italiana, a felicidade ficou muito depositada] no poder suprir as coisas do dia-a-dia.”

“[Felicidade é] financeiramente, porque sem dinheiro não há nada, ele te ajuda em partes.”

“[Felicidade é ter] as coisas que ela precisa pra uma necessidade de vida.”

“[Felicidade é ter] dinheiro, [estar] monetariamente bem e pessoalmente bem.”

“[São felizes porque] eles tão contentes com o que têm.”

“Poder financeiro pode, pode auxiliar com que tu propicie a felicidade.”

“[Felicidade é] ter um pouco de conforto pra ajudar.”

“Tem gente que, por exemplo, pensa que ser feliz é ter bastante dinheiro.”

“Elas [pessoas] encaram a felicidade mais na parte material.”

“Tu tem o material, tu tá feliz.”

“Eu tendo um dinheiro pra pagar tuas conta, né, pagar suas dívida, pra comer, principalmente, pra estudar teus filhos, tu tendo isso aí hoje em dia, você tá feliz.”

“[Felicidade é] tu ganhar, né, pra pagar o teu, tudo, teus filho.”

“Felicidade, pra mim, seria eu ter condições, ganhar um bom salário e pagar e comprar o que eu pudesse dar pros meus filhos.”

“[Felicidade, pra mim, seria] comprar uma casa própria.”

“[Felicidade, pra mim, seria] tu ter onde morar.”

“[Felicidade, pra mim, seria tu ter] o que vestir, se vestir bem.”

“Hoje em dia todo mundo quer se vestir bem, comer bem, pra mim era isso, felicidade é isso.”

“[Felicidade pra mim] seria dar muito mais que eu posso pros meus filhos.”

“[Felicidade é que] você tenha o teu conforto.”

“[Tem pessoas que acham felicidade] num carro novo.”

(27) BEM IMATERIAL PELA FELICIDADE

O conceito em (27) é construído a partir de experiências coletivas ligadas às relações familiares, à amizade. Também a angústia básica do ser humano com a finitude ligada às doenças aí transparece pelo seu oposto: felicidade é ter saúde, e não estar doente.

- “[Felicidade são coisas] que estão dentro de nós.”*
- “[Felicidade] eu acho que é aquela coisa, assim, boa.”*
- “[Felicidade] é essa coisa gostosa.”*
- “[Felicidade é] a valorização da questão da saúde.”*
- “Uma pessoa poderia ser feliz simplesmente ela sendo saudável.”*
- “[Felicidade é] ela sendo saudável, primeiro plano.”*
- “Eu vejo que [felicidade está] no departamento sentimental, do sentido.”*
- “Eu acho que felicidade é isso: tu ter saúde, principalmente.”*
- “[Felicidade é] muita amizade.”*
- “[Felicidade são coisas que estão] ao nosso redor.”*
- “[Felicidade são coisas que estão] no nosso meio.”*
- “[Felicidade são coisas] que muitas vezes a gente não percebe.”*
- “[Felicidade] é uma coisa muito boa.”*
- “[Felicidade é ter] muitos amigos ao redor.”*
- “Felicidade é você ter amigos.”*
- “[Felicidade é] principalmente ter amigos.”*
- “Se a gente tem uma família, [é feliz].”*
- “[Felicidade é] um estado de ser, e não só o ter.”*
- “Felicidade verdadeira, o que é, tu poder estar entre amigos.”*
- “[Felicidade são] esses valores que estão se perdendo.”*
- “Ter saúde pra poder acompanhar esses valores, tal uma família e amizade, acho que é, acho que é a felicidade.”*

(28) SIMPLICIDADE PELA FELICIDADE

Além de coerente com o caso anterior, a metonímia conceitual (28), caso se pense em

termos da dificuldade em se estabelecerem limites entre os conceitos (LAKOFF, 1987), está muito próxima à metonímia TRANQUILIDADE FÍSICA PELA FELICIDADE, uma vez que também não está relacionada a movimento, mas a simplicidade:

“A felicidade é, são as pequenas coisas.”

“[Felicidade é] as coisas mais simples.”

“E hoje eu vejo que felicidade são coisas, assim, tão simples e cotidianas da vida.”

“[Felicidade são] coisas simples.”

“A felicidade, eu acho, ela está principalmente centrada nas coisas simples.”

“[Felicidade seria] uma coisa bem simples.”

(29) TRABALHO PELA FELICIDADE

Seria surpreendente se o domínio do trabalho não aparecesse nos dados, uma vez que se trata da antiga Região de Colonização Italiana no Rio Grande do Sul. O trabalho poderia ser simplesmente interpretado por garantir as condições materiais da existência, mas em estudos sobre a cultura regional (por exemplo, AZEVEDO, 1994; SANTOS, 1984), o trabalho é mais que isso: é referido como valor de grupo.

“[Felicidade é] ter que trabalhar, isso é saudável.”

“Eles atribuem [felicidade] a um serviço, todo mundo empregado, ganhando salários.”

“[Felicidade pra mim é] trabalhar.”

“[Felicidade é] o marido trabalhando.”

“[Felicidade é] eu também [trabalhando].”

“[Felicidade é] você ter o teu trabalho.”

“[Felicidade é] o trabalho.”

“[Felicidade é] o serviço.”

“[Felicidade] é quando vai bem no serviço, sabe, quando tá indo corretamente, tranqüilo.”

(30) BELEZA PELA FELICIDADE

Apesar de não haver registro dessa metonímia em outros estudos sobre a felicidade, acredita-se não ser esse um caso das dimensões social, étnica ou cultural na variação metafórica. A beleza, nos padrões que é concebida hoje, é notadamente um aspecto da vida moderna e globalizada. Também fica claro que relacionar beleza à felicidade é coerente com os demais elementos que constituem o sistema metafórico e metonímico, especialmente luminosidade.

“[Felicidade é] se vestir melhor.”

“[Felicidade é se] enfeitar.”

“[A sensação de felicidade] foi muito linda.”

“[Felicidade é] uma imagem muito bonita.”

“Todo aquele que é feliz, é bonito.”

“Eu vejo ela bonita [se ela está feliz].”

“E é assim que eu defino o ser humano: quando ele é alegre, ele é contente, ele é bonito.”

4.5 ANÁLISE DAS PRÁTICAS

Ao se analisar as ocorrências metafóricas e metonímicas, outro fenômeno pôde ser observado: o fato de as pessoas, em seus discursos sobre felicidade, falarem sobre suas práticas. Essa análise torna concreta a noção de cultura como prática anunciada na seção 2.4.1.2, pois situa o uso da língua entre as demais práticas sociais do dia-a-dia. Ou seja, nos dados, pôde-se observar respostas ao seguinte questionamento: quando estão felizes, as

peças fazem o quê? As respostas foram categorizadas de acordo com o t3pico, sendo encontradas as seguintes categorias: 3nimo, apar3ncia f3sica, resolu33o de problemas, relacionamento, comunica33o – fala, doa33o, toler3ncia, lazer. O quadro seguinte mostra as ocorr3ncias distribu3das por categoria, com alguns exemplos.

Categoria	Pr3tica	Exemplo
3nimo	<ul style="list-style-type: none"> – ficam mais dispostas; – ficam satisfeitas; – t3m prazer por aquilo que fazem; – t3m mais vontade/prazer de viver; – ficam de bem com a vida; – ficam mais espont3neas; – ficam euf3ricas; – ficam faceiras; – ficam contentes; – ficam bem-humoradas; – trabalham mais; – agitam-se bastante. 	<p><i>“Trabalho mais [quando estou feliz].”</i></p> <p><i>“[Fico] mais disposta [quando estou feliz].”</i></p>
Apar3ncia f3sica	<ul style="list-style-type: none"> – acham-se bonitas; – vestem-se melhor; – enfeitam-se; – ficam mais bonitas. 	<p><i>“Me achava linda de morrer [quando estava feliz].”</i></p> <p><i>“Voc3 se veste melhor [quando est3 feliz].”</i></p>
Resolu33o de problemas	<ul style="list-style-type: none"> – vencem obst3culos com mais facilidade; – encaram problemas com mais maturidade; – tentam resolver os problemas; – superam as dificuldades. 	<p><i>“[A pessoa feliz tem atitude de] tentar resolver [os problemas].”</i></p> <p><i>“[Uma pessoa feliz] vai estar aberta a superar isso [as dificuldades].”</i></p>
Relacionamento	<ul style="list-style-type: none"> – passam coisas boas, positivas; – relacionam-se mais com as pessoas; – aproximam-se mais; – ficam de bem com todo mundo; – unem-se mais; – convivem mais; – abra3am-se mais; – respeitam a opini3o dos outros; – tratam as outras pessoas com mais aten33o, mais carinho. 	<p><i>“[Estou feliz quando] eu me relaciono mais ainda com as pessoas.”</i></p> <p><i>“Ela te cumprimenta com naturalidade [quando est3 feliz].”</i></p>
Comunica33o – fala	<ul style="list-style-type: none"> – ficam mais falantes; – contam piada; – dialogam mais; – ficam mais comunicativas; – cumprimentam-se com mais naturalidade; – falam mais alto; – falam mais r3pido. 	<p><i>“[Estou feliz quando estou] mais falante.”</i></p> <p><i>“Tu conta piada [quando est3 sentindo felicidade].”</i></p>
Doa33o	<ul style="list-style-type: none"> – prontificam-se mais; – doam-se mais. 	<p><i>“[Estando feliz], tu te doa mais.”</i></p> <p><i>“Estando feliz, tu te prontifica.”</i></p>
Toler3ncia	<ul style="list-style-type: none"> – aceitam mais as coisas/as pessoas como elas s3o; – n3o reclamam do barulho; – toleram mais as coisas/pessoas. 	<p><i>“Tu suporta mais [quando est3 feliz].”</i></p> <p><i>“N3o reclamo muito do barulho [quando estou feliz].”</i></p>

Lazer	<ul style="list-style-type: none"> - saem; - passeiam; - têm lazer; - divertem-se; - tomam cerveja; - dançam; - cantam. 	<p>“<i>[Quando sinto felicidade] eu faço festa.</i>”</p> <p>“<i>[A gente se sente com vontade de] cantar [quando está feliz].</i>”</p>
-------	--	--

Quadro 12: Categorias e ocorrências reveladoras de práticas

Na categoria ânimo, dá-se destaque ao 'trabalham mais'. É notável a ênfase dada ao trabalho quando o assunto é a antiga Região de Colonização Italiana. De Boni e Costa (2005, p. 29) afirmam que “as famílias italianas vieram fazer a América a seu modo, com trabalho e fé”. Ao se observar os dados levantados por esta pesquisa, nota-se que essa prática – o trabalho – aparece numa referência a 'as pessoas trabalham mais quando estão felizes'. Isso pode ser interpretado no sentido de a felicidade ser uma pré-condição para o trabalho, e este garantir a felicidade, o que é retro-alimentador. Afinal, o trabalho possibilita a conquista, por exemplo, da comida e do lazer – tópicos que apareceram nas ocorrências metonímicas. Essa interpretação não se restringe a apenas uma das etnias contempladas nesta pesquisa, uma vez que as ocorrências são de passagens dos discursos tanto de ítalo-brasileiros quanto de luso-brasileiros.

A menção à aparência física relacionada à felicidade foi feita por 3 sujeitos, sendo 2 mulheres e 1 homem. Esse dado, se considerado o contexto no qual ele emerge, ou seja, no século XXI, não é considerado surpreendente, uma vez que a vaidade não se restringe ao gênero feminino. Nesse tópico também não se observou diferença entre as etnias.

A felicidade também está associada à facilidade em resolver problemas. A sensação física prazerosa propiciada pela felicidade parece resultar em ações realizadas com disposição e ânimo, como já observado na primeira categoria dessa análise.

O relacionamento entre as pessoas também é diferente quando a felicidade está em jogo. A figura fechada, aos primeiros contatos, especialmente do italiano, fica de lado para dar lugar ao ato de extravasar os sentimentos. Pelos dados, nota-se que é em momentos de felicidade que tanto o ítalo-brasileiro quanto o luso-brasileiro deixam aflorar a sua

sensibilidade, especialmente com relação ao outro – num exercício de alteridade. Isso é mais forte ainda nas categorias 'doação' e 'tolerância', nas quais percebe-se claramente o deslocamento do 'eu' para o 'outro'.

O falar, especialmente o falar alto, é comumente relacionado ao imigrante italiano. Para citar um registro escrito sobre isso, remete-se à passagem de Meira (2004, p. 32) em que relata as viagens de ônibus até Antônio Prado, ainda quando o trajeto era em estrada de terra: “Os sons eram incompreensíveis para mim e para a Lia – um dialeto discursado às pressas, com veemência, ou melhor, com a eloquência característica da região”. No presente trabalho, o falar aparece também relacionado à felicidade. Mais uma vez parece que a felicidade, em decorrência da sensação física agradável que proporciona, possibilita que as pessoas realizem suas atividades e ações com mais disposição.

A totalidade dos tópicos analisados como práticas parecem também formar um conjunto coeso e coerente, assim como o sistema abstrato analisado nas seções 4.3 e 4.4, pois ambos – sistema abstrato e práticas – relacionam-se a bases corpóreas, sócio-culturais e cognitivas. Nesse caso, a felicidade está grandemente associada a práticas relacionadas a movimento, disposição e vitalidade. Isso reforça a circularidade das noções de cognição e cultura perseguida neste trabalho.

4.6 ANÁLISE DOS SIGNOS

Uma análise etnográfica dos eventos mencionados pelos sujeitos nas entrevistas corresponde, como quer Geertz (1989), a uma descrição densa, com observações e anotações minuciosas sobre os detalhes de cada momento. Uma vez que o que se tem aqui são dados elencados exclusivamente de entrevistas, sem observação participante, as considerações feitas são concernentes à preferência conferida a alguns eventos, e não a outros, pelos sujeitos. Afinal, as escolhas (preferências), que também são práticas, constituem cultura, como no estudo de Köves sobre o domínio-alvo VIDA citado por Kövecses (2005) – ver seção 2.2.2.2.

Assim, os eventos assumem relevância em sua ligação com felicidade.

Essa breve análise pode ser enquadrada no que Ribeiro e Pozenato (2004, p. 21) denominam registro do discurso relativo a 'usos e costumes', nível no qual, segundo os autores, “podem ser identificados os códigos da organização familiar, social e de produção, os ritos e preceitos a serem seguidos nas diferentes situações da vida e da coletividade e, por fim, os mitos orientadores da vida”. A análise põe em jogo a noção de cultura exposta em 2.4.1.3.

Para iniciar, destaca-se que, de modo geral, quando falaram de Antônio Prado, os sujeitos referiram um lugar ótimo para se morar, especialmente devido a dois fatores: a paisagem natural e a segurança:

“Eu acho que aqui em Antônio Prado a gente tem essa alegria [...], uma das coisas que eu admiro muito são as manhãs daqui, ensolaradas, bonitas, sabe. A gente, nós somos privilegiados pela natureza, né, pela beleza.”

“É mais, é mais tranquilo, se tem mais segurança, que é um fator fundamental.”

Quando tiveram espaço para falar sobre os momentos felizes de suas vidas, os sujeitos mencionaram oito eventos: primeira comunhão, formatura, namoro, casamento, nascimento dos filhos, trabalho, festas de fim de ano e aniversários.

Primeira comunhão:

“[Senti felicidade na] primeira comunhão.”

Esse evento está claramente associado à tradição católica, herdada especialmente dos imigrantes italianos. A menção a esse evento foi feita por apenas uma entrevistada. O relato deixa claro que esse evento marcou a vida da pessoa e está relacionado à felicidade, principalmente porque houve uma preparação intensa para esse momento. A entrevistada destaca a função da mãe nesse contexto:

“Minha mãe foi muito dedicada.”

Outro dado interessante mencionado por esse sujeito, de 50 anos, é que na época era

feito o jejum como preparação para a comunhão.

Formatura:

“[Senti felicidade] quando eu me formei.”

“A minha formatura [foi um momento de felicidade na minha vida].”

A menção à formatura foi feita por apenas um sujeito (mulher de 30 anos). No relato, a entrevistada dá destaque à felicidade da família em acompanhar a sua formatura. É comum na região os pais que não tiveram oportunidade de estudar apoiar e ter grande orgulho dos filhos que se formaram, especialmente em curso superior, como é o caso do sujeito desta pesquisa. Afinal, esses filhos precisaram sair do interior, Antônio Prado, e deslocar-se a outra cidade para freqüentar o curso. A felicidade da formatura envolve, em muitos casos, o momento de reencontro de pais e filhos.

Namoro:

“[Fui feliz] quando eu namorava.”

“Namorar deve ser o momento mais feliz da vida da gente.”

A referência ao namoro como momento de felicidade foi feita também por apenas um dos sujeitos. O que merece destaque a partir da entrevista é que o sujeito vê que o namoro de seu tempo (aproximadamente 1966) era maravilhoso, pois o relacionamento amadurecia aos poucos. A entrevistada ainda acrescenta que hoje *“a gente vê mais quase que sofrimento do que alegria no namoro”*.

A sensação da entrevistada de sentir-se valorizada no namoro é explícita em:

“[Fui feliz no namoro porque tive a oportunidade de] me sentir, assim, a única no mundo.”

Casamento:

“[Senti felicidade] quando eu me casei.”

“O meu casamento [foi um momento de felicidade].”

“O terceiro [momento de felicidade] é o meu casamento, que foi uma coisa muito bonita, muito legal, sabe, também foi um momento de felicidade, assim, intensa.”

Todas as referências a momentos do casamento incluem a cerimônia religiosa e a festa. Apenas um dos sujeitos, embora mencione o casamento como um dos momentos mais felizes da vida, relata que a festa foi realizada apesar do falecimento do pai da noiva três dias antes do casamento:

“Então a gente só realizou o civil e o religioso, aí a gente, claro, não tivemos festa, nem lua-de-mel.”

Um dos sujeitos destaca a importância da opção pessoal por casar. Isso merece destaque, pois, de acordo com Battistel (1983), para os imigrantes e seus primeiros descendentes, era comum a proibição do casamento de um católico com alguém de outra religião:

“O meu casamento, que dura 24 anos, né, e, assim, por opção, realmente, né.”

A fala de outro sujeito revela que há ainda a tradição de se casar cedo, uma vez que considera que 32 anos já é uma idade avançada para se casar:

“Casei velho, com trinta e dois anos.”

Nascimento dos filhos:

“Quando eu tive a primeira filha foi, assim, a minha única filha, né, foi o máximo [de felicidade].”

“[Felicidade foi] o nascimento dos filhos perfeitos.”

“[Felicidade] foi o nascimento dos meus dois filhos.”

“[Felicidade foi o nascimento] da minha filha e do meu filho.”

“Um [momento] de felicidade pra mim é o nascimento das minhas filhas.”

“Felicidade, pra de te descrever um, por exemplo, dois momentos felicíssimos da

minha vida, o nascimento dos meus dois filhos.”

Numa análise pontual do evento nascimento dos filhos, verifica-se que todos os 17 sujeitos que têm filhos mencionaram o nascimento deles como o momento mais feliz da vida. Se forem divididos os sujeitos que mencionaram esse evento de acordo com o gênero, será constatado que 10 mulheres e 7 homens o fizeram. Claro que a ligação entre mãe e filho é mais forte que entre pai e filho, uma vez que é a mulher quem fica mais próxima ao filho durante os meses de gestação. Mas esse raciocínio pode ir além, uma vez que em uma região como a pesquisada, com características muito marcadas devido à colonização italiana, ainda hoje, apesar de ser mais forte há alguns anos, a mulher é que tem a função de cuidar e educar os filhos. Isso remete à ligação forte que ainda persiste nesse sentido. Um dado que confirma isso é a constante menção, nas entrevistas, ao momento do parto, especialmente se foi normal:

“E depois fiquei muito feliz também por saber que ia ter parto normal.”

Uma entrevistada mencionou que sua felicidade foi maior porque o marido pôde acompanhá-la nos partos dos dois filhos. Outra entrevistada, ainda, destacou que o nascimento dos filhos promove uma mudança grande na vida dos pais, proporcionando, inclusive, principalmente no início, um sentimento de medo.

Acrescenta-se ao evento do nascimento dos filhos a convivência com eles, mencionada por um entrevistado:

“É tu saber ter os momentos e com que eles sejam presenciados.”

Para esse sujeito, compartilhar experiências com os filhos é dar a eles o que a sua geração (o sujeito tem 45 anos) não teve:

“Muitas vezes até coisas que tu não teve oportunidade, porque o meu pai tinha que trabalhar muito.”

O entrevistado assinala também que a convivência é um crescimento para os dois lados – pais e filhos:

“Eles conhecem um pouco da gente, e a gente muito deles.”

Ainda, para confirmar que os filhos são considerados grande parte da felicidade para os sujeitos pesquisados e, por extensão, para a cultura que eles representam, dois sujeitos têm filhos falecidos. O relato desses entrevistados é que eles perderam muito do sentido de sua felicidade e justamente o que os faz levar a vida adiante são os outros filhos que têm:

“Para mim, falar em felicidade é difícil, porque eu perdi meu filho e a felicidade para mim, no caso eu mostro pros meus filhos, pra vê-los felizes, mas pra mim mesmo...”

Trabalho:

“[Senti felicidade no] meu primeiro emprego.”

“[Senti felicidade no] dia em que eu conquistei, que a gente conquistou nosso, assim, adotar nosso negócio próprio.”

Uma das marcas registradas dos imigrantes e descendentes italianos no Rio Grande do Sul sem dúvida é o trabalho, principalmente em função do legado de ter que trabalhar a terra e construir toda uma história com o próprio suor. Como já se afirmou anteriormente, trabalhar significa conquistar melhores condições de vida e progredir.

Festas de fim de ano:

Eis mais uma forte tradição do legado da imigração. As famílias dos imigrantes e seus primeiros descendentes eram (em alguns casos, ainda são) numerosas. As festas, especialmente as de final de ano – Natal e Ano Novo – são um momento muito propício para reunir toda a família. Esse encontro é motivo de felicidade, como também se viu na conceitualização metonímica (ver seção 4.4.2).

“[Felicidade é o] Natal.”

“[Felicidade é o] fim de ano.”

Aniversários:

“[Felicidade é o] aniversário dum, duma mãe ou de alguém que tu goste.”

Um sujeito mencionou o aniversário da mãe como um momento muito especial e feliz. Apesar de ser específica, essa ocorrência revela mais uma vez a importância do encontro e do compartilhamento de momentos de vida, especialmente na família.

Mais uma vez percebe-se a força da família e da religião no contexto pesquisado. Os signos namoro, casamento e nascimento dos filhos estão ligados diretamente à idéia de família; enquanto que a religião é lembrada pelo menos na menção à primeira comunhão. Essa constatação é confirmada se as entrevistas forem submetidas à ferramenta “Listador de freqüências”, desenvolvida pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (LAEL – PUC-SP), a qual faz uma análise das palavras e sua respectivas freqüências. As palavras 'deus' e 'família' aparecem, respectivamente, 66 e 62 vezes, perdendo em vezes que aparece somente para 'felicidade', 'pessoa' e 'vida', se consideradas apenas as palavras de conteúdo³⁰.

³⁰ Palavra de conteúdo é usada aqui em oposição a palavra de função. Enquanto a primeira compreende especialmente substantivos, adjetivos, verbos e advérbios; a segunda é usada para designar basicamente preposições, conjunções, pronomes e artigos.

5 CONCLUSÃO

Eis a tela

Esta investigação procurou reforçar a relação entre metáfora e cultura basicamente a partir dos seguintes referenciais teóricos da Lingüística, da Sociologia e da Antropologia: Lakoff e Johnson (1980), Kövecses (2005), Strauss e Quinn (1997), Bourdieu (2000), Foley (1997) e Geertz (1989). Os dados, coletados a partir de entrevistas, são de 20 sujeitos falantes de português que compartilham experiências culturais específicas. As questões que nortearam o trabalho remetem essencialmente à dialética da universalidade e variabilidade na conceitualização metafórica.

As hipóteses iniciais de que, para a conceitualização de felicidade, existem elementos mais universais e outros mais culturais e de que Antônio Prado tem práticas e signos peculiares que se refletem no uso da linguagem foram confirmadas. Apesar disso, no decorrer da investigação, necessitou-se tirar o foco da conceitualização metafórica e ampliar a análise para a metonímia. Outro dado novo, pois não consta no estudo sobre felicidade de Kövecses (2003b), é a personificação. Isso revela variação, uma vez que a preferência cognitiva, especialmente a escolha entre metáfora e metonímia, é tratada por Kövecses (2005) como causa da variação metafórica.

Constatou-se que os sujeitos pesquisados, que representam a antiga Região de Colonização Italiana no Rio Grande do Sul, ao falarem sobre felicidade, usam mais freqüentemente a metonímia. Talvez o uso da metonímia para a conceitualização de felicidade não seja decorrente de um fator cultural, mas sim de um fator inerente ao próprio conceito de felicidade. Por ser complexa, para compreendê-la as pessoas buscam elementos de sua vivência para representá-la. Quando um domínio é representado em termos de outro, tem-se uma metonímia. A grande metonímia conceitual visualizada a partir dos dados desta pesquisa é PARTE PELO TODO, revelando no domínio que representa a felicidade basicamente motivos que a proporcionam.

A análise do domínio-alvo FELICIDADE fundamentou-se na investigação das metáforas alternativas desse domínio, ou seja, das variedades desse alvo. Apesar disso, durante a análise, verificou-se também a associação de felicidade a domínios-fonte já recorrentes, o que mostra que, em algum grau, o estudo alcançou também o que Kövecses (2005) denomina escopo da fonte ou, em outras palavras, quais os diferentes domínios-alvo associados a um certo domínio-fonte. Um exemplo é o domínio-fonte VIAGEM, comumente associado a AMOR e VIDA, mas que, neste estudo, também está associado a FELICIDADE.

Tratando-se das três diferentes abordagens para cultura revisadas no quadro teórico, verifica-se que elas resultaram em três momentos distintos de análise dos dados. As três análises mostraram-se coerentes entre si, o que reforça que as noções de cultura são complementares. Elas também provam mais uma vez que os estudos lingüísticos são enriquecidos quando acrescidos pelos olhares da Sociologia e da Antropologia.

A hipótese lançada na seção 4.2 de que a felicidade estaria associada à família e à religião foi confirmada. Esses são legados fortes, especialmente dos imigrantes italianos, e persistem ainda na terceira e na quarta gerações de descendentes. Claro que se acrescentam a esses dois aspectos muitos outros, como a beleza, por exemplo, que se poderia arriscar ser mais decorrente do mundo moderno do que da tradição da imigração, se considerada a imposição dos padrões atuais. Essa observação é coerente com a teoria de Kövecses (2005) no que se refere ao papel da história na conceitualização metafórica compartilhada por determinado grupo, mas vai além por considerar que o contexto global atual também é responsável por essa conceitualização. No caso mencionado, o forte culto à beleza, tanto por parte de mulheres quanto de homens, pode ser observado de modo geral, ganhando nos últimos tempos uma grande notoriedade (OLIVEIRA, 2002).

Uma hipótese explicativa para o fato de não terem sido encontradas diferenças muito significativas entre os usos metafóricos de ítalo-brasileiros e luso-brasileiros, além do convívio social, pode ser encontrada em Hall (2003) no que se refere à descentralização das

identidades modernas. Talvez essa diferença aparecesse mais caso se comparasse a identidade do (então) ítalo-luso-brasileiro de Antônio Prado com outra no âmbito nacional, para testar a hipótese de que haveria um reforço, nos termos de Hall (2003), dessa identidade como resistência à globalização. Assim, a dimensão étnica (KÖVECSES, 2005) não é tão significativa na variação metafórica quando se trata de grupos étnicos que convivem em um mesmo contexto social.

Uma tela representativa da felicidade pode ser de muitas formas e muitas cores. A que se encerra aqui é apenas uma possibilidade. O desejo é que ela cumpra o objetivo de representar (metonimicamente) uma parte da cultura de um certo grupo de pessoas do Rio Grande do Sul. Apesar de findar esta tarefa, a tela não fica acabada. Antes o contrário: fica à espera de releituras.

REFERÊNCIAS

ANTÔNIO PRADO. *Nordeste Gaúcho*, v. 1, p. 8, 28 set. 2005.

ARQUIVO NORONHA SANTOS. Disponível em:
<<http://www2.iphan.gov.br/ans/inicial.htm>>. Acesso em: 6 fev. 2006.

AZEVEDO, Thales de. *Italianos e gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro, 1975.

_____. *Os italianos no Rio Grande do Sul: cadernos de pesquisa*. Caxias do Sul: Educs, 1994.

BACHMAN, Lyle. Communicative language ability. In: _____. *Fundamental considerations in language testing*. Oxford: Oxford University Press, 1990. p. 81-110.

BATTISTEL, Arlindo Itacir. Colônia italiana: religião e costumes. In: BATTISTEL, Arlindo Itacir; COSTA, Rovílio. *Assim vivem os italianos: religião, música, trabalho e lazer*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1983. p. 598-627. v. 2.

BATTISTEL, Arlindo Itacir; COSTA, Rovílio. *Assim vivem os italianos: religião, música, trabalho e lazer*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1983. v. 2.

BONNEWITZ, Patrice. *Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu*. Tradução Lucy Magalhães. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

_____. *Outline of a theory of practice*. Tradução Richard Nice. 14. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

CAMARA JR., J. Matoso. *Dicionário de lingüística e gramática: referente à língua portuguesa*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

CDL – Antônio Prado. *Dados de Antônio Prado*. Disponível em:
<http://www.cdlprado.com.br/informacoes_gerais.php>. Acesso em: 28 jun. 2006.

CENNI, Franco. *Italianos no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CHARTERIS-BLACK, Jonathan. Speaking with forked tongue: a comparative study of metaphor and metonymy in english and malay phraseology. *Metaphor and Symbol*, n. 18, v. 4, p. 289-310, 2003.

CLEMENTE, Ivo. O imigrante italiano. In: SULIANI, Antonio; COSTA, Rovílio (Org.). *Cultura italiana – 130 anos = Cultura italiana – 130 anni: 1875-2005*. Porto Alegre: Nova Prova, 2005. p. 33-37.

COSTA, Rovílio. *Apresentação à obra 'Cultura e desenvolvimento: uma investigação*

sociológica sobre os imigrantes italianos e alemães no sul do Brasil!. Disponível em: <<http://www.esteditora.com.br/textos/cultura.htm>>. Acesso em: 21 jun. 2006.

DE BONI, Luis Alberto; COSTA, Rovílio. Os italianos fazendo a América no Rio Grande do Sul. In: SULIANI, Antonio; COSTA, Rovílio (Org.). *Cultura italiana – 130 anos = Cultura italiana – 130 anni: 1875-2005*. Porto Alegre: Nova Prova, 2005. p. 25-29.

DEIGNAN, Alice. *Metaphor and corpus linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

_____. Metaphorical expressions and culture: an indirect link. *Metaphor and Symbol*. n. 18, v. 4, p. 255-271, 2003.

DURANTI, Alessandro. *Antropologia lingüística*. Tradução Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

FILIPAK, Francisco. *Teoria da metáfora*. Curitiba: HDV, 1983.

FOLEY, William A. *Anthropological linguistics: an introduction*. Oxford and Malden: Blackwell, 1997.

FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olívia Mantovani. Bilingüismo, identidade étnica e atitudes lingüísticas. In: CHAVES, Flávio Loureiro; BATTISTI, Elisa (Org.). *Cultura regional 2: língua, história, literatura*. Caxias do Sul, Educus, 2006.

FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. *Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Movimento; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1975.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIBBS, Raymond W. Embodied experience and linguistic meaning. *Brain and language*, n. 84, p. 1-15, 2003.

_____. Taking metaphor out of our hands and putting it into the cultural world. In: GIBBS, Raymond W.; STEEN, Gerard (Ed.). *Metaphor in cognitive linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p. 146-166.

GIRON, Loraine Slomp. A imigração italiana no RS: fatores determinantes. In: GONZAGA, Sergius; DACANAL, José Hildebrando; BARROS, Eliane Cruxên (Org.). *RS: imigração e colonização*. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996. p. 47-66. (Série Documenta; 4).

GUBERT, Renzo et al. *Cultura e sviluppo: un'indagine sociologica sugli immigrati italiani e tedeschi nel Brasile meridionale*. Milano: Franco Angeli, 1995.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. Fundamentos socioeconômicos do desenvolvimento da zona colonial italiana no Rio Grande do Sul. In: RADIN, José Carlos (Org.). *Cultura e identidade italiana no Brasil: algumas abordagens*. Joaçaba: UNOESC, 2005. p. 207-313.

IBGE. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 22 abr. 2005.

KÖVECSESE, Zóltan. Language, figurative thought, and cross-cultural comparison. *Metaphor and Symbol*, n. 18, v. 4, p. 310-319, 2003a.

_____. *Metaphor and emotion: language, culture, and body in human feeling*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003b.

_____. *Metaphor in culture: universality and variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

_____. The scope of metaphor. In: BARCELONA, Antonio (Ed.). *Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 79-92.

LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, Andrew (Ed.). *Metaphor and thought*. New York: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.

_____. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George; KÖVECSESE, Zóltan. The cognitive model of anger inherent in American English. In: HOLLAND, Dorothy; QUINN, Naomi (Ed.). *Cultural models in language and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. p. 195-221.

LAYTANO, Dante de. *Legado luso-açoriano na formação do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Sul, 1974, v. 1; v. 2.

LIMA, Paula Lenz Costa. Metáfora e linguagem. In: FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes (Org.). *Produção de sentido: estudos interdisciplinares*. São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul: Educs, 2003. p. 155-180.

MAALEJ, Zouhair. Figurative language in anger expressions in tunisian arabic: an extended view of embodiment. *Metaphor and Symbol*, n. 19, v. 1, p. 51-75, 2004.

MANFRÓI, Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: Grafosul; Instituto Estadual do Livro, 1975.

_____. Imigração e nacionalismo. In: DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (Org.). *Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e IX Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros*. Caxias do Sul: Educs, 1999. p. 44-54.

MEIRA, Ana Lúcia Goelzer. Por trás dos lambrequins. In: RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio; POZENATO, José Clemente (Org.). *Cultura, imigração e memória: percursos e horizontes*. Caxias do Sul: Educs, 2004. p. 32-39.

MULLER, Alba Leticia et al. *Aspectos da constituição sócio-cultural do Rio Grande do Sul – Brasil*. Disponível em: <<http://www.unifra.br/professores/marceloarend/imigrantes%20socio0cultural.pdf>>. Acesso em: 24 maio 2006.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. Em jogo... os jogos da beleza. *Revista Estudos*

Feministas, n. 1, v. 10, p. 254-256, jan. 2002. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2002000100026&script=sci_arttext&tlng=en>. Acesso em: 20 jun. 2006.

OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

OXFORD Advanced Learner's Dictionary. 5. ed. Oxford: Oxford University Press, 1995.

ÖZÇALISKAN, Seyda. Metaphorical motion in crosslinguistic perspective: a comparison of english and turkish. *Metaphor and Symbol*, n. 18, v. 3, p. 189-299, 2003.

PAUWELS, Paul. Putting metonymy in its place. In: PANTHER, Klaus-Uwe; RADDEN, Günter (Ed.). *Metonymy in language and thought*. Philadelphia: John Benjamins, 1999. p. 255-272.

PAVIANI, Jayme. *Cultura, humanismo e globalização*. Caxias do Sul: Educs, 2004.

POZENATO, José Clemente. Algumas considerações sobre região e regionalidade. In: FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes; ZILLES, Urbano (Org.). *Filosofia: diálogo de horizontes*. Porto Alegre: EDIPUCRS; Caxias do Sul: Educs, 2001. p. 583-592.

_____. (Org.). *Processos culturais na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: Educs, 1990.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. *Renda cai e Brasil continua em 63º no IDH*. Disponível em:

<http://www.pnud.org.br/pobreza_desigualdade/reportagens/index.php?id01=1445&lay=pde#>. Acesso em: 28 jun. 2006.

REDDY, Michael. The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, Andrew (Ed.). *Metaphor and thought*. New York: Cambridge University Press, 1979. p. 228-324.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio. Região colonial italiana no Rio Grande do Sul: imigração e antropologia. In: DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (Org.). *Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e IX Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros*. Caxias do Sul: Educs, 1999. p. 83-93.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio; POZENATO, José Clemente. Projeto Ecirs: guardião de uma cultura. In: _____ (Org.). *Cultura, imigração e memória: percursos e horizontes*. Caxias do Sul: Educs, 2004. p. 15-27.

ROBINS, R. H. *Pequena história da lingüística*. Tradução Luiz Martins Monteiro de Barros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983. (Coleção Lingüística e Filologia).

SANTAELLA, Lúcia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. *Colonos do vinho: estudo sobre a subordinação do trabalho componês ao capital*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1984.

SCHIO, Sônia Maria. A concepção de metáfora em Platão. *Dissertatio*, n. 15-16, p. 41-60,

2002.

SINHA, Chris; LÓPEZ, Kristine Jensen de. Language, culture and the embodiment of spatial cognition. *Cognitive Linguistics*, n. 11, v. 1/2, p. 17-41, 2000.

SIQUEIRA, Maity. *As metáforas primárias na aquisição da linguagem: um estudo interlingüístico*. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SOUZA, João Valdir Alves de. Estrutura e ação na sociologia contemporânea: Pierre Bourdieu e Michel de Certeau. *Revista de Ciências Humanas*, v. 3, n. 1, p. 23-33, jul. 2003.

STRAUSS, Claudia; QUINN, Naomi. *A cognitive theory of cultural meaning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

TALEBINEJAD, M. Reza; DASTJERDI, H. Vahid. A cross-cultural study os animal metaphors: when owls are not wise! *Metaphor and Symbol*, n. 20, v. 2, p. 133-150, 2005.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sócio-lingüística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.

WIKIPEDIA. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Entailment>>. Acesso em: 13 junho 2006.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.

YU, Ning. Metaphor, body, and culture: the Chinese understanding of gallbladder and courage. *Metaphor and Symbol*, n. 18, v. 1, p. 13-31, 2003.

_____. Metaphorical expressions of anger and happiness in English and Chinese. *Metaphor and Symbolic Activity*, n. 10, p. 233-245, 1995.

APÊNDICE 1 – FICHA SOCIAL

Nome: _____

Idade: _____ Sexo: () feminino () masculino

Estado civil:

() solteiro(a) () casado(a)
() divorciado(a) () outro. Qual? _____

Filhos: () Não. () Sim. Quantos? _____

Com quem mora? _____

A família é unida? () não () sim

Satisfação pessoal: () não () sim () mais ou menos

Escolaridade:

- () Ensino Fundamental (1º Grau) incompleto
 () Ensino Fundamental (1º Grau) completo
 () Ensino Médio (2º Grau) incompleto
 () Ensino Médio (2º Grau) completo
 () Ensino Superior incompleto
 () Ensino Superior completo
 () Curso de Pós-Graduação incompleto
 () Curso de Pós-Graduação completo
 () Não freqüentou a escola

Profissão: _____

Satisfação profissional: () não () sim () mais ou menos

Renda:

- () menos de R\$ 200,00 () de R\$ 1.101,00 a R\$ 1.700,00
 () de R\$ 201,00 a R\$ 400,00 () de R\$ 1.701,00 a R\$ 2.500,00
 () de R\$ 401,00 a R\$ 700,00 () de R\$ 2.501,00 a R\$ 3.500,00
 () de R\$ 701,00 a R\$ 1.100,00 () acima de R\$ 3.501,00

Origem étnica: () ítalo-brasileira () brasileira

Enfrentou ou enfrenta algum problema de saúde? () não () sim

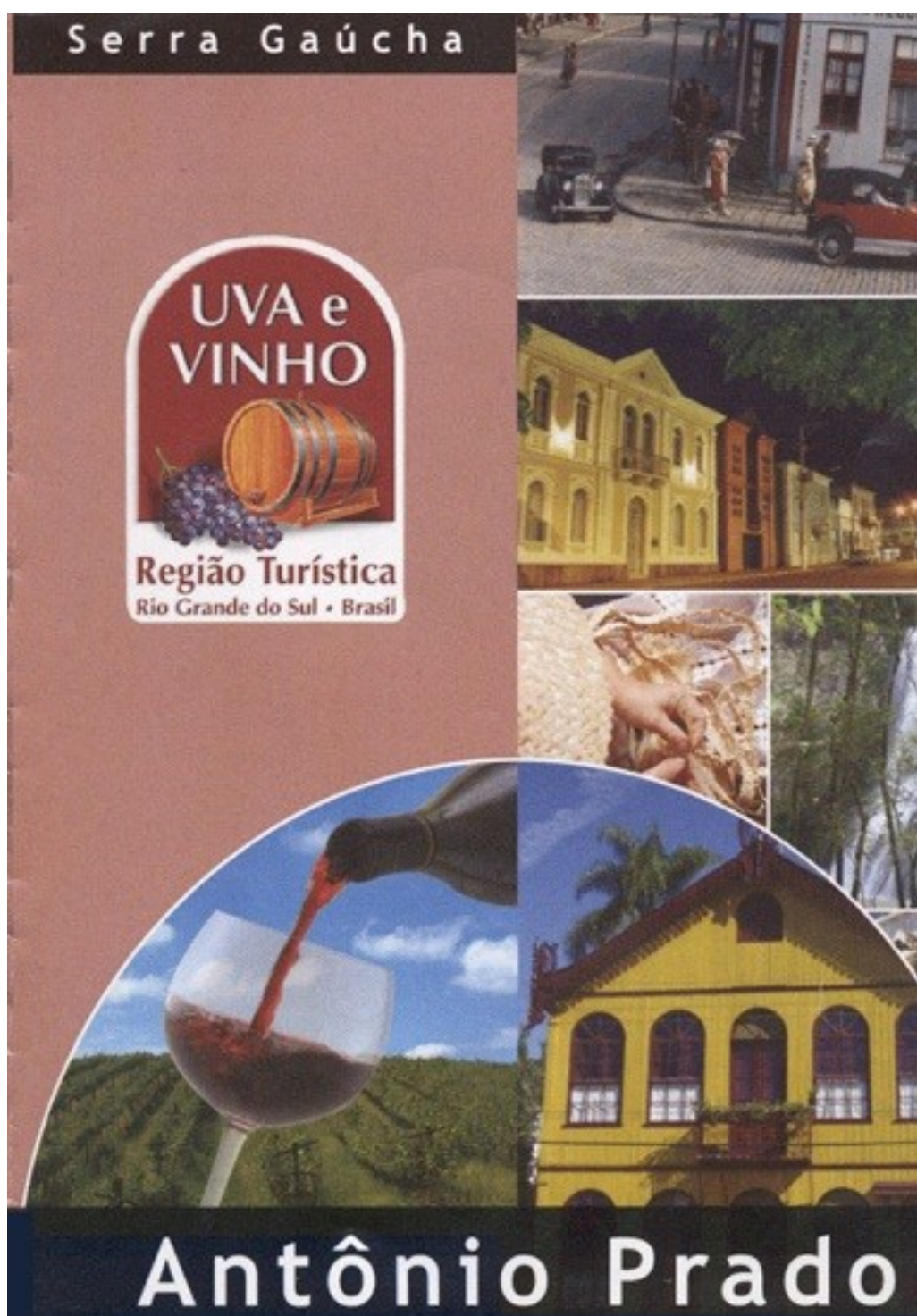
Religião:

Praticante? () não () sim

APÊNDICE 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Como você vê a felicidade para as pessoas em geral: no Brasil e no mundo? E em Antônio Prado?
2. O que significa felicidade para você?
3. Que características têm essas coisas que você define como sendo a sua felicidade?
4. Com o que (imagem) você relaciona felicidade? Se você tivesse que fotografar a felicidade, como seria essa fotografia?
5. Algum momento de felicidade na vida.
6. Como você se sentiu nesse momento? Qual a sensação? Qual a sensação do corpo?
7. Quando a pessoa sente tristeza, ela chora; quando sente felicidade, ela sorri. Como posso saber quando você está sentindo felicidade? O que a felicidade faz com você? Como você demonstra que está sentindo felicidade?
8. Como você observa que outras pessoas estão sentindo felicidade? Como elas demonstram isso? Como elas ficam?
9. A felicidade pode ser algo permanente/duradouro? Por quê? Como?

**ANEXO 1 – PARTE DE FÔLDER DE DIVULGAÇÃO DO MUNICÍPIO –
MICRORREGIÃO DA UVA E DO VINHO**



ANEXO 2 – PLACA LOCALIZADA NA ENTRADA DO MUNICÍPIO DE ANTÔNIO PRADO PELA RS-122



Foto: Da autora, junho de 2006.

ANEXO 3 – FÔLDER COMPLETO DE DIVULGAÇÃO DO MUNICÍPIO

Como chegar



Distância de Antônio Prado à

Porto Alegre	182 Km
Caxias do Sul	97 Km
Fozes de Iguaçu	22 Km
Viamão	47 Km

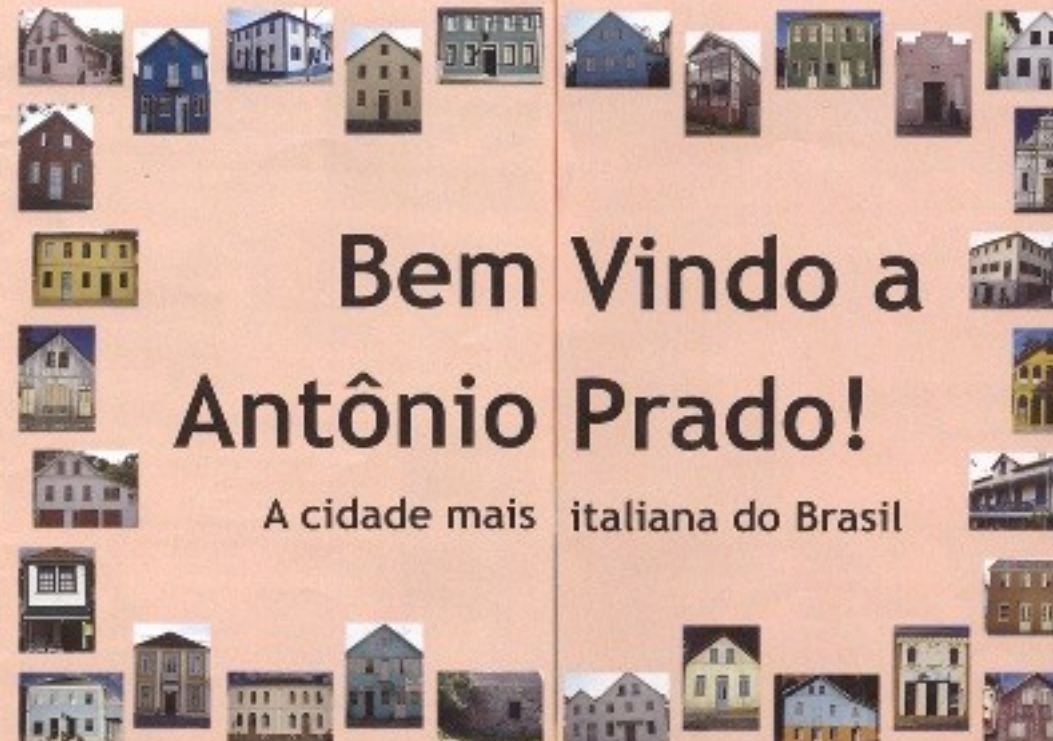
O Município de Antônio Prado possui um Patrimônio Tombado constituído por casas de madeira e alvenaria que foram construídas no final do século XIX e no início do século XX, pelas imigrantes italianas que, nesse período, colonizaram a Região Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul. Essas casas foram tombadas em 1989, como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, por serem consideradas importantes para a preservação da cultura e da identidade nacional. São 43 edificações localizadas nas principais ruas do centro da cidade e que possuem significativo valor para a história e a cultura da cidade e da região. Em 1995, Antônio Prado emprestou sua imagem de centro histórico para as gravações do filme O Quatrilho.

Serra Gaúcha




Antônio Prado

Conheça nossa cultura!



Bem Vindo a Antônio Prado!

A cidade mais italiana do Brasil

A cidade mais italiana do Brasil

Antônio Prado foi a sexta colônia imperial a ser criada na Serra Gaúcha, fundada em 14 de maio de 1886 com o nome de Poese Nuovo. A cidade foi instituída como município autônomo em 11 de fevereiro de 1899.



Onde comer?

Restaurante Italiano
Fone: (54)293.1746

Churrascaria Prudente
Fone: (54)293.3374

Restaurante Nostra Cantina
Fone: (54)293.293.4057

Bar Nordeste
Fone: (54)293.1208

O Poção Bar e Restaurant
Fone: (54)293.3131

Restaurante Clube União
Fone: (54)293.1226

Restaurante Planalto P&S
Fone: (54)293.1940

Onde se aventurar?

JD Turismo
(54) 293.2168
Rafting

Tosi Matti
(54) 293.2021
www.tosimatti.com.br
Rafting
Cascading
Pêndulo
Rapel
Mountain Bike
Tirolesa
Pesquisa pelas rotas
Trekking




Onde se hospedar?



Pousada Colonial De Rossi
Localizada no interior da cidade, dispõe de 6 cabanas e 6 apartamentos com TV, frigobar, restaurante, garagem e sala de convenções. Oferece trilhas ecológicas e passeios de Jeep.
Linha Silva Tavares, s/nº - Santo Ildoro
Fone/Fax: (54) 293.1771 / 9973.3067
www.pousadaderossi.com.br

Pousada Zanotto

Localizada no interior da cidade, dispõe de 5 cabanas com TV, frigobar, garagem e restaurante. Oferece pesque e pague.
Linha Silva Tavares, s/nº - Santo Ildoro
Fone/Fax: (54)293.3093 / 99733068
www.pousadazanotto.com.br



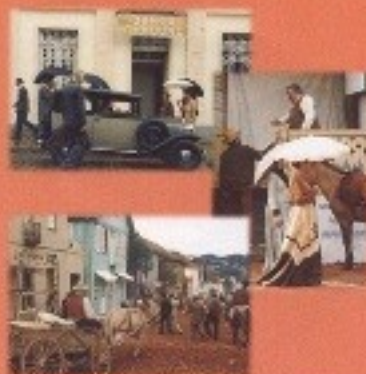
Piemonte Hotel
Localizado no centro da cidade. Dispõe de 21 apartamentos com TV, ar-condicionado, frigobar e garagem.
Av. Valdomiro Bochese, 634
Fone/Fax: (54) 293.1280
e-mail: piemontehotel@noi.com.br

Hotel Prudente

Localizado no centro de cidade. Possui 47 apartamentos com TV, ar-condicionado, frigobar e restaurante.
Av. Valdomiro Bochese, 360
Fone/Fax: (54)2931105



Uma cidade de cinema.



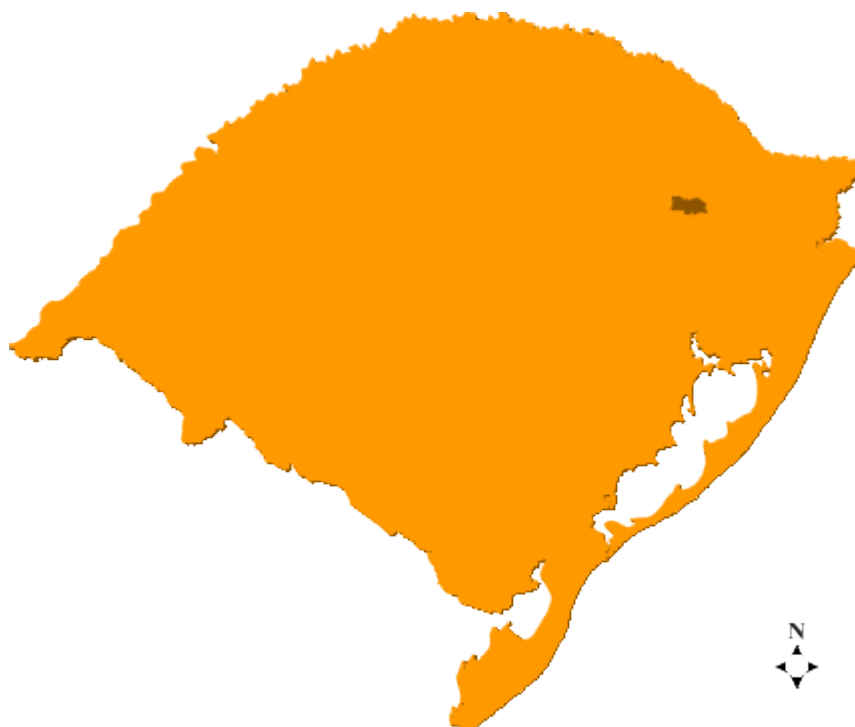
Antônio Prado também foi um "mundo de cinema", foi cidade escolhida pelos produtores do filme "Quatrilho", hoje o município recebe vários turistas de diversas partes do mundo e do Brasil para conhecer de perto o cenário para nós o cenário das belezas de nossa cidade.

Ecoturismo

Famosa pela sua Patrimônio Histórico, Antônio Prado concentra uma enorme quantidade de atrativos híbridos. O ecoturismo vem crescendo a cada dia com lindas paisagens naturais e as diversas atrações do turismo de aventura em nosso município.



ANEXO 4 – MAPA DA LOCALIZAÇÃO DE ANTÔNIO PRADO NO RIO GRANDE DO SUL



Fonte:

http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/resumo/pg_municipios_detalhe.php?municipio=Ant%F4nio+Prado